



POESIAS DE LUTA DA AMÉRICA LATINA

Pesquisa e tradução
de Jeff Vasques
www.eupassarinho.org
jeffvasques@gmail.com

Prefácio de
Mauro Iasi e Luis C. Scapi

Capa de
Batata Sem Umbigo
Instagram:
[@batatasemumbigo](https://www.instagram.com/batatasemumbigo)

Revisão:
Tomas Rosati
Lucas Bronzatto

2ª edição - 2017





*Esta obra não possui fins lucrativos
que ela contribua para o fim da sociedade do capital.*





APRESENTAÇÃO

Poesia em tempos de barbárie?

“Quem é o ignorante que sustenta que a poesia não é indispensável aos povos? Há pessoas de tão curta visão mental, que crêem que toda a fruta se resume a sua casca. A poesia, que congrega ou desagrega, que fortifica ou angustia, que sustenta ou demole as almas, que dá ou tira dos homens a fé e o alento, é mais necessária aos povos que a própria indústria, pois esta lhes proporciona o modo de subsistir, enquanto que aquela lhes dá o desejo e a força da vida.”

As afirmações desta epígrafe soam exageradas e logo imaginamos que foram proferidas por algum artista idealista, sonhador, descolado da realidade da luta de classes. Contudo, não é este o caso. São palavras de ninguém menos que José Martí, um dos maiores poetas de nosso continente e o maior líder da luta pela independência cubana, morto no campo de batalha por essa causa. Sabendo disso, somos obrigados a reler essas provocações, digeri-las. Qual seria o papel da poesia em nosso tempo?

Em um mundo em que a miséria e a violência irracional crescem barbaramente, a arte e a poesia parecem perder qualquer função. Qual seria a utilidade da poesia para a lutadora e para o lutador que lidam, a todo instante, com situações urgentes, duras, concretas? Por que perder o precioso tempo da luta com poesia? Quantas batalhas já foram ganhas com um verso? Parece que as imensas tarefas colocadas diante de nós simplesmente não rimam com poesia...

Se seguirmos essa lógica utilitarista, seria um enorme contrassenso que, em meio a uma guerrilha, na selva, um combatente faminto, exausto, asmático, abrisse espaço, em seus raros intervalos de descanso, para a poesia. Pois esse guerrilheiro existiu e não só dedicava esse tempo à leitura, como escrevia em seus cadernos surrados poemas em meio à batalha. Esse guerrilheiro-poeta foi Che Guevara.





Che, assim como inúmeros outros militantes e artistas revolucionários, nos mostra que é justamente diante das lutas e períodos históricos mais difíceis quando se faz mais necessário fortalecer nossa humanidade, ainda que esmagada, torturada, ainda que pálida, magra, esquelética. De tanto lutarmos contra abismos, corremos o risco de nos abismarmos. Por isso, neste período de barbárie, mais do que nunca precisamos fortalecer tudo que nos faz mais humanos, menos máquinas, menos engrenagens, tudo que nos devolva o gosto rebelde das pequenas-grandes alegrias e liberdades, subvertendo a ordem do dia. Nisso, e em algumas outras coisas, pode nos ajudar a arte, a poesia. E, mais intimamente, nos toca aquela poesia produzida por lutadores e lutadoras de nossa classe, produzida por aqueles que dedicaram sua vida para que houvesse mais vida: poetas e poesias de luta.

Essas são poesias comprometidas com a minha e com a tua vida, como nos diz Thiago de Mello. Poesias que não são somente para o deslumbramento, grande adereço da melancolia, como falava Dalton, mas que seguem sendo belas entre as belas armas reais que brilham debaixo do sol, entre nossas mãos e sobre nossos ombros. Poemas que no povo se fazem maduros como o sol na garganta do futuro, afirmou certo Gullar. Poesias daqueles que sabem que nem só de poesia vive o poeta, que há o fim do mês, como sempre nos alertou Solano Trindade; poesia dos que defendem que a vida é a mais alta poesia, como provocava Otto Castillo. Poesia que é menos que poesia, talvez anti-poesia, como ensinou Nicanor Parra, ou então é mais que poesia, é a muralha – de Guillén – se abrindo diante do coração amigo e se fechando para o veneno e o punhal traiçoeiros. Um incêndio no sangue, sentia Rugama, um relâmpago perpétuo, trovejava Scorza. Poesia que crava pés no chão para abrir, no olhar, horizontes. Poesia contraditória: sim dentro do não. Poesia para os que precisam se enternecer, sem perder a dureza, jamais! Sim, camaradas, há lugar para os poetas na barricada, como nos anuncia Pedro Tierra, e esses são tão importantes porque com suas palavras levantam bandeiras,





entoam hinos, atiram contra os inimigos, enfim, nos devolvem “desejo e força de vida”, como nos dizia Martí.

Poesia comprometida e poesia de luta

Toda poesia, toda literatura, toda arte é comprometida. O artista, ao escolher certos temas e certas formas para expressá-los, manifesta, ainda que de forma inconsciente, um olhar específico sobre seu gênero artístico e uma determinada postura sobre o mundo em que vive. Nascemos mergulhados na história e tudo que produzimos, sejam cadeiras, poemas, ou utopias, estão encharcados das relações históricas de produção, com suas formas específicas de poder, luta e valoração. O poema vem ao mundo não só pelas mãos do poeta, mas também pelas mãos da história. Paraphraseando Marx, os poetas fazem seus próprios poemas, mas não o fazem como querem, não o fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam, a partir de sua classe, legadas pelas lutas do passado. Partimos sempre de um chão histórico dado e podemos negá-lo ou aceitá-lo, seja em aspectos específicos ou em sua totalidade. Não há, portanto, como separar o ser-no-mundo de sua obra artística. Toda poesia, nesse sentido, é política, mesmo quando não aborda questões sociais e políticas, porque expressa, com seu fazer artístico ou silêncio seletivo, vetores que legitimam ou rompem com o mundo herdado.

Mas nem toda poesia, literatura, arte é “de luta”. Primeiro, é preciso esclarecer que quando digo “poesia de luta” não me refiro aos poemas que trazem necessariamente em seu conteúdo questões político-sociais, mas àqueles produzidos por militantes que lutam pela superação do capitalismo em diversos graus de engajamento. Se a militância revolucionária se torna parte substancial da vida do poeta, sua poesia refletirá, direta ou indiretamente, as contradições, a consciência e o olhar próprio de uma subjetividade revolucionária, que luta. E é dentre essa poesia, “de luta”, que podemos encontrar o que há de mais desenvolvido na poética mundial. Para explicar melhor essa





minha afirmação, traço um paralelo com a reflexão de Michael Löwy acerca da produção do conhecimento revolucionário.

Para Löwy, a atividade de compreender a realidade se assemelha à ação de um artista ao pintar a paisagem, capturando o real com seu pincel. Para essas atividades são fundamentais: 1. a posição (mirante) do artista/cientista, ou ponto de vista de classe que define o horizonte de visão da realidade, que define a *possibilidade objetiva* de uma visão determinada da paisagem; 2. a técnica do artista ou método de pesquisa do cientista, a "forma de olhar" que pode concretizar essa *possibilidade objetiva*. Essa forma de olhar é condicionada não só pela posição de classe, mas por outras determinações, que lhe conferem uma autonomia relativa, como: nacionalidade, geração, cultura, sexo, o acúmulo em relação à tradição (clássicos) e, por fim, as qualidades individuais. Löwy conclui que a ciência situada na perspectiva mais vasta e mais totalizante (que ocupa o melhor mirante) é a vinculada à classe proletária, que precisa da verdade para se libertar e, em sua luta, conhece elementos específicos de sua realidade que são, também, conhecimentos necessários a toda sociedade. Só a classe trabalhadora pode perceber, de forma concreta e mais completa, a historicidade do sistema capitalista, permitindo a sua superação. É importante fazer a ressalva de que a perspectiva do proletariado (seu "mirante") de forma alguma **garante** o conhecimento da verdade social e a superação do capitalismo, apenas permite uma possibilidade mais objetiva de acesso à verdade.

Como Löwy, defendo que a classe trabalhadora não só ocupa a melhor posição social (o melhor "mirante", segundo sua metáfora espacial) para compreender a realidade (conhecimento científico), como, também, para apreendê-la artisticamente. E, dentre a classe, sua vanguarda revolucionária estaria ainda em melhores posições, já que se encontra na crista das contradições dinâmicas entre capital e trabalho. Logo, os poetas da classe trabalhadora, em especial os poetas da vanguarda em luta da classe trabalhadora, ocupam a melhor posição social para observar,





vivenciar, sentir e apreender as contradições dinâmicas da realidade e produzir a melhor poesia, a mais necessária, aquela que é resultado dos confrontos entre o velho e novo ser humano, entre a velha e a nova ordem social. É da arte em luta que pode florescer a arte mais desenvolvida de nosso tempo histórico, a arte revolucionária. Mas é importante frisar, assim como fizemos sobre a produção do conhecimento, que ser “de luta” não faz dessa poesia, automaticamente, a mais desenvolvida. Ocupar o melhor “mirante” estabelece, apenas, melhores condições ao poeta para apreender a realidade em seu movimento objetivo e subjetivo nos corações e mentes.

Recapitulando: 1) toda poesia é comprometida; 2) nem toda poesia é de luta; 3) é dos poetas lutadores, de suas poesias de luta, que pode nascer a poesia mais desenvolvida de nosso período histórico. Não se deve concluir dessas afirmações que a arte ou poesia produzida pela burguesia é desnecessária. Em diversos momentos históricos foram estes que produziram o conhecimento mais justo sobre a realidade e a arte mais representativa. Por isso, é importante absorvermos os clássicos, aqueles que fizeram o conhecimento e a arte avançar ainda que com limitações relacionadas a seu horizonte de classe. O que não podemos aceitar, de forma alguma, é desconhecer a arte e a poesia produzida pela vanguarda revolucionária de nossa própria classe. Pois é essa a arte, é essa poesia, que abre caminho para a superação do capitalismo, seja ao denunciar suas misérias sociais e íntimas; seja ao apresentar germes da nova mulher e do novo homem; seja ao nos ajudar na apreensão da realidade (externa e interna, em seus aspectos racionais e emocionais); seja ao construir símbolos de unidade da classe em luta; seja ao cantar a memória de nossos atos históricos e mártires. É esse tipo de poesia, a de luta, possivelmente a mais desenvolvida de nossa Pátria Grande neste século, a que entoia o “canto melhor”, o “canto necessário”, que você encontrará nesta antologia.





Poesias de luta da América Latina

Esta antologia é, muito provavelmente, a primeira do gênero no Brasil. Ao menos, não tenho conhecimento de qualquer outra como esta. Já foram produzidas antologias similares, mas focadas na poesia brasileira, como as organizadas no livro “Canto Melhor”, por Manoel Sarmiento Barata, em 1969, e nos Cadernos do Povo Brasileiro – Poemas para a Liberdade (CPC da UNE), por Moacyr Félix, em 1963. Mas nenhuma abrange a poesia latinoamericana. Há a interessante antologia “Poetas da América de Canto Castelhana” de Thiago de Mello, mas que não está dedicada aos poetas de luta. Mesmo em língua espanhola, nas Américas, não há muitas coletâneas com esse caráter. Ao que tudo indica, a primeira antologia do gênero surge em 1975, impressa pelo governo cubano com o nome de “Assalto aos céus”. Tive conhecimento de apenas quatro outras antologias do gênero, dentre elas a “Poesia Trunca”, organizada por Mario Benedetti, em 1977, importante divulgador e incentivador desses poetas combatentes.

Essa ausência de antologias se dá, em grande medida, pelo apagamento histórico resultante da contra-ofensiva burguesa após o avanço das revoluções socialistas do século e de seus levantes populares pela América. Essa contra-ofensiva impôs a derrota à esquerda revolucionária através das ditaduras instauradas em toda a América, orquestradas pelo imperialismo norte-americano. No Brasil, em específico, esse apagamento se agrava por uma certa postura econômica e cultural imperialista, que se fecha para a produção artística da América Latina. Ainda mantemos uma linha de Tordesilhas que nos separa de nossos irmãos de continente. Não conhecemos a história e cultura das Américas, menos ainda a história e cultura de suas organizações revolucionárias. Espero com esta antologia (e com o projeto Eupassarinho – www.eupassarinho.org) reduzir um pouco esse desconhecimento.





Você encontrará nesta antologia, segundo a classificação de Benedetti, poetas-lutadores (poetas que em certo momento de suas vidas se engajaram nas lutas revolucionárias, como Ferreira Gullar); lutadores-poetas (militantes que lançaram mão da poesia como arma e ferramenta de ausculta de si e da história (como Che Guevara, Carlos Mariguella) e aqueles, mais raros, que foram igualmente grandes lutadores e poetas, como José Martí (Cuba) e Roque Dalton (El Salvador). São aproximadamente 160 poesias de 80 poetas lutadores de 22 países, abrangendo, centralmente, o período histórico da segunda metade do século XX.

Trata-se de um período único na história das Américas, quando se forjou uma crescente unidade cultural entre os povos, efervescência das artes em luta que, enraizadas nas manifestações tradicionais de seus povos, projetavam o vir-a-ser da classe trabalhadora, época do movimento da Nueva Canción (ou Nueva Trova, como ficou conhecido em Cuba). Período em que foi possível observar os germes da pátria imaginada por Bolívar, a Pátria Grande, que reuniria os povos da América Latina em uma só pátria, que segundo Martí, é a humanidade.

Os poemas selecionados retratam as mais diversas lutas sociais, os anseios, amores, valores de lutadores e lutadoras, em grande medida guiados pelo espírito revolucionário comunista, havendo também posições mais raras na esfera do anarquismo e de campos mais difusos da esquerda. Muitos desses poetas morreram em combate, nos porões, na tortura, ou passaram por intensos períodos presos, nas guerrilhas, desenvolvendo papéis não só de combatentes, artistas engajados em seu tempo histórico, mas também de intelectuais orgânicos de sua classe. Muitos vivenciaram derrotas e, alguns poucos, vitórias revolucionárias. Em geral, foram desprezados ou ridicularizados por seus companheiros de organização, já que a poesia era vista como um desvio burguês. Foi necessário, como diz Benedetti no comovente poema “Estes poetas são meus”, que sacrificassem a própria vida para que suas letras e suas lutas fossem reconsideradas. São, em geral, os militantes mais autocríticos e questionadores, como observamos no poema “Não somos os





melhores” de Thiago de Mello, escrito após vivenciar a derrota de Allende. Não-raro esses poetas-lutadores sofreram repreensões justamente por sua criticidade (como aponta Alex Polari em seu fenomenal “Escusas Poéticas II”, verdadeiro manifesto da poesia de luta). E não podemos deixar de mencionar o caso mais revoltante, o assassinato do poeta salvadorenho Roque Dalton por seus próprios companheiros de organização, que não compreendiam (ou não aceitavam) o caráter heterodoxo de sua personalidade, reflexão e arte. Por tudo isso, a poesia de luta, carregada de crítica e autocrítica, é um importante instrumento de apreensão de nossa história, de nossa época atual e do futuro com que tanto sonhamos.

Advirto que há muitas limitações nesta seleção que precisam ser consideradas: limitações da pesquisa, já que não é fácil, no Brasil, encontrar esse tipo de material; limitações econômicas (foi necessário limitar o número de poetas e poesias para reduzir o tamanho do livro e assim torná-lo economicamente acessível); limitações e preferências várias do organizador (busquei, sempre, favorecer a diversidade). Logo, espero que vejam esta antologia como uma janela aberta para um novo universo, e sigam na pesquisa por essa reconexão com a força de nossa classe latinoamericana, expressa em suas lutas, arte e poesias.

Há ainda um apêndice com mais poetas que não entraram na seleção oficial, com poesias muito utilizadas nos cursos de formação política do 13 de Maio. E, também, uma tradução inédita do único poema de Lênin de que se tem conhecimento. Desejo boa luta com as palavras e boa leitura da realidade!

Jeff Vasques





PREFÁCIO

Onde entra a poesia?

Ninguém sabe de onde vêm as poesias. Vêm do mundo, vêm dos poetas, vêm daqueles que dela precisam? Na certa, vêm do encontro de tudo isso, mas o que importa é que sempre vêm, mesmo em tempos obscuros e tristes, mesmo diante da barbárie que nega a vida, a poesia brota do solo impossível, regada pelas lágrimas dos ausentes, fertilizada pelo amor distante, fortificada pelo ódio presente.

O terreno de onde brota a poesia parece muito nossa América Latina, porque em seu corpo foi traçado o sulco profundo do arado da dor e da exploração, semeado com nossa luta e nossas mais ternas esperanças. Muitas vezes, a poesia vestes as asas da canção em nossas terras, o que é natural para aquilo que nasceu para voar. Mas, sabemos, os poemas vestem outras terras, na distante e gelada Rússia, nas montanhas de uma China desconhecida, nas aquarelas do Japão, no solo amarelo e quente da África, nas estradas retas do Norte de nossa América. Se tem algo que sabemos é que a poesia é universal, porque universal somos nós e é nosso este planeta.

Na parte que nos cabe, o poema se escreve com sangue e é de luta. Nem todos, nos adverte Jeff Vasques, é verdade. No entanto, é difícil separar poemas por aquilo que aparentam dizer, como tarefa impossível é separar a cabeça do coração dos poetas. Em tempos de desamor, o amor é revolucionário, em tempos de destruição, louvar árvores é um desacato. Mas, existe entre as matérias primas de nosso canto, um barro vermelho e forte que serve de casa aos que não têm abrigo, que serve de terra para quem não a tem, que se faz de país para quem vive o desterro, que dá a mão aos caídos, que abraça os injustiçados.

Não temos culpa por sua cor, como disse um dia Brecht, é vermelho porque foi tingido pelo sangue de nossos camaradas, é duro porque endurecemos para não morrer de tristeza, traz as digitais de mãos grossas moldadas pelo trabalho, acostumadas a buscar o firmamento erguendo seus punhos cerrados.





Como disse certa vez Victor Jara, nosso canto não é de protesto. Cantamos a vida e em nossa terra a vida se levanta contra aquilo que a oprime, cantamos nosso povo e nossa gente que resiste, cantando, rindo, se amando, criando nossas crianças e lutando. Tudo isso está em nosso canto, porque tudo isso nos constitui. “Não podemos cantar como convém, sem querer ferir ninguém”, os trabalhadores acolhem nossos poemas com um abraço e um beijo ternos, os poderosos com prisões e censura. “Que los pobres coman pan y los ricos mierda... mierda!”. É natural.

Para nós, os poemas invadiram a educação popular sem pedir licença, desconsiderando a particularidade do estético e da busca do conhecimento. Apenas se insinuaram provocados por uma palavra, uma imagem, por uma consideração. Não como solenidades burocráticas para abrir e fechar etapas, mas no fluir de cada atividade, provocando, reagindo, com violência, com paixão, com carinho. O poema odeia a burocracia, repele roteiros e despreza lugares fixos e deixas ensaiadas, apenas diz, naquele momento o que o educador sente e traz e assim produz o milagre do encontro quando quem ouve oferece a outra parte que faltava.

Organizar poetas de nossa América latina é tarefa grande que Jeff realizou com zelo, porque são muitos, porque são múltiplos, porque tentaram e tentam esquecer-los, porque nem sempre habitam o parnaso dos eleitos. É uma colherada da sopa de nossos poemas. A colher representa o que ficou no caldeirão. São os nossos que aqui estão, mas sempre haverá alguém que recorde de um ausente, bom, então esta coletânea terá cumprido um de seus objetivos, não é?

Como nos poemas, os livros carregam coisas que lhes comportam e deixam coisas por dizer. Lembremos Vallejo e com ele dizemos: *“Quereis más? encantado (...) El tiempo tiene un miedo ciempiés a los relojes”*.

Mauro Iasi e Luis C. Scapi (N.E.P. 13 de Maio)





ÍNDICE POR PAÍS

ARGENTINA

Atahualpa Yupanqui	01
Perguntinhas sobre deus; Os irmãos	
Armando Tejada Gómez	03
Coplera do prisioneiro; Canção com todos	
Che Guevara	05
Contra vento e maré; E aqui; Velha Maria, vais morrer	
Dardo Sebastián Dorronzoro	09
A lei; Declaração jurada; O homem livre	
Francisco "Paco" Urondo	11
Bar La Calesita; A verdade é a única realidade	
Juan Gelman	13
Opiniões; XCI	
Raúl González Tuñón	15
A lua como gatilho; O otimismo histórico	
Roberto Jorge Santoro	18
As coisas claras; Limpeza; Chuva na vila; Teoria poética; Verbo irregular	

BRASIL

Alex Polari de Alverga	20
Amar em aparelhos; Dia da partida; Inventário de cicatrizes; Escusas poéticas II; Colônia penal brasiliensis; Profissão de fel	
Alípio Freire	25
1 de Março de 1992; Coquetel; Chorinho; Prestação de contas	
Belchior	27
Como o diabo gosta; Conheço o meu lugar	
Carlos Marighella	29
Liberdade	
Ferreira Gullar	30
Cantada; Não há vagas; Traduzir-se; O açúcar; Meu povo, meu poema	
Geir Campos	33
Poética; Cantar de amigo; 8ª Cantiga de acordar mulher; 9ª Cantiga de acordar mulher; Zum-zum; Abertura	





Jacinta Passos	36
Canção do amor livre; Canção atual	
Libério de Campos	38
Percepção; Poema do soldado morto; Das Ferramentas; Canção das F.G.A.	
Mauro Iasi	40
Sobre o ofício de construir estrelas e o risco das verrugas; Quando os trabalhadores perderem a paciência	
Moacyr Felix	43
A fala irritada (fragmento)	
Paulo Fonteles	45
Choque; Pequeno poema para minha mãe; Ataque de peões	
Pedro Casaldáliga	47
Che Guevara	
Pedro Tierra	49
Há um lugar na barricada; Os materiais; Tecendo o canto	
Solano Trindade	51
Poema autobiográfico; Olorum éke; Nem só de poesia vive o poeta; Sou negro	
Thiago de Mello	53
O punhal do orvalho; Aprendizagem no vento; Não somos os melhores; Para os que virão; Não aprendo a lição	

BOLÍVIA

Adela Zamudio	57
Nascer homem	
Juan Wallparrimachi Maita	58
Minha mãe	
Pedro Shimose	59
Manifestação	

CHILE

Inti Illimani	60
Canção do poder popular	
Nicanor Parra	61
Pai Nosso; Manifesto	





Pablo Neruda	64
Se cada dia cai; Não me peçam	
Pedro Lemebel	66
Manifesto (falo por minha diferença)	
Quilapayún	70
Falo contigo, irmão	
Violeta Parra	72
Por que os pobres não têm	
Victor Jara	73
Último poema	

COLÔMBIA

Gonzalo Arango	75
A universidade; Domingos de cidade	
Luis Vidales	77
Ao lutador	

COSTA RICA

Jorge Debravo	78
Invocação ao fuzil; Não te ofereço a paz; Esta canção amarga; Prodígio	

CUBA

Carlos Puebla	80
Até sempre, Comandante	
José Martí	81
Como de um incensário partido se esvai o perfume; Meus versos vão revoltos	
Nicolás Guillén	84
Está bem; Você pode?	
Roberto Fernández Retamar	86
Felizes os normais; Que queremos arder; Nenhuma palavra te faz justiça	





EL SALVADOR

- Roque Dalton** 88
À poesia; Elementos; A pequena burguesia; Para um melhor amor; As pretensões (mínimas e urgentes) de um leninista latinoamericano; Teria dito Otto René Castillo pensando em Lênin; Lógica Revi; Arte poética
- Yolocamba I ta**..... 94
Milonga do Fuzilado

EQUADOR

- Jorge Enrique Adoum**..... 95
Não poderão nos prender
- Rafael Larrea** 97
Não cabe se fazer de desentendido; Me disse

GUATEMALA

- Ana María Rodas** 99
Assumamos a atitude de virgens; De acordo; A gramática mente; Lavemos o cabelo; Fazes bem, grande mestre; Já sei; Digamos adeus
- Manuel José Leonardo Arce Leal** 101
A hora da sementeira; Equis-equis
- Otto René Castillo**..... 105
Intelectuais apolíticos; Viúvo do mundo; Poética

HAITI

- Jacques Roumain**..... 107
África
- Felix Morisseau Leroy**..... 109
Assim ocorreu
- René Depreste**..... 111
Hegel no Caribe





HONDURAS

Roberto Sosa	112
Os pobres	

JAMAICA

Bob Marley	113
Levante, resista!	
Claude McKay	114
Pária	

MÉXICO

Rosário Castellanos	115
Economia Doméstica; Meditações no umbral; Kinsey Report Poesia não é você	
Leopoldo Ayala	121
Eu acuso	

NICARÁGUA

Carlos Mejía Godoy	125
Eu sou um povo simples	
Ernesto Cardenal	126
Quando receba o nomeamento; As riquezas injustas; Salmo número 5	
Gioconda Belli	129
Conselhos para a mulher forte; Não me arrependo de nada Não se escolhe	
Leonel Rugama	134
A terra é um satélite da lua; Biografia; Epitáfio; Sandino	
Ricardo Morales Avilés	137
Doris Maria, Camarada	
Rigoberto López Pérez	139
Confissão de um soldado	
Tomás Borge Martínez	140
(Minha vingança); Pode-se confiar nos traidores	





PANAMÁ

- Bertalicia Peralta**..... 142
A única mulher que pode ser; Fábula sobre usos e serviços;
Fábula do homem novo
- Diana Morán** 144
Estação da aurora X

PARAGUAI

- Carmen soler**..... 146
Entre os muros fechados
- Elvio Romero**..... 148
Por quê?
- Félix Giménez Gómez**..... 150
Índio, prepara o arco

PERU

- Javier Heraud** 152
Arte poética
- Manuel Scorza**..... 154
Epístola aos poetas que virão
- Nicomedes Santa Cruz** 156
Ritmos negros del peru; América Latina

PORTO RICO

- Lola Rodríguez de Tió**..... 161
La boriqúena – hino nacional (versão revolucionária)
- Juan Antonio Corretjer** 162
Calabouço; Mas, apesar de tudo





REPÚBLICA DOMINICANA

- Manuel Del Cabral**164
Negro sem nada em sua casa; Eles
- Pedro Mir**166
Contracanto a Walt Whitman (trechos)

URUGUAI

- Daniel Viglietti**174
A desamarar
- Ibero Gutiérrez**175
Ouço Bob Dylan e ela; Deitados nas muradas da rambla; Estás caído
- Idea Vilariño**178
O amor; Digo que não morreu
- Mario Benedetti**.....181
Um pai nosso latino-americano; Não te rendas; Dizer que não;
Sou um caso perdido; Estes poetas são meus;
Por que cantamos; Defesa da alegria; Te amo;
Queimar as naus; Tática e estratégia

VENEZUELA

- Alí Primera**.....195
Creio no canto; Esconder-se na flor
- Argimiro Gabaldón**.....197
Não permita que tua dor se esconda
- Victor Valera Mora**.....199
Canção do soldado justo





APÊNDICE

Carlos Drummond de Andrade	200
O medo; A flor e a náusea; Nosso tempo	
Bertolt Brecht	208
Aos que hesitam; Toma o teu lugar na mesa; Perguntas de um trabalhador que lê; Elogio do Aprendizado; De que serve a bondade; Aos que virão depois de nós; Quem se defende; Mas quem é o partido?	
Hans Magnus Enzensberger	215
Segurança Nacional; Breve História da Burguesia; Para o livro de literatura de segundo grau; Defesa dos lobos contra os cordeiros; Canção daqueles a quem tudo diz respeito e que já sabem de tudo	
Vinícius de Moraes	220
Operário em construção	
Charles Bukowski	223
Os aliens; notificação	
Vladimir Ilyich Ulyanov	224
Único poema de Lênin de que se tem conhecimento	





ATAHUALPA YUPANQUI (Argentina, 1908-1992)



Atahualpa Yupanqui era o nome quéchua que Héctor Roberto Chavero se deu em sua adolescência quando andava diariamente 15 quilômetros para ter aulas com seu mestre de violão. Significava, ironicamente, “aquele que vem de longe para contar algo” e era também uma homenagem aos dois últimos imperadores incas: Atahualpa e Tupac Yupanc. Don Ata, como se tornou conhecido, realizou um extenso trabalho de percorrer o interior da

Argentina e da América coletando canções populares, as revitalizando e criando outras tantas segundo a visão dos trabalhadores (esforço a que também vão se dedicar Violeta Parra, no Chile; Dércio Marques, no Brasil). É considerado um dos mais importantes divulgadores do cancionero tradicional dos povos da América. Suas composições foram cantadas por reconhecidos intérpretes como Mercedes Sosa, Alfredo Zitarrosa, Víctor Jara, Ángel Parra, Marie Laforêt, Elis Regina entre outros. Atahualpa é um artista essencial para entender o cancionero latinoamericano dos anos 30 em diante, especialmente o movimento da Canção Nova (surgida nos anos 60-70) em que a cultura popular deixa de ser vista por um viés esteticizante, folclorista, para funcionar como chão cultural do qual se levanta uma voz comprometida com a realidade social da maioria e com a luta por sua transformação. Engajou-se no Partido Comunista Argentino, em 1945, o que lhe rendeu perseguições, a censura de suas músicas, diversas prisões, exílio na França (onde se tornou amigo de Edith Piaf), e tortura: *“Uma vez colocaram sobre minha mão uma máquina de escrever e logo se sentavam em cima, outros saltavam. Buscavam desfazer-me a mão, mas não se perceberam de um detalhe: me ferraram a mão direita e eu, para tocar o violão, sou canhoto. Ainda, hoje, há vários anos desse feito, há tons como o Si menor que me custa fazer”*. Em 52, se afasta do partido, mas não das questões políticas. Toma essa decisão para poder se dedicar integralmente à música e à poesia, onde encontrava sua missão maior, cantar junto ao povo.

Perguntinhas sobre deus

Um dia eu perguntei:
Avô, onde está deus?
Meu avô se pôs triste,
e nada me respondeu.

Meu avô morreu no campo,
sem reza nem confissão.
E o enterraram os índios,
flauta de cana e tambor.





Com o tempo eu perguntei:
Pai, o que você sabe de deus?
Meu pai se pôs sério
e nada me respondeu.

Meu pai morreu na mina
sem doutor nem confissão.
Cor de sangue mineiro
tem o ouro do patrão!

Meu irmão vive nas montanhas
e não conhece uma flor.
Suor, malária, serpente,
a vida do lenhador.

E que ninguém lhe pergunte
se sabe onde está deus:
Por sua casa não tem passado
tão importante senhor.

Eu canto pelos caminhos,
e quando estou na prisão
ouço as vozes do povo
que canta melhor que eu.

Se há uma coisa na Terra
mais importante que deus
é que ninguém cuspa sangue
pra que outro viva melhor.

Se deus vela pelos pobres?
Talvez sim, talvez não.
Certo é que almoça
na mesa do patrão.

Os irmãos

Eu tenho tantos irmãos,
que não os posso contar,
no vale, na montanha,
nos pampas e no mar.

Cada qual com seus trabalhos,
com seus sonhos cada qual,
com a esperança adiante,
com as memórias atrás.
Eu tenho tantos irmãos,
que não os posso contar.

Gente de mão calorosa,
por isso da amizade,
com um pranto pra chorar
com uma oração pra rezar.
Com um horizonte aberto,
que sempre está mais além,
e essa força pra buscá-lo
com firmeza e vontade.
Quando parece mais próximo
é quando mais se distancia.
Eu tenho tantos irmãos,
que não os posso contar.

E assim seguimos andando
curtidos de solidão,
nos perdemos pelo mundo,
voltamos a nos encontrar.
E assim nos reconhecemos
pelo distante olhar,
pelas canções entre os dentes,
semente de imensidão.
E assim seguimos andando
curtidos de solidão,
e em nós nossos mortos
pra que ninguém fique pra trás.

Eu tenho tantos irmãos,
que não os posso contar,
e uma noiva tão formosa
que se chama liberdade.





ARMANDO TEJADA GÓMEZ (Argentina, 1929-1992)



Foi operário de construção, engraxate, poeta, letrista, escritor, locutor. Militou na UCR (União Cívica Radical Intransigente), sendo deputado por dois anos. Desencantado com o conservadorismo de seu partido, renunciou a sua bancada e se filiou ao Partido Comunista. Os governos militares da Argentina se utilizavam dos cantos folclóricos para fortalecer um patriotismo exagerado, um tradicionalismo vazio, com músicas que só cantavam a natureza e as paisagens argentinas. Armando Tejada Gómez e Manuel Castilla vão ressignificar a música popular e folclórica, colocando o homem como centro do universo, como verdadeiro protagonista de seu destino, impulsionando a nova canção latinoamericana: *"... a arte, como a vida, deve estar em permanente transformação e, por isso, busca integrar o cancionero popular ao desenvolvimento criador do povo todo para acompanhá-lo em seu destino, expressando seus sonhos, suas alegrias, suas lutas e suas esperanças."* (Manifesto da Nova Canção). A "Nova Canção" foi um movimento musical-literário da Argentina, com projeção latinoamericana, lançado em Mendoza em 1963, que caracterizou a música popular argentina durante as décadas de 1960 e 1970. Estava integrado por Mercedes Sosa, Armando Tejada Gómez, Manuel Oscar Matus, Eduardo Aragón, Tito Francia, Juan Carlos Sederó entre outros artistas. Seu objetivo foi impulsionar o desenvolvimento de um cancionero nacional em renovação permanente, sem fronteiras entre gêneros, que fosse capaz de fundir a canção folclórica com ritmos modernos e evitar as manifestações puramente comerciais. Esse movimento ganhou representantes importantes por todas as Américas. Destacou-se, especialmente, a "Nova Canção Chilena" e a "Nova Trova Cubana". Em 1976, o governo militar lança uma lista de composições e autores proibidos, na qual constam várias canções de Armando, inclusive "Canción con Todos", traduzida a seguir, e considerada o hino dos povos da América Latina.



Coplera do prisioneiro

Estamos presos, carcereiro:
eu, por estas torpes grades,
você, pelo medo.

Aonde vai que não vem
comigo empurrar a porta?
Não há sino que soe
como o rio que corre lá fora.

Como os que se tocam fogo,
andam os presos pelo medo:
de nada vale que corram...
vai com eles, o incêndio!

Não há quem deseje a sorte
do dono dos cadeados:
morreu com um olho aberto
e ninguém pode fechá-lo!

Não sei, não me recordo bem
o que queria o carcereiro...
creio que uns versos meus
para aguentar o silêncio!

É certo: muitos calaram
quando eu fui detido;
veja a diferença:
eu, preso; eles, submetidos!

Dei de presente uma pomba
ao filho do carcereiro.
Contam que a deixou ir
só pra, o vôo, lhe ir vendo...

Que formoso vai ser o mundo
do filho do carcereiro!

Canção com todos

Saio a caminhar
pela cintura cósmica do sul
piso na região
mais vegetal do vento e da luz
Sinto ao caminhar
toda a pele da América na minha
e anda em meu sangue um rio
que libera em minha voz
sua torrente.

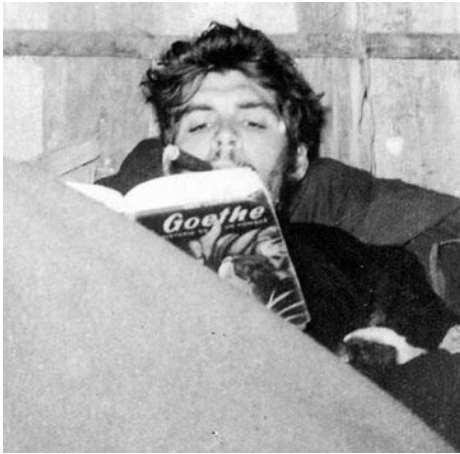
Sol do alto Peru,
rosto Bolívia, estanho e solidão,
um verde Brasil,
beija meu Chile cobre e mineral.
Subo desde o sul
até a entranha América e total,
pura raiz de um grito
destinado a crescer e a explodir.

Todas as vozes, todas
todas as mãos, todas
todo o sangue pode
ser canção no vento.
Canta comigo, canta
irmão americano.
Libera tua esperança
com um grito na voz!

(Circunda o Equador
de luz Colômbia ao vale cafezal.
Cuba de alto som
nomeia no vento a México
ancestral.
Continente azul
que em Nicarágua busca sua raiz
para que lute o homem
de país em país
pela paz.)



CHE GUEVARA (Argentina, 1928-1967)



Poucos sabem que o grande lutador revolucionário Che Guevara escreveu poesias. Numa carta ao poeta León Felipe se diz mesmo um “poeta frustrado”. As exigências históricas o fizeram mais líder e lutador do que poeta mas, mesmo assim, Guevara nos legou alguns poemas que não deixam a desejar em sua qualidade poética. Che lia poesia desde sua adolescência. Era notória sua fama, dentre os guerrilheiros, de grande leitor. Todos temiam quando Che ia para a

linha de frente, porque alguém teria que carregar sua mochila muito pesada, cheia de livros. À noite, ao redor da fogueira, enquanto outros dormiam, durante os poucos descansos, era comum encontrar Che perdido entre páginas, lendo incansavelmente. Chana, amiga campesina, dizia que Che, nesses momentos, “ficava caladinho, meio ido, com a cara muito suavezinha e como se estivesse em outro mundo”. Em vários outros momentos, Che falava nas rodas aos soldados e campesinos de Victor Hugo, Rubén Darío, Tagore, Neruda. Um jovem de catorze anos, chamado Acevedo, se surpreendeu ao fuçar os livros na mochila de Che: “Não havia Mao, nem Stalin, e sim o que eu menos esperava, ‘Um ianque na corte do Rei Arthur’”, livro do escritor norte-americano Mark Twain. Che não leu só os escritores sociais ou mais politizados, mas também se apropriou dos clássicos. Quando foi capturado na Bolívia, acharam em sua mochila, além do diário da guerrilha, um caderno verde em que Che vinha transcrevendo suas poesias prediletas há 10 anos. Era uma antologia pessoal de poesias que contava com poemas de Nicolás Guillén, Neruda, César Vallejo e León Felipe. Essa energia despendida com a poesia em meio à guerrilha é mais um elemento pra quebrar as caricaturas que nos apresentam de Che, construídas à direita ou à esquerda.





Contra vento e maré

Este poema (contra vento e maré) levará minha assinatura.
Deixo-lhe seis sílabas sonoras,
um olhar que sempre traz (como um pássaro ferido) ternura,
um anseio de profundas águas mornas,
um escritório escuro em que a única luz é a destes versos meus,
um dedal muito usado para suas noites tediosas,
uma fotografia de nossos filhos.
A mais linda bala desta pistola que sempre me acompanha,
a memória indestrutível (sempre latente e profunda) das crianças
que, um dia, você e eu concebemos.
E o pedaço de vida que me resta.
Isto eu entrego (convicto e feliz) à revolução.
Nada que possa nos unir terá força maior.

(para a esposa Aleida March da selva boliviana em 1967, ano de sua morte)

E aqui

“Sou mestiço”, grita um pintor de paleta viva,
“sou mestiço”, me gritam os animais perseguidos,
“sou mestiço”, clamam os poetas peregrinos,
“sou mestiço”, resume o homem que me encontra
na diária dor de cada esquina,
e até o enigma pétreo da raça morta
acariciando uma virgem de madeira dourada:
“é mestiço este grotesco filho de minhas entranhas”.
Eu também sou mestiço em outro aspecto:
na luta em que se unem e repelem
as duas forças que disputam meu intelecto,
as forças que me chamam sentindo de minhas vísceras
o sabor estranho de fruto encaixotado
antes de atingir sua maturidade de árvore.
Me encontro no limite da América hispânica
a saborear um passado que engloba o continente.
A recordação desliza com suavidade indelével
com o distante soar de um sino.

(escrito a partir de suas viagens de motocicleta pela América)



Velha Maria, vais morrer

Velha Maria, vais morrer:
Quero falar contigo seriamente.

Tua vida foi um rosário completo de agonias,
não houve homem amado, nem saúde, nem dinheiro,
apenas a fome para ser compartilhada;
quero falar de tua esperança,
das três distintas esperanças
que tua filha fabricou sem saber como.

Toma esta mão que parece de menino
nas tuas polidas pelo sabão amarelo.
Abriga teus calos duros e teus nós puros dos dedos
na suave vergonha de minhas mãos de médico.

Escuta, avó proletária:
crê no homem que chega,
crê no futuro que nunca verás.
Não rezes ao deus inclemente
que por toda uma vida desmentiu tua esperança;
não peças clemência à morte
para ver crescer tuas carícias pardas;
os céus são surdos e em ti manda o escuro,
sobretudo terás uma vermelha vingança,
juro pela exata dimensão de meus ideais.
Todos os teus netos viverão a aurora,
morre em paz, velha lutadora.

Vais morrer, velha Maria:
trinta projetos de mortalha
dirão adeus com o olhar
num destes dias em que te vás.

Vais morrer, velha Maria:
ficarão mudas as paredes da sala
quando a morte se conjugue com a asma
e copulem seu amor em tua garganta.
Essas três carícias construídas de bronze





(a única luz que alivia a tua noite),
esses três netos vestidos de fome,
chorarão os nós destes dedos velhos
onde sempre encontravam algum sorriso.
E isso será tudo, velha Maria.

Tua vida foi um rosário de magras agonias,
não houve homem amado, saúde, alegria
apenas a fome para ser compartilhada.
Tua vida foi triste, velha Maria.

Quando o anúncio do descanso eterno
suavize a dor de tuas pupilas,
quando tuas mãos de perpétua faxineira
absorvam a última ingênua carícia,
pensas neles... e chora,
pobre velha Maria!

Não, não o faças!
Não ores ao deus indolente
que toda uma vida desmentiu a tua esperança,
nem peças clemência à morte,
que tua vida foi horrivelmente vestida de fome,
acaba vestida de asma.

Mas quero anunciar-te,
na voz baixa e viril das esperanças,
a mais vermelha e viril das vinganças.
Quero jurá-la pela exata
dimensão de meus ideais.

Toma esta mão de homem que parece de menino
nas tuas polidas pelo sabão amarelo.
Abriga teus calos duros e teus nós puros dos dedos
na suave vergonha de minhas mãos de médico.

Descansa em paz, velha Maria,
descansa em paz, velha lutadora:
todos os teus netos viverão a aurora.
EU JURO!



DARDO SEBASTIÁN DORRONZORO (Argentina, 1913-1976?)

De uma família de ferreiros e socialistas, Dardo trabalhava de manhã no malho do ferro, em sua oficina, e à tarde no malho dos versos. Poeta ferreiro, como é conhecido na Argentina, Dardo teve poucas obras publicadas, não houve



tempo. Foi sequestrado por um esquadrão militar no dia 25 de junho de 1976, em sua própria casa, no mesmo período em que desapareceram Francisco Urondo e Miguel Ángel Bustos. Sua obra é mais conhecida por uma coletânea organizada por sua companheira, Nelly, que leva o nome

de “Sexta-feira 25”, dia de seu seqüestro. Nesse dia, Dardo havia escrito os seguintes versos, achados por sua esposa: *“Me declaro culpado, muito bem, mas / devo adverti-los / que vocês já me mataram, me enterraram, / apagaram todas minhas rugas e as lágrimas de meus irmãos, / e me disseram / que te divirtas com os vermes, porém esqueceram / de apagar as pegadas / que meus passos marcaram / em tantas ruas e caminhos do mundo.”*

A Lei

O homem levava a lei nas mãos.

- Esta lei – disse ao guardião que cuidava da porta – me permite entrar.

– Sim – lhe respondeu o guardião – mas não se pode entrar descalço. Preste atenção a este letreiro.

Declaração jurada

Não é somente a lua nem o orvalho nem a luz celeste dos pássaros, pode também ser uma sandália velha, toda esburacada, toda quase morta depois de andar fábricas, andaimos ou duros e quentes caminhos de novembro. Não, não necessariamente todo o poético deve ser belo.



Eu tenho visto horríveis meninos cinzas como a terra comendo terra, eu os tenho visto por aí, com seus farrapos e sua sujeira, arrastando-se, e os tenho tocado, acariciado sua pele e os convertido em anjos, em mariposas, em vento de setembro. Porque tudo antes de ser poesia deve passar por meu coração, dar-lhe volta com o grito pra cima, colocar-lhe de cara para a aurora, de cara pro céu. Tudo deve passar por meu sangue, por meus ossos, por minha respiração, pelo coração de meu sangue.

Pois eu sou um poeta não um fazedor de versos bonitos. Eu sou um poeta que ama os que não têm amor nem pão, os que se vão sem haver chegado, os que às vezes sorriem, os que às vezes sonham, os que às vezes lhes cresce um fuzil nas mãos e saem a morrer pela vida.

Em suma: eu tenho sido, sou e serei um poeta revolucionário.

Sobre minha tumba verão florescer um punho.

O homem livre

Estavam os dois homens em um calabouço.

— Por que estás preso? — perguntou um.

— Porque sou livre — respondeu o outro.

— E que é a liberdade?

— A liberdade não existe, como não existe o homem. Só existe o homem esfomeado e o homem livre.

— E o que é ser um homem livre?

— Não dizer e não fazer o que os homens livres querem que se diga e faça.

— E se te obrigam?

O homem livre riu.

— Precisamente — disse —, aí está a força do homem livre. Ninguém pode obrigá-lo a dizer nem fazer o que não quer.

— No entanto — disse o outro -, agora, por exemplo, te obrigam a não estar com a mulher que amas.

— E quem te disse — respondeu o homem livre — que não estou com ela?



FRANCISCO “PACO” URONDO (Argentina, 1930-1976?)



Francisco Urondo, conhecido por “Paco”, participou do Movimento de Libertação Nacional até que, aos fins de 60, opta pela luta armada nas FAR (Forças Armadas Revolucionárias) e, mais tarde, nos “Motoneros”. Dizia *“Empunhei uma arma porque busco a palavra justa”*. Antes havia participado da construção de revistas culturais e jornais populares junto com Juan Gelman e Rodolfo Walsh. É responsável por uma das mais famosas entrevistas de Júlio Cortázar: *“Júlio Cortázar: o escritor e suas armas”*. Preso em 72, por 3 meses, aproveitou o tempo de cárcere

pra recolher narrativas de membros das forças guerrilheiras no livro *“A pátria fuzilada”*, lançado em 73, e que gerou muita polêmica em pleno período de ditadura. Enquanto estava preso, recebeu apoio de diversos artistas e intelectuais do mundo todo (Sartre, Simone de Beauvoir, García Márquez, Marguerite Duras, Pasolini) que pediam sua soltura. Ele, rigoroso, negava qualquer facilidade que outro preso comum não pudesse ter acesso. Cortázar chegou a visitá-lo na prisão levando um presente de Salvador Allende, charutos cubanos. Paco agradeceu e os passou para o companheiro de cela, velho militante ferroviário.

Bar “La Calesita”

É o fundo de um bar. É um lugar parecido a uma cova onde alguém se senta, bebe e vê passar os homens tomados por distintos problemas. É uma grande lanterna mágica.

É uma gruta retirada do mundo que abriga suas criaturas. É possível se sentir ferozmente feliz ali.

Acaba de aparecer o primeiro homem, mal aprendeu a caminhar, ainda não sabe se defender.

O homem sorri e chora e segue a festa.





A verdade é a única realidade

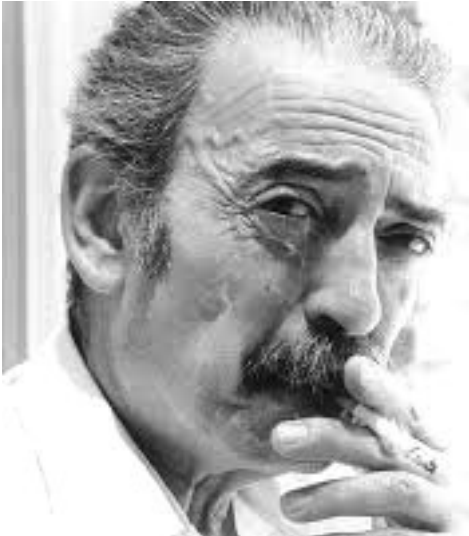
Do outro lado da grade está a realidade, deste lado da grade também está a realidade; a única irreal é a grade; a liberdade é real ainda que não se saiba bem se pertence ao mundo dos vivos, ao mundo dos mortos, ao mundo das fantasias ou ao mundo da vigília, ao da exploração ou da produção.

Os sonhos, sonhos são; as recordações, aquele corpo, esse copo de vinho, o amor e as fraquezas do amor, certamente, formam parte da realidade; um disparo na noite, na frente destes irmãos, destes filhos, aqueles gritos irrealis de dor real dos torturados no “angelus” eterno e sinistro numa brigada de polícia qualquer são parte da memória, não supõem necessariamente o presente, mas pertencem à realidade. A única aparente é a grade quadriculando o céu, o canto perdido de um preso, ladrão ou combatente, a voz fuzilada, ressuscitada ao terceiro dia num vôo imenso cobrindo a Patagônia porque os massacres, as redenções, pertencem à realidade, como a esperança resgatada da pólvora, da inocência estival: são a realidade, como a coragem e a convalescença do medo, esse ar que resiste a voltar depois do perigo como os desígnios de todo um povo que marcha até a vitória ou até a morte, que tropeça, que aprende a defender-se, a resgatar o seu, a sua realidade. Ainda que pareça às vezes uma mentira, a única mentira não é sequer a traição, é simplesmente uma grade que não pertence à realidade.

(Cárcere da Villa Devoto, abril de 1973)



JUAN GELMAN (Argentina 1930-2014)



Poeta, tradutor e jornalista nascido em Buenos Aires. Considerado o mais importante poeta de sua geração e um dos maiores poetas das Américas. Foi um dos principais dirigentes dos “Motoneros”, grupo armado peronista, e ameaçado de morte pela ditadura argentina, sendo obrigado a se exilar por 12 anos. Foi um dos fundadores do grupo “O Pão Duro”, em 1955, integrado por jovens comunistas que propunham uma poesia comprometida e popular,

atuando em cooperativa para publicar e difundir seus trabalhos. Numa batida em sua casa durante a ditadura, os militares, ao não encontrarem Gelman, levaram seus filhos: Nora foi torturada e solta, mas seu filho, Marcelo, e a companheira de seu filho, que estava grávida, foram torturados e assassinados. Gelman passa parte de sua vida procurando sua neta, nascida no cativeiro, e a encontra, finalmente, nos anos 2000, no Uruguai. *“O poeta Juan Gelman escreve alçando-se sobre suas próprias ruínas, sobre seu pó e seu lixo (...) Como faz para sobreviver a uma tragédia assim? Digo: para sobreviver sem que se apague a alma? Muitas vezes imaginei essa terrível sensação de vida usurpada, esse pesadelo do pai que sente que está roubando ao filho o ar que respira, o pai que no meio da noite desperta banhado em suor: Eu não te matei, eu não te matei. E tenho me perguntado: se deus existe, por que passa ao largo disso? Não será ateu, deus?”* (Mario Benedetti).

Opiniões

Um homem desejava violentamente uma mulher
a umas quantas pessoas isso não parecia bem,
um homem desejava loucamente voar,
a umas quantas pessoas isso parecia mal,
um homem desejava ardentemente a Revolução
e contra a opinião da guarda civil
trepou sobre os muros secos dos deveres,





abriu o peito e sacando
os arredores de seu coração,
agitava violentamente uma mulher,
voava loucamente pelo teto do mundo
e os povos ardião, as bandeiras.

XCI

toda poesia é hostil ao capitalismo
pode tornar-se seca e dura mas não
porque seja pobre mas
para não contribuir com a riqueza oficial

pode ser sua maneira de protestar de
fazer-se magra já que há fome
amarela de sede e sofrida
de pura dor que há pode ser que

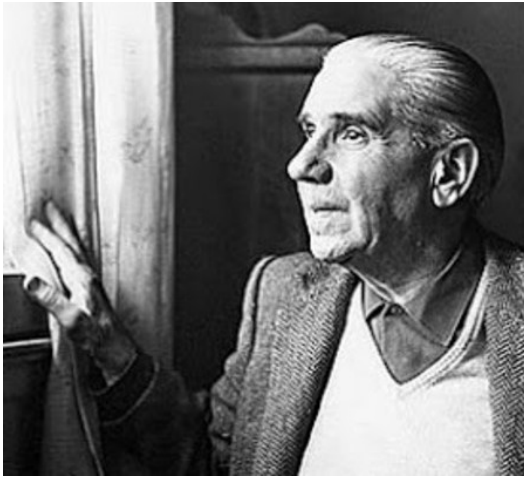
ao contrário abra os becos do delírio e as bestas
cantem atropelando-se vivas de
fúria de calor sem destino pode
ser que se negue a si mesma como outra

maneira de vencer a morte
assim como se chora nos velórios
poetas de hoje
poetas deste tempo

nos separaram do rebanho não sei que será de nós
conservadores comunistas apolíticos quando
aconteça o que vai acontecer mas
toda poesia é hostil ao capitalismo



RAÚL GONZÁLEZ TUÑÓN (Argentina, 1905-1974)



Foi um dos mais importantes poetas argentinos do século XX, “o primeiro que blindou a rosa”, segundo Neruda. Poeta, jornalista, cantor e viajante, soube encarnar os três arquétipos poéticos: do mago, do profeta e do cantor. Filiado ao Partido Comunista, seu ativismo o levou a ser detido e processado por “incitação à rebelião”. Nunca deixou de questionar as posturas e idéias de seus companheiros de organização

acerca do papel da arte, criticando vorazmente as vulgarizações feitas a partir do dito “realismo socialista”. Em 1934, viajou a Espanha e se instalou em Madrid, onde travou amizade com García Lorca, Neruda, Miguel Hernández. Já nos anos 50, na Argentina, nasce o grupo “El pan duro” criado por jovens poetas que retomavam o caminho estético e político da obra de Tuñón, dentre eles, Juan Gelman. *“Gosto de conversar em qualquer mesa – se diante de um copo de vinho, melhor- sobre temas, segredos, achados, infortúnios, felicidades, coisas da poesia e dos poetas. Mas também gosto de estar pronto para quando haja que disparar sobre alguém com um poema ou com o que seja. Arthur Rimbaud foi à poesia, a grande aventura poética, mas em certo momento gritou: ‘Transformai a vida!’”.*

A lua como gatilho

É preciso que nos entendamos.
Eu falo de algo certo e de algo possível.
Certo é que todos comam
e vivam dignamente
e é possível saber algum dia
muitas coisas que hoje ignoramos.
Então, é necessário que isto mude.

O carpinteiro fez esta mesa
verdadeiramente perfeita
onde se inclina a menina dourada
e o pai celeste resmunga.

Um ebanista, um pedreiro,
um ferreiro, um sapateiro,
também sabem o seu.





O mineiro desce à mina,
ao fundo da estrela morta.
O campesino semeia e ceifa
a estrela já ressuscitada.
Tudo seria maravilhoso
se cada qual vivesse dignamente.

Um poema não é uma mesa,
nem um pão,
nem um muro,
nem uma cadeira,
nem uma bota.

Com uma mesa,
com um pão,
com um muro,
com uma cadeira,
com uma bota,
não se pode mudar o mundo.

Com uma carabina,
com um livro,
isso é possível.

Compreendes por que
o poeta e o soldado
podem ser uma mesma coisa?

Marchei atrás dos operários lúcidos
e não me arrependo.
Eles sabem o que querem
e eu quero o que eles querem:
a liberdade, bem entendida.

O poeta é sempre poeta
mas é bom que ao fim compreenda
de uma maneira alegre e terrível
quão melhor seria para todos
que isto mudasse.

Eu os segui
e eles me seguiram.
Aí está a coisa!

Quando se tiver que lançar a
pólvora
o homem lançará a pólvora.
Quando se tiver que lançar o livro
o homem lançará o livro.
Da união da pólvora e do livro
pode brotar a rosa mais pura.
Digo ao pequeno padre
e ao ateu de botequim
e ao ensaísta,
ao neutro,
ao solene,
e ao frívolo,
ao tabelião e à corista,
ao bom coveiro,
ao silencioso vizinho de um
terceiro,
a minha amiga que toca o
acordeom:
-Olhai a mosca sufocada
embaixo da redoma de vidro.

Não quero ser a mosca sufocada.
Tampouco tenho nada a ver com o
macaco.
Não quero ser abelha.
Não quero ser unicamente cigarra.
Tampouco tenho nada a ver com o
macaco.
Eu sou um homem ou quero ser um
verdadeiro homem
e não quero ser, jamais,
uma mosca sufocada debaixo da
redoma de vidro.





Nem colméia, nem formigueiro,
não compares os homens
a nada mais que não seja homem.

Dá ao homem tudo o que
necessite.
Os pesos para pesar,
as medidas para medir,
o pão ganhado altivamente,
a flor do ar,
a dor autêntica,
a alegria sem uma mancha.

Tenho direito ao vinho,
ao azeite, ao museu,
à Enciclopédia Britânica,
a um lugar no ônibus,
a um parque abandonado,
a um cais,
a uma açucena,
a sair,
a ficar,
a dançar sobre a pele
do Último Homem Antigo,
com meu esqueleto novo,
coberto com pele nova
de homem reluzente.

Não posso cruzar os braços
e interrogar agora o vazio.
Me rodeiam a indignidade
e o desprezo;
me ameaçam o cárcere e a fome.
Não me deixarei subornar!

Não. Não se pode ser livre
inteiramente
nem estritamente digno agora
quando o chagal está à porta
esperando
que nossa carne caia, apodrecida.

Subirei ao céu,
Ihe colocarei gatilho à lua
e lá de cima fuzilarei o mundo,
suavemente,
para que este mude de uma vez.

O otimismo histórico

Eu sei que tudo muda,
que nada se detém,
nem uma árvore se detém
e ainda a pedra é peregrina.
A solidão não existe,
o mundo é companhia.
Nem a morte está sozinha.
Tudo o que é, é luta.
Sou imortal, pois passo.
Somente a estátua fica.
E ainda ela se move.
Em vão eles se empenham
em deter a história.
Sei que chegará o dia!
Também o sabe o sol.



ROBERTO JORGE SANTORO (Argentina, 1939-1977?)



Santoro assumiu sempre uma atitude política militante e irreverente. De idéias trotskistas, na década de 60 integrou-se ao Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT). Foi pintor, repositor, professor em uma escola industrial, tipógrafo, vendedor ambulante e poeta. Como muitos amigos, poderia ter saído do país assim que começou a ditadura, mas optou por ficar e trabalhar em clandestinidade. Um dos trabalhos mais destacados de Roberto Santoro é o que realizou para compilar os textos que fazem parte de "Literatura de pelota", obra em que reproduz poemas e

escritos de destacados intelectuais argentinos a respeito da paixão pelo futebol. Santoro inaugura, assim, a primeira aproximação para a tentativa de reconciliar a alta cultura com as expressões mais populares da sociedade argentina. Foi sequestrado por elementos do terrorismo de Estado em 1 de junho de 1977. Até hoje se encontra "desaparecido". Roberto Jorge Santoro se apresentava assim: *"sangue tipo A, fator RH negativo, 34 anos, 12 horas diárias a busca castradora, desumana, do soldo que não se alcança. Dois empregos, escritor surrealista, ou melhor, realista do sul. Vivo em uma engrenagem. Filho de operários, tenho consciência de classe. Rechaço ser travesti do sistema, essa podre máquina social que faz que um homem deixe de ser um homem, obrigando-o a ter um despertador no cú, um bilhete de loteria na cabeça e um cadeado na boca."*

As coisas claras

minha voz está em seu lugar
o coração sabe algo mais porque
me dói

por isso digo:
terrível ofício
é repartir equivocadamente os
abraços
e que a alma viva entre
cachorros esfomeados

um de meus erros
foi crer que todos éramos irmãos

e agora
não se pode trocar o horizonte
pela nostalgia
há que esquecer-se dos velhos
sorriso
e andar com a dor às costas
para que sirva definitivamente





nunca disse
minha lágrima foi grande
sofri
não me quiseram
cada um conhece sua dor
e sabe de que maneira conversar
com a desgraça

que venha a vida e me golpeie
de nada vale fechar os olhos

um homem dormindo
é uma dor que descansa

é duro o amor quando se nega
um dia no entanto recosta seus
abraços
apoia seu mistério em minha
cabeça
e me leva a viver no primeiro piso
de um incêndio

não comparo
simplesmente dou meu fruto
e espero

da semente mais humilde
pode brotar o fogo ou a formosura

se estou encurralado entre dois beijos
decido me enroscar ao pé de meu
coração
e sonho
sou triste até os sapatos

à hora do chá
minha alegria se senta e chora
comigo

mas sustento que um dia
ainda que o amor seja o irmão
implacável da chuva
da minha casa a teus olhos
não haverá naufrágios.

Limpeza

durante 15 segundos
e em jejum
repita-se diariamente
as seguintes palavras
fi-lhos-da-pu-ta
fi-lhos-da-pu-ta

Chuva na favela

lá fora
a água cai
de cima pra baixo
cá dentro
a água sobe
de baixo pra cima.

Teoria poética

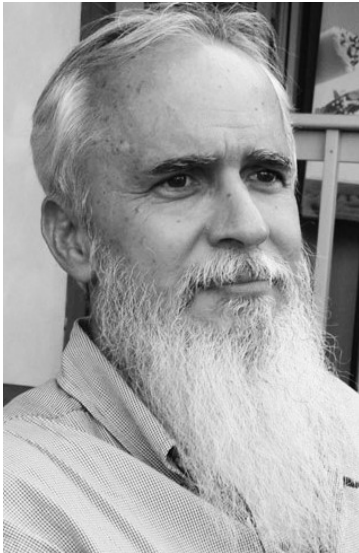
a estética
ética est

Verbo Irregular

eu amo
tu escreves
ele sonha
nós vivemos
vós cantáis
eles matam.



ALEX POLARI DE ALVERGA (Brasil, 1951)



Alex Polari de Alverga participou da luta armada contra a ditadura militar na VPR (Vanguarda Popular Revolucionária). Foi um dos principais responsáveis pelo sequestro do embaixador alemão nos anos 70. Foi preso no DOI-CODI em 1971 e barbaramente torturado. Polari sobreviveu aos 7 anos de prisão e tortura para denunciar ao próprio Tribunal Militar o assassinato de Stuart Angel (filho da estilista Zuzu Angel) e as torturas que sofreu e presenciou. Em 1978, ainda preso, lançou seu primeiro livro de poesia: “Inventário de Cicatrizes”. Em 1980 foi finalmente libertado e se envolveu com o Santo Daime, não escrevendo mais poemas e abandonando a militância política. A

poesia de Polari é coloquial, direta, despojada e bem humorada, ainda que profundamente marcada pela experiência da clandestinidade, do cárcere e da tortura. Apesar de apenas 2 livros publicados, sua poesia é uma das melhores e mais significativas da poesia de luta brasileira, com destaque especial para o poema “Escusas Poéticas II”, verdadeiro manifesto da poesia de combate que se volta para um diálogo autocrítico com seus próprios companheiros, algo que os poetas-lutadores são comumente obrigados a realizar.

Amar em aparelhos

Era uma coisa louca
trepar naquele quarto
com a cama suspensa
por quatro latas
com o fino lençol
todo ele impresso
pelo valor de teu corpo
e a tinta do mimeógrafo.

Era uma loucura
se despedir da coberta
ainda escuro
fazer o café
e a descoberta

de te amar
apesar dos pernilongos

e a consciência
de que a mentira
tem pernas curtas.

Não era fácil
fazer o amor
entre tantas metralhadoras
panfletos, bombas
apreensões fatais
e os cinzeiros abarrotados
eternamente com o teu Continental,





preferência nacional.

Era tão irracional
gemer de prazer
nas vésperas de nossos crimes
contra a segurança nacional
era duro rimar orgasmo
com guerrilha
e esperar um tiro

na próxima esquina.

Era difícil
jurar amor eterno
estando com a cabeça
à prêmio
pois a vida podia terminar
antes do amor.

Dia da partida

Aí eu virei para mamãe
naquele fatídico outubro de 1969
e com dezenove anos na cara
uma mala e um 38 no sovaco,
disse: Velha,
a barra pesou, saiba que te gosto
mas que estás por fora
da situação. Não estou mais nessa
de passeata, grupo de estudo e panfletinho
tô assaltando banco, sacumé?
Esses trecos da pesada
que sai nos jornais todos os dias.
Caiu um cara e a polícia pode bater aí
qualquer hora, até qualquer dia,
dê um beijo no velho
diz pra ele que pode ficar tranqüilo
eu me cuido
e cuide bem da Rosa.
Depois houve os desmaios
as lamentações de praxe
a fiz cheirar amoníaco
com o olho grudado no relógio
dei a última mijada
e saí pelo calçadão do Leme afora
com uma zoeira desgraçada na cabeça
e a alma cheia de predisposições heróicas.
Tava entardecendo.



Inventário de cicatrizes

*Estamos todos perplexos
à espera de um congresso
dos mutilados de corpo e alma.*

Existe espalhado por aí
de Bonsucesso à Amsterdam
do Jardim Botânico à Paris
de Estocolmo à Frei Caneca
uma multidão de seres
que portam pálidas cicatrizes
esmaecidas pelo tempo
bem vivas na memória envoltas
em cinzas, fios cruces
oratórios,
elas compõem uma catedral
de vítimas e vitrais
uma Internacional de Feridas.

Quem passou por esse país subterrâneo e não oficial
sabe a amperagem em que opera seus carrascos
as estações que tocam em seus rádios
para encobrir os gritos de suas vítimas
o destino das milhares de viagens sem volta.

*Cidadãos do mundo
habitantes da dor
em escala planetária*

todos que dormiram no assoalho frio
das câmaras de tortura
todos os que assoaram
os orvalhos de sangue de uma nova era
todos os que ouviram os gritos, vestiram o capuz
todos os que gozaram coitos interrompidos pela morte
todos os que tiveram os testículos triturados
todas as que engravidaram dos próprios algozes
estão marcados,
se demitiram do direito da própria felicidade futura.



Escusas poéticas II

Alguns companheiros reclamam
que entre tantas imagens bonitas
eu diga em meus poemas que gosto de chupar bucetas
e não vejo como isso atrapalhe a marcha para o socialismo
que é também o meu rumo. Mais ainda,
eu gostaria que nessa nova sociedade por qual luto
todos passassem a chupar bucetas a contento
todos redescobrissem seus corpos massacrados
todos descobrissem que o medo e a aversão ao prazer
a que foram submetidos foi e será sempre
apenas a estratégia dos tiranos.

Outros companheiros reclamam
quanto ao uso da 1ª pessoa
em meus poemas, a falta de desfechos
corretos do ponto de vista político
e os resquícios da classe que pertencço.

A isso tudo procuro responder
que a poesia reflete uma vivência particular,
se universaliza apenas nessa medida
e que não adianta você inventar um caminho
para um povo que você não conhece nem soube achar.
Eu bem que gostaria de ter essa solução, é minha senda,
eu estou sinceramente do lado dos oprimidos
só que de uma maneira abstrata
o que errei, errei por eles,
num processo não despido de angústia
e minha poesia teria que se ressentir disso.

Quanto as outras críticas,
o que posso dizer é que a falta de lógica de meus sentimentos
não acompanha a lógica dos manuais de dialética
e que minhas intenções e objetivos
nem sempre correspondem à minha vida real.
O que muitos não entendem
é que eu quero muito falar do meu povo
da sabedoria dele,



das coisas simples
que lhe são mais imediatas
mas que esse canto hoje soaria falso
e que só posso falar disso
quando não precisar inventar nada,
quando minha práxis for essa
o caminho escolhido o certo,
quando não precisar de metáforas.

O dia da redenção tanto pode ser uma aurora quanto um poente,
isso pouco importa
desde que se cante e anuncie
de todas as formas possíveis.

Colônia penal brasiliensis

Desligaram as máquinas
o que restou, jogaram no fosso
dos ossos fizeram pentes
dos corpos piruetas
dos cabelos perucas
dos pentelhos palitos
da pele roupas
e da voz agoniada e rouca
eles foram costurando cada grito e cada boca
um por um deles foram juntando
eco por eco de desespero
caco por caco de amargura
e assim eles inventaram esse silêncio.

Profissão de fel

Enquanto vocês se vendiam
barato
com ares de grande dignidade
fiquei por aí
zanzando feito uma besta
fazendo a revolução dos imberbes
praticando a pureza dos tolos.

Minhas concepções mudaram
mas tenho muito orgulho

de não ter sido um burocrata.

Dizem que os desvios de direita
são mais fáceis de consertar.
Mas sempre gostei de errar pela
esquerda
mesmo correndo o risco de não
ficar vivo
prá fazer auto-crítica.





ALÍPIO FREIRE (Brasil, 1945)



Jornalista, poeta e artista plástico, Alípio, com o golpe de 64, aproxima-se do PCdoB. Em 67, acompanha o racha político que origina a Ala Vermelha, dissidência que apostou na luta armada para resistir à ditadura militar. Foi preso aos 23 anos pela Operação Bandeirante (Oban), passou três meses sofrendo os “interrogatórios” do Doi-Codi e do Dops e depois foi transferido ao Presídio Tiradentes, totalizando 5 anos encarcerado. Após a anistia, Alípio retoma o jornalismo e segue com sua militância, participando na fundação do PT. “No

presídio, alguns (torturadores) diziam que tinham vencido a guerra, mas eu dizia que era só uma batalha. Eu gostaria que eles estivessem vivos hoje para perguntar quem, realmente, ganhou. Eu posso contar para os meus filhos e netos, com muito orgulho e muita honra, o que vivi, já eles se escondem como ratos”.

1 de março de 1992

O velho anota
no metrô
seu poema
velho
da vitória
do que houve
de mais velho
quando era
demais jovem.

Ninguém
além do velho
se interessa
por seu poema
antiquado

Sem rima
e sem metro.

O velho do metrô
usa óculos e bigodes
e nos pés
um par de tênis
surrados

Sem laço
e sem cadarço.

Com a memória em 64
os pés em 22
a cabeça em 68
e o coração sem tempo
o velho anota
seu poema

Datado.



Mulheres de todas as idades
entram e saem do metrô
do mesmo modo como o fizeram
na vida do velho.

Pernas verdes, amarelas, azuis e
brancas.

Pernas vermelhas
– Para que tanta perna,
meu deus?! –,
considera o velho.

Mas as pernas passam
as mulheres passam
os amores passam
a vida passa.
Tudo na vida passa.
E envelhece.

Rejuvenescido pela poesia que
passa
o velho sorri um sorriso ateu
ciente de que o metrô
não é O Trem d’A História
e de que deus não existe.

Assim, desembarca no Paraíso.

O velho sorri solitário
e despojado de expectativas

No metrô
Na gare
Na vida.

O velho deixa a estação
mergulha na chuva fina da noite
declina qualquer
autoenternecimento ou
comiseração pública

faz xixi na árvore da esquina
e prossegue em direção ao vazio
assobiando uma velha melodia

Por que não?

Coquetel

Uma garrafa
Uma rolha
Gasolina
Óleo 30
Pólvora e ácido nítrico
Ou uma mecha em chamas...
e...
desde então
aquela dificuldade insana de
hierarquizar os alvos.

Chorinho

Eu tenho uma casinha
lá na Marambaia
fica na beira da praia
onde helicópteros e aviões da
Aeronáutica
despejavam corpos de opositores
do regime.
Alguns
ainda com vida
Outros
esquartejados.
NB
O terror de Estado contaminou
tudo.
Até o nosso mais lírico cancioneiro.

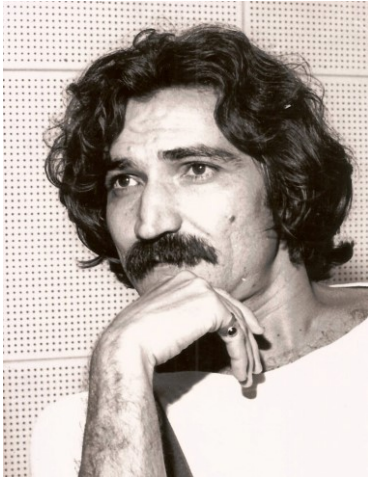
Prestação de contas

Para morrer,
basta estar vivo.
Para viver,
não.





BELCHIOR (Brasil, 1946-2017)



Durante sua infância, no Ceará, Antônio Carlos Belchior foi cantor de feira e poeta repentista. Começou a estudar Medicina, mas abandonou o curso no quarto ano, em 1971, para dedicar-se à carreira artística. Ligou-se a um grupo de jovens compositores e músicos, como Fagner, Ednardo, Rodger Rogério, Teti, Cirino entre outros, conhecidos como o “Pessoal do Ceará”. Torna-se famoso a partir de gravações feitas por grandes intérpretes como Elis Regina. Belchior, talvez um dos melhores e mais ácidos letristas de nosso cancioneiro, decidiu enfrentar a contradição da música popular massiva, tendo, por isso, sua imagem

distorcida pela indústria cultural que o vendeu de forma caricata como artista brega, romântico. Nada mais oposto ao que lhe movia, um espírito de profunda revolta contra o sistema, de tons anárquicos. O materialismo é um dos fundamentos da música de Belchior. Seus grandes inimigos são os escapistas, pequeno-burgueses que fogem da dura realidade pra psicodelia falsamente feliz, o que, musicalmente, estava encarnado à época na Tropicália: *“Eu não estou interessado em nenhuma teoria / em nenhuma fantasia / nem no algo mais / nem em tinta pro meu rosto / oba oba, ou melodia / para acompanhar bocejos / sonhos matinais / (...) a minha alucinação é suportar o dia-a-dia / e meu delírio é a experiência / com coisas reais”* (“Alucinação”, 1976). Para Belchior, as palavras são um instrumento de luta política, de estapear a cara dos atordoados, oferecer-lhes uma consciência possível, dolorida: *“Se você vier me perguntar por onde andei / no tempo em que você sonhava / de olhos abertos, lhe direi / amigo, eu me desesperava / [...] e eu quero é que esse canto torto feito faca / corte a carne de vocês”* (“A palo seco”, 1976). Por isso mesmo suas canções denunciam os horrores de uma sociedade falida: *“Não me peça que eu lhe faça uma canção como se deve / correta, branca, suave / muito limpa, muito leve / sons, palavras, são navalhas / e eu não posso cantar como convém / sem querer ferir ninguém”* (“Apenas um rapaz latino-americano”, 1976). Nos anos 2000, abandona a vida musical e passa a viver como peregrino com sua companheira, fugindo das dívidas contraídas, inclusive das pensões de seus filhos.





Como o Diabo Gosta

Não quero regra nem nada
Tudo tá como o diabo gosta, tá,
Já tenho este peso, que me fere as
costas,
e não vou, eu mesmo, atar minha
mão.

O que transforma o velho no novo
bendito fruto do povo será.
E a única forma que pode ser norma
é nenhuma regra ter;
é nunca fazer nada que o mestre
mandar.
Sempre desobedecer.
nunca reverenciar.

Conheço o Meu Lugar

O que é que pode fazer o homem
comum
Neste presente instante senão
sangrar?
Tentar inaugurar
a vida comovida
inteiramente livre e triunfante?

O que é que eu posso fazer
com a minha juventude
quando a máxima saúde hoje
é pretender usar a voz?

O que é que eu posso fazer
um simples cantador das coisas do
porão?
Deus fez os cães da rua pra morder
vocês
que sob a luz da lua
os tratam como gente - é claro! - aos
pontapés

Era uma vez um homem e o seu
tempo
botas de sangue nas roupas de Lorca
Olho de frente a cara do presente e
sei
que vou ouvir a mesma história
porca
Não há motivo para festa: Ora esta!
Eu não sei rir à toa!

Fique você com a mente positiva
Que eu quero é a voz ativa (ela é que
é uma boa!)
Pois sou uma pessoa.
Esta é minha canoa: Eu nela
embarco.
Eu sou pessoa!
A palavra "pessoa" hoje não soa bem
Pouco me importa!

Não! Você não me impediu de ser
feliz!
Nunca jamais bateu a porta em meu
nariz!
Ninguém é gente!
Nordeste é uma ficção! Nordeste
nunca houve!

Não! Eu não sou do lugar dos
esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: Conheço o meu
lugar!



CARLOS MARIGHELLA (Brasil, 1911-1969)



Militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), conheceu a prisão pela primeira vez em 1932, com apenas 21 anos, após escrever um poema contendo críticas ao interventor Juracy Magalhães. Em 1º de maio de 1936, durante a ditadura na era Vargas, foi preso por subversão

e torturado pela polícia de Filinto Müller. Permaneceu encarcerado por um ano. Ao sair da prisão entrou para a clandestinidade até ser recapturado, em 1939. Novamente, foi torturado e ficou na prisão até 1945, quando foi beneficiado com a anistia pelo processo de redemocratização do país. Rompe com o partido em 1967 e em fevereiro de 1968 fundou o grupo armado Ação Libertadora Nacional. Na noite de 4 de novembro de 1969, Marighella foi surpreendido por uma emboscada na alameda Casa Branca, na capital paulista. Ele foi morto a tiros por agentes do DOPS em uma ação coordenada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury. A ALN continuou em atividade até o ano de 1974. “Não tive tempo para ter medo”, é uma de suas frases mais famosas.

Liberdade

Não ficarei tão só no campo da arte,
e, ânimo firme, sobranceiro e forte,
tudo farei por ti para exaltar-te,
serenamente, alheio à própria sorte.

Para que eu possa um dia contemplar-te
dominadora, em fêrvido transporte,
direi que és bela e pura em toda parte,
por maior risco em que essa audácia importe.

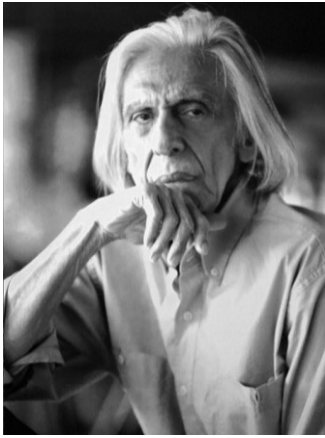
Queira-te eu tanto, e de tal modo em suma,
que não exista força humana alguma
que esta paixão embriagadora dome.

E que eu por ti, se torturado for,
possa feliz, indiferente à dor,
morrer sorrindo a murmurar teu nome.

*[escrito no Presídio
Especial em 1939]*



FERREIRA GULLAR (Brasil, 1930-2016)



“Sou (...) alguém que vem da tragédia cotidiana e obscura que se desenrola sob os tetos de minha pátria, abafada em soluços, a tragédia da vida-nada, da vida-ninguém. Se algum sentido tem o que escrevo, é dar voz a esse mundo sem voz”. Ferreira Gullar é considerado um dos maiores poetas brasileiros, abriu caminho para a "Poesia Concreta" com o livro "Luta Corporal". Rapidamente rompe com a Poesia Concreta, organizando o movimento literário "Neoconcreto". No início da década de 60, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde

participou do Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, sendo seu presidente. Entra para o PCB no dia do golpe militar de 64. Após a edição do AI5, em 1968, Ferreira Gullar é preso e exilado em Paris e depois em Buenos Aires. Em 1977, é absolvido pelo STF e retorna ao Brasil. O "Poema Sujo", escrito no exílio, é considerado um dos melhores poemas brasileiros do século. Escreveu ótimos artigos sob a perspectiva marxista acerca da arte, literatura e poesia. Infelizmente, Gullar vai se afastando do marxismo e da militância até se tornar um retrógrado: *“Não creio mais em luta de classes. Já aprendi que o capitalismo é como a natureza: invencível.”* (Bravo! – 2009)

Cantada

Você é mais bonita que uma bola
prateada
de papel de cigarro
Você é mais bonita que uma poça
d'água
límpida
num lugar escondido
Você é mais bonita que uma zebra
que um filhote de onça
que um Boeing 707 em pleno ar
Você é mais bonita que um jardim
florido
em frente ao mar em Ipanema

Você é mais bonita que uma
refinaria da Petrobrás
de noite
mais bonita que Ursula Andress
que o Palácio da Alvorada
mais bonita que a alvorada
que o mar azul-safira
da República Dominicana

Olha,
você é tão bonita quanto o Rio de
Janeiro
em maio
e quase tão bonita
quanto a Revolução Cubana.





Não há vagas

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão
O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras
— porque o poema, senhores,
está fechado:
“não há vagas”
Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço
O poema, senhores,
não fede
nem cheira.

Traduzir-se

Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
língua.

Traduzir uma parte
na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?



O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu
café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro
por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este
açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e
tampouco o fez o Oliveira, dono da
mercearia.

Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em
Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há
hospital
nem escola,

homens que não sabem ler e
morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta
manhã em Ipanema.

Meu povo, meu poema

Meu povo e meu poema crescem
juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

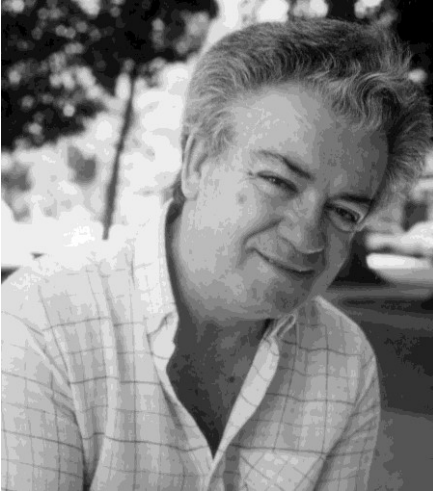
Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra
fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta





GEIR CAMPOS (Brasil, 1924-1999)



Geir Campos foi piloto da marinha, professor de ginásio e universitário, radialista, jornalista, editor, contista, poeta e tradutor (traduziu Rilke, Brecht, Kafka, Herman Hesse, Walt Whitman, Shakespeare e Sófocles). Foi chamado de “habilíssimo artista” por Manuel Bandeira. Foi um dos organizadores, com Moacyr Félix, dos Cadernos do povo brasileiro, Violão de rua, editados em 1962 pelo CPC da UNE e Civilização Brasileira. O poeta, militante do PCB, esteve sempre engajado nas lutas de seu tempo. Em 1951, Geir Campos criou, em Niterói,

com o poeta Thiago de Melo, as Edições Hipocampo. A iniciativa se insere num dos momentos mais significativos da história das artes gráficas do país. As Edições Hipocampo foram um empreendimento nascido do amor à poesia e às artes gráficas. Os livros eram compostos tipograficamente e diagramados pelos próprios editores, numa gráfica de fundo de quintal. Antônio Cândido considera Geir Campos um dos mais significativos e atuantes da Geração de 45. Avançado para sua época, lançou um livro todo dedicado ao amor livre, “Cantar de amigo ao outro homem da mulher amada”.

Cantar de amigo

O claro pão
que repartimos
dá-nos um título:

companheiros.

A indagação
que aprofundamos
faz de nós, artesãos,
camaradas.

O olhar sem visgo,
a voz precisa,
o gesto mundo,
eis-nos: amigos.

Quantos, que marcham pela vida
como quem carrega uma estrada,
terão amigo, companheiro e
camarada?





Poética

Eu quisera ser claro de tal forma
que ao dizer

— rosa!

todos soubessem o que haviam de pensar.

Mais: quisera ser claro de tal forma
que ao dizer

— já!

todos soubessem o que haviam de fazer.

8ª Cantiga de acordar mulher

Vozes da esquerda, surdas,
e vozes da direita, afinadíssimas,
hão de louvar-te a arte
de ser mulher:
mansa como uma ovelha,
jeitosa como uma gata de luxo,
dócil e generosa como uma árvore
a se multiplicar em sombra e frutos,
como uma estátua impassível,
hábil de acordo com as
conveniências,
e acima disso
crente em ser esse o teu ideal de
vida...
Acorda: pois foi essa
a sorte que escolheste?

9ª Cantiga de acordar mulher

Um dia te acharás
sem inteirar a casa:
ouvirás o marido ressonando,
os filhos dormindo em calma...
O espelho te acenará,
te lembrará coisas da mocidade,
coisas da meninice,
te mostrará vindas algumas rugas;
contemplarás o espelho,
o quarto, a casa;
perguntarás por ti mesma,
pelo teu próprio destino
— e o espelho fará silêncio:
será o sinal de estares acordando.



Zum-Zum

Ela tem dois amigos, dirá um.
Ele é um amigo do casal, dirá
Outro. E o que é dito aqui faz eco lá,
E a cada voz amplia-se o zunzum.

Diz-que-diz-que é a maneira mais comum
de se fingir que entende o que não dá
Para entender e assim não chegará
A entendimento verdadeiramente algum.

Quem quiser sobre nós saber ao certo
O que de fato existe, chegue perto
E espie bem, sem medo ou preconceito:

Dois homens há de ver e uma mulher
E o bem que cada qual aos outros quer
Num exemplo de amor quase perfeito.

Abertura

A ninguém se condena por ter mais
de um amigo ou amiga, e até se diz
que amizades adubam a raiz
do sucesso nas rodas sociais.

Já se a mesma pessoa tiver mais
de um amado ou amada, o que se diz
é que deve extirpar o mal pela raiz
esse cancro das rodas sociais.

Mas amor e amizade não serão
dois nomes de uma única emoção?
Se amizade é tão só um amor sem sexo,

que amigos e amigas enfim serão
os que, abrindo o estatuto da emoção,
dão também foro de amizade ao sexo?



JACINTA PASSOS (Brasil, 1914-1973)



Nascida numa cidadezinha do interior da Bahia, Cruz das Almas, numa família abastada e profundamente católica, Jacinta vai aos poucos renegar todos os valores tradicionais, assumindo uma busca incessante por sua liberdade e a de todos. Torna-se uma importante jornalista e ativista social na década de 40 em Salvador, abandona o catolicismo e se aproxima de intelectuais comunistas como Jorge Amado. Casa-se em 1944 com James Amado (irmão mais novo de Jorge Amado) e filia-se ao PCB, carregando, desde então, mais um estigma, a de militante comunista. Chegou mesmo a ser candidata em 1945 a deputada, única mulher candidata no período, mas não foi eleita. Produziu uma pequena, mas fantástica obra literária que foi elogiada por Mário de Andrade e Antônio

Candido. Com a ilegalidade do PCB, Jacinta passa para a militância clandestina, sempre usando de suas poesias para os trabalhos de propaganda política. Em 1951, encontrava-se no Rio de Janeiro quando sofre sua primeira crise nervosa com delírios, eram os sinais da esquizofrenia. Desse período em diante, já separada do marido, até o fim da sua vida viverá o preconceito múltiplo, por ser mulher, artista, comunista e, agora, “louca”. Em diversos momentos, sua família justificou seus posicionamentos políticos radicais como “loucura” e foi mesmo presa em um sanatório por um prefeito incomodado com sua militância. Seu tipo de esquizofrenia permitiria uma vida dita “comum”, em sociedade, caso fosse tratada adequadamente. Mas foi internada e submetida à choques elétricos, injeções de insulina e tranquilizantes. Jacinta Passos sempre afirmava que era uma presa política e por isso não aceitava nenhum tipo de regalia nos manicômios. Durante os 7 anos que ficou internada, continuou escrevendo regularmente, compondo à mão poemas, peças para teatro, radioteatro, aforismos, textos sobre teoria da arte, poesias e reflexões políticas (preencheu cerca de 3.348 páginas de caderno manuscritas no período, A sua “loucura” era ser “mulher, artista e comunista”: *“Menina / minha menina, / carocinho de araçá, / cante / estude / reze / case / faça esporte / e até discurso, / faça tudo o que quiser / Menina! / não esqueça que é mulher.”* (Jacinta Passos)





Canção do amor livre

Se me quiseres amar
não despe somente a roupa.

Eu digo: também a crosta
feita de escamas de pedra
e limo dentro de ti,
pelo sangue recebida
tecida
de medo e ganância má.
Ar de pântano diário
nos pulmões.
Raiz de gestos legais
e limbo do homem só
numa ilha.

Eu digo: também a crosta
essa que a classe gerou
vil, tirânica, escamenta.

Se me quiseres amar.

Agora teu corpo é fruto.
Peixe e pássaro, cabelos
de fogo e cobre. Madeira
e água deslizante, fuga
ai rija
cintura de potro bravo.
Teu corpo.

Relâmpago depois repouso
sem memória, noturno.

Canção atual

Plantei meus pés foi aqui
amor, neste chão.

Não quero a rosa do tempo
aberta

nem o cavalo de nuvem
não quero
as tranças de Julieta.

Este chão já comeu coisa
tanta que eu mesma nem sei,
bicho
pedra
lixo
lume
muita cabeça de rei.

Muita cidade madura
e muito livro da lei.
Quanto deus caiu do céu
tanto riso neste chão,
fala de servo calado
pisado
solução de multidão.

Coisas de nome trocado
– fome e guerra, amor e medo –

Tanta dor de solidão.

Muito segredo guardado
aqui dentro deste chão.
Coisa até que ninguém viu
ai! tanta ruminação
quanto sangue derramado
vai crescendo deste chão.

Não quero a sina de Deus
nem a que trago na mão.
Plantei meus pés foi aqui
amor, neste chão.



LIBÉRIO DE CAMPOS (Brasil, 1967-1974)



Libério de Campos é o autor coletivo do livro de poemas realizado pelos combatentes das Forças Guerrilheiras do Araguaia (FGA) em comemoração ao seu 2º ano de existência (a construção das bases da guerrilha começa em 67 e teria início efetivo em 72, quando é descoberta). A

guerrilha foi idealizada e liderada por militantes do PCdoB em resposta à ditadura implantada em 64 no país. O pseudônimo Libério de Campos pode ser uma referência à “Liberdade Camponesa”. A publicação desses poemas se deu em 1979 no jornal “Resistência”, do Pará. Segundo Luiz Maklouf, responsável pela sua publicação, elas foram enviadas em 1976 ao jornal “O Estado do Pará” onde trabalhava. Sabendo que jamais seriam publicadas por este jornal, ele as guardou cuidadosamente até que houvesse condições de editá-las. O Exército, após fazer uma das maiores mobilizações de tropas da sua história com mais de 10 mil soldados, pôs fim à guerrilha em 74. *Dos 80 guerrilheiros, 59 foram brutalmente torturados e mortos assim como mais 33 camponeses “apoiadores”.* *“Decerto por fuzil e decreto é proibido cantar. Mas cantar é preciso. Quando ainda não o grito, seja o balbucio. Se não a palavra aberta, o amplo segredo. Nunca no entanto, o silêncio. Dizem que o silêncio é de ouro. Mas de quem esse ouro? Sabemos que não do povo. Para nós o silêncio é podre. E cantar é preciso”.* (Prefácio feito pelos guerrilheiros).

Percepção

não no ponto neutro
inexistente nos relógios
porém no centro
de que é são e podre
no espaço lento
do que é perto e longe
no ligamento
do que vem e hoje
no dividendo
do depois e agora

entre o que se guarda
e o que se joga fora
entre o cuspido e o beijo

noites e matizes:
te escuto te vejo
descubro as tuas
raízes – ó aurora
indivisível!





Poema do soldado morto

o combatente do medo
armado até as gengivas
pra combater um segredo
partiu

e nem sabia por que
o combatente do medo
(filho em si de camponeses)
chegou sangrou camponeses
massacrô jogou napalm

e nem sabia por que
o combatente do medo
na sombra da selva espessa
tombou sobre o grão de fogo
de uma bala guerrilheira

e nunca soube por que
e os generais, que entrementes
guerrearavam – nos banquetes
batizaram-no de herói
e recrutaram mais trinta

que nem sabiam por que
ó vós, soldados do medo
irmãos e filhos do povo,
voltai vossas tristes armas
contra quem vos faz escuros
contra quem vos faz escudos
dos seus escusos projetos!

sustais todas vossas alas
guardai todas vossas balas
para os generais abjetos!

Das Ferramentas
não aceite o açoite

porque de aço e noite
não se faz manhã

manhã se faz, mas
é com braço e foice
é ceifando ao tempo

toda a flora vã

Canção das F. G. A.

Não somos do norte
nem somos do sul
Nossa geografia
é um sopro de liberdade

O verde invadiu nossos olhos
Verde a floresta
e verde a nossa certeza
nos novos frutos da terra

Decerto que há fuzis
muitos mortos, muitos nossos
há os do ofício do não
entre o povo e a madrugada

Decerto que há um muro de
homens
verdes (verde-velho, verde-lodo)
entre nós – entre o povo –
e a madrugada

mas (antes de tudo)
é preciso que se faça o dia
é se as nossas águas, nosso fogo
vão dar no dia

que noite nos deterá?
Decerto não fizesse escuro
deitaríamos aos fuzis no
leito do Araguaia





MAURO IASI (Brasil, 1960)



Durante sua juventude participou do grupo de teatro LUTA, que apresentava peças proibidas pela ditadura. Filia-se ao PCB em 1979, mas o deixa junto da saída de Prestes em 80. Envolve-se com as greves do ABC paulista e participa da fundação do PT, no qual segue militando até 2004, quando retorna ao PCB, onde, atualmente, é dirigente. Desenvolve importante pesquisa sobre ideologia e consciência de classe, sendo um dos fundadores no Núcleo de Educação Popular 13 de Maio, organização que há mais de 30 anos desenvolve um trabalho único de formação política da classe trabalhadora.

Sobre o Ofício de Construir Estrelas e os Riscos das Verrugas

Eis minhas mãos:
não tenho porque esconde-las,
ainda que, por teimosia,
tragam verrugas nos dedos
por apontar estrelas.
Este é o nosso ofício:
cavalgar verdades cadentes,
eternos/caducos presentes
que comem a si mesmos
mastigando seus próprios dentes.

Assim são estrelas:
tempo que tece a própria teia
que o atrela, cavalo que cavalga
a própria sela.

Distanciamento
Objeto
Estranhamento

Espera
como pintor ensandecido
que reprova a própria tela.

Este é o nosso ofício,
este é o nosso vício.
Cego enlouquecido,
visão por trevas tomada
insiste em apontar estrelas
mesmo em noites nubladas.

Ainda que seja por nada
insisto em aponta-las
mesmo sem vê-las
com a certeza que mesmo nas
trevas
escondem-se estrelas.





Enganam-se os que crêem
que as estrelas nascem prontas.
São antes explosão
brilho e ardência
imprecisas e virulentas
herdeiras do caos
furacão na alma
calma na aparência.

Enganadoras aparências...

Extintas, brilham ainda:
Mortas no universo
resistem na ilusão da retina.

Velhas super novas
pontuam o antes nada
na mentira da visão repentina.

Sim
são infiéis e passageiras.
Mas poupem-me os conselhos,
não excludo os amores
por medo de perdê-los.

Os que amam as estrelas puras
tão precisamente desenhadas
fazem para si mesmos
estrelas finamente acabadas.

Tão perfeitas e irreais
que não brilham por si mesmas
nem se sustentam fora das
bandeiras
e do branco firmamento dos
papéis.
Assim se constroem estrelas puras
sem os riscos de verrugas.

Cavalgarei estrelas
ainda que passageiras
pois não almejo tê-las
em frio metal
ou descartável plástico.

Simplesmente delas anseio
roubar a luz e o calor
sentir o vento fértil de seu rastro
tocar, indecente,
meu sextante no seu astro
na certeza do movimento
ainda que lento, que corta a noite
desde a aurora dos tempos.

Eis aqui minhas mãos:
não tenho receio de mostra-las,
antes com verrugas que
em bolsos guardadas.

Eis minhas verrugas,
orgulho-me em tê-las,
é parte do meu ofício
de construtor de estrelas.

Gastarei as verrugas
na lixa da prática,
queimarei as verrugas
com o ácido da crítica
e aprenderei com as marcas
que as estrelas se fazem ao fazê-las
por isso são estrelas.



Quando os trabalhadores perderem a paciência

As pessoas comerão três vezes ao dia
E passearão de mãos dadas ao entardecer
A vida será livre e não a concorrência
Quando os trabalhadores perderem a paciência

Certas pessoas perderão seus cargos e empregos
O trabalho deixará de ser um meio de vida
As pessoas poderão fazer coisas de maior pertinência
Quando os trabalhadores perderem a paciência

O mundo não terá fronteiras
Nem estados, nem militares para proteger estados
Nem estados para proteger militares prepotências
Quando os trabalhadores perderem a paciência

A pele será carícia e o corpo delícia
E os namorados farão amor não mercantil
Enquanto é a fome que vai virar indecência
Quando os trabalhadores perderem a paciência

Quando os trabalhadores perderem a paciência
Não terá governo nem direito sem justiça
Nem juízes, nem doutores em sapiência
Nem padres, nem excelências

Uma fruta será fruta, sem valor e sem troca
Sem que o humano se oculte na aparência
A necessidade e o desejo serão o termo de equivalência
Quando os trabalhadores perderem a paciência

Quando os trabalhadores perderem a paciência
Depois de dez anos sem uso, por pura obscelescência
A filósofa-faxineira passando pelo palácio dirá:
“declaro vaga a presidência”!



MOACYR FELIX (Brasil, 1926-2005)



Moacyr começa sua trajetória como editor em 1954, quando integra a equipe de redação da revista literária Marco; em 1956 integrou a comissão de redação da revista Caderno do Nosso Tempo, do Ibsp. De 1956 a 1958, foi o responsável pela seção de poesia e escreveu artigos de crítica e balanços literários no Para Todos, jornal de cultura do antigo Partido Comunista Brasileiro (PCB), dirigido por Jorge Amado e Oscar Niemeyer, e com o redator-chefe Moacyr Werneck de Castro; de 1963 a 1971, foi diretor da Coleção Poesia Hoje, da editora Civilização Brasileira, juntamente

com as coleções Poesia Sempre e Poesia Viva; em 1965, faz parte do conselho de redação e depois é secretário da famosa Revista Civilização Brasileira, editada por Ênio Silveira e, em 1966, torna-se seu diretor. Como intelectual e ativista, foi um dos fundadores do Comando de Trabalhadores Intelectuais (CTI), que teve a adesão no Rio de Janeiro de mais de quatrocentos intelectuais de todas as áreas das artes, da literatura, da ciência e das profissões liberais. Em 1964, foi eleito membro do Conselho Deliberativo deste comando. Em 1962 e 1963 é organizador e prefaciador dos três volumes da série *Violão de Rua*, para o Centro Popular de Cultura da UNE. É preso pelo regime militar, em 1966, por suas manifestações a favor da liberdade de expressão. Moacyr foi um agitador e pensador da cultura de grande influência na esquerda brasileira!

A fala irritada (fragmento)

IV.

Mais devagar, meus senhores,
isto é um processo histórico.

Modéstia, meus caros, modéstia
e um pouco de consciência
em não se chamarem de autores
palradores
do que a milhares de anos de vida
custou sangue, morte e muitas
dores

Quando vier, ó carreirista
da política e das letras,
com a sua teoriazinha na mão,
- como se fosse um buquê
para enfeitar sua vida
no jornal ou na TV -
saiba disto:

atrás de você
empurrando você
causando você



afirmando você
negando você
transcendendo você

existe a fábrica
- e seu chão
ligado ao motor das almas
que compõem uma nação

existe a palavra
- com seu âmagô alado
há mais de 800.000 anos
e de onde não some
a antiquíssima história
do trabalho e do homem,

existe a desalienação
- sobretudo a se operar
na linguagem lenta das verdades
que a cada um religa tudo.

Mais devagar, meus senhores,
isto é um processo histórico:
você não inventaram coisa
alguma!
Assim como a terra inventa o
verde,
na hora marcada pelo chão,
onde a alma da cidade vibra
na praça é que coletivamente se
inventam
a tristeza dos homens, a sua
canção,
a curva emocionada de suas lutas
- e a sua revolução.

(Um dia chegará o dia de
esmigalhar com mãos e cantos
politicagem & negócios

sem que os pássaros da vida
batam as asas por espanto.)

V.

Numa época
em que a cultura não é mais
nem monarcas nem tetrarcas
nem mocinhos de gravatas
borboletas
a citar Pound às alpercatas
gran-fininhas, franfininhas
do erudito espiroqueta,
existe uma hora
em que devemos dizer:
"basta meu velho, o seu rei está nu!
basta de prosas enredadas
para justificar-se, justificar-se,
justificar-se
de seus pulinhos e de suas
reviravoltas
para lá e para cá, para o blim e para
o blão
para o bom, sempre para o bom
lado da primeira página...
não é isto não.
Flor orgânica dos ventos
no mais fundo sentimento,
é mais a verde lava da vida
do que anúncios de sabão
ou o desfiar das margaridas
- me quer sim, ou me quer não -
em frente aos olhos da gente
que tem o
poder na mão".





PAULO FONTELES (Brasil, 1949-1987)



Paulo Fonteles foi militante da AP (Ação Popular) durante a ditadura. Ele e sua esposa (que estava grávida) foram presos e barbaramente torturados. Parte da poesia de Paulo descreve de forma crua e direta o processo da tortura. A maioria dos lutadores torturados não revisita esse momento, escrevendo sobre o antes, sobre a resistência durante e sobre o porvir de liberdade. Paulo Fonteles volta com determinação à sala de torturas para relatar isso que não pode ser esquecido... é como se tentasse “desesteticizar” a sua poesia, deixando o puro desconforto para o leitor, desconforto de quem vê a tortura de forma clara, sem rodeios, sem metáforas. Seu filho, Paulo Fonteles Júnior, nasceu nos porões da ditadura

subvertendo a praga que os torturadores rogavam de que “não devia nascer filho dessa raça”. Paulo e sua esposa ficaram oito meses na prisão antes de serem acusados a 16 de junho de 1972. Paulo Fonteles foi condenado a um ano e oito meses, Hecilda a um ano de prisão. Os juízes ignoraram as denúncias de tortura. Paulo Fonteles, solto, se engajou na luta dos posseiros na região do Araguaia, tendo sido assassinado pelos grandes grileiros latifundiários da região.

CHOQUE

UM MAGNETO
UM DÍNAMO
DOIS FIOS.

ELETRICIDADE
NA LÍNGUA
NO PÊNIS
NO ÂNUS
NA CABEÇA.

ALUCINADO
O CORPO TREPIDA
NO PAUDE ARARA
ESCARRANDO SANGUE.

O SARGENTO,
AQUELE QUE GIRA O DÍNAMO,
RI.





Pequeno poema para minha mãe

A noite cai no Araguaia e penso em ti, minha mãe.
Minhas botas estão sujas pelos dias com meus companheiros,
mas meu coração está limpo
e sereno
e minhas lembranças estão em combate.
Escrevo-te como filho parido no cárcere e em Xambioá,
pequena mãe,
ainda escutamos os sussurros da vida futura.
Bem quisera beijar-te o rosto luminoso,
e dizer-te, como quem entoa rouxinóis,
que vencemos os matadores de crianças,
os pusilânimes da tortura e da morte anunciada,
os algozes das masmorras do Planalto,
os pústulas do obscurantismo e da infelicidade geral de nosso povo.
E vencemos, querida mãe,
o ministro do Garrastazu, que como lobo rodeava-me,
com sangue nas mãos e as presas afiadas
e este dizia: “Filho desta raça não deve nascer”.
Mas nascemos, filhos do povo, às centenas
aos milhares
aos milhões.
E como vão meus irmãos?
E Ronaldo periquito, gerado na prisão
e o roqueiro guerrilheiro João?
A noite cai e penso em ti, minha mãe.
Minhas botas estão sujas pelos dias com meus companheiros,
mas meu coração está limpo e sereno
e nutro grandes esperanças.
Sou todo combate.

ATAQUE DE PEÕES

GANHO UMA CARTEIRA DE
CIGARROS,
VAZIA.
UM BELO PRESENTE.

XADRÊZ
E CUIDADOSAMENTE RECORTO 32
FIGURAS.

COM UM FÓSFORO RISCADO
DESENHO UM TABULEIRO DE

DESENVOLVO BOAS TRAMAS
E SONHO COM ATAQUES DE PEÕES.





PEDRO CASALDÁLIGA (Brasil, 1928)



Nascido na província de Barcelona, Espanha, é radicado no Brasil desde 1968. É padre adepto da teologia da libertação e designado como bispo da prelazia de São Félix do Araguaia em 1971 pelo papa Paulo VI. Além de poeta é autor de várias obras sobre antropologia, sociologia e ecologia, sendo alvo de inúmeras ameaças de morte por causa de sua militância ao lado dos trabalhadores. A mais grave, em 12 de outubro de 1976, ocorreu no povoado de Ribeirão Bonito (Mato Grosso). Ao ser informado que duas mulheres estavam sendo torturadas na delegacia local, dirigiu-se até lá acompanhado do padre jesuíta João Bosco

Penido Burnier. Após forte discussão com os policiais, o padre Burnier foi agredido e morto. Após a missa de sétimo dia, a população seguiu em procissão até a delegacia, libertando os presos e destruindo o prédio. Naquele lugar foi erguida uma igreja. Por cinco vezes, durante a ditadura militar, foi alvo de processos de expulsão do Brasil, tendo saído em sua defesa o arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns. Em 1994, apoiou a revolta de Chiapas, no México, afirmando que quando o povo pega em armas deve ser respeitado e compreendido. Em 1999, publicou a "Declaração de Amor à Revolução Total de Cuba". Seu amor à liberdade inspirou sua luta contra a centralização do governo da Igreja, pois considera que a visão de Roma é apenas uma, e que a Igreja deveria ser uma comunhão de igrejas.

Che Guevara

E, por fim, me chamou também tua morte
desde a seca luz de Vallegrande.

Eu, Che, prossigo crendo
na violência do Amor: tu próprio
dizias que "é preciso endurecer-se
sem perder nunca a ternura".

Mas tu me chamaste. Também tu.
(Os temas compartilhados, dolorosos.
Os múltiplos olhares moribundos.
A inerte compaixão exasperante.
As sábias soluções à distância...

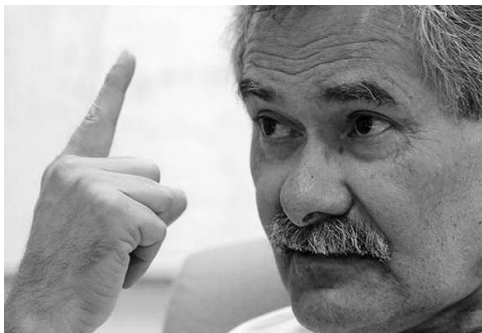




América. Os pobres. Esse Terceiro Mundo,
quando não há mais que um mundo,
de Deus e dos homens!)
Escuto, no transístor, como te canta
a juventude rebelde,
enquanto o Araguaia pulsa a meus pés, como uma artéria viva,
transido pela lua quase cheia.
Apaga-se toda luz. E é só noite.
Rodeiam-me os amigos distantes, vindouros.
("Pelo menos tua ausência é bem real",
geme outra canção... Oh! a Presença
em Quem eu creio, Che,
a Quem eu vivo,
em Quem espero apaixonadamente!
... A estas horas tu sabes bastante
de encontros e respostas.)
Descansa em paz. E aguarda, já seguro,
com o peito curado
da asma do cansaço;
limpo de ódio o olhar agonizante;
sem mais armas, amigo,
que a espada despida de tua morte.
(Morrer sempre é vencer
desde que um dia
Alguém morreu por todos, como todos,
matado, como muitos...)
Nem os "bons" - de um lado -,
nem os "maus" - do outro -,
entenderão meu canto.
Dirão que sou apenas um poeta.
Pensarão que a moda me ganhou.
Recordarão que sou um padre "novo".
Nada disso me importa!
Somos amigos
e falo contigo agora
através da morte que nos une;
estendendo-te um ramo de esperança,
todo um bosque florido
de ibero-americanos jacarandás perenes,
querido Che Guevara!



PEDRO TIERRA (Brasil, 1948)



Pedro Terra foi preso pela ditadura em 72 acusado de “subversão” por sua ação junto à ALN (Ação Libertadora Nacional). Foi apenas libertado em 77, após passar por diversas prisões e por longos períodos de tortura. Foi através da poesia que Terra conseguiu manter sua humanidade nos porões da ditadura: “Era,

então, a maneira de poder me olhar no espelho sem enlouquecer.” Seus poemas descrevem sua resistência, sua luta pela vida nos calabouços, superando a tortura física e a tristeza de acompanhar o assassinato de diversos companheiros. Para escrever na cadeia teve que roubar lápis dos torturadores e escrever com letra miúda no papel dos maços de cigarro. De início, mandava seus poemas na cartas, mas estes eram interceptados pela censura. Passou então a utilizar um subterfúgio: escrevia dizendo que adorava muito as poesias de um poeta latino-americano chamado Pedro Terra do qual transcrevia poemas selecionados (que eram seus próprios... na verdade, seu verdadeiro nome é Hamilton Pereira... mas, desde então, Pedro Terra passou a ser seu pseudônimo). Mas, a maior parte de suas poesias saíam mesmo escondidas dentro de canetas bic. Uma primeira edição mimeografada, com prefácio do padre e poeta Dom. Pedro Casaldáliga, rodou clandestinamente o Brasil com Hamilton ainda preso e foi se tornando símbolo da luta pela anistia: “*Será que alguém já publicou nestes dez últimos anos de poesia e de noite, no Brasil, um livro de poemas mais verdadeiros, versos mais comprometidos com a vida, com a morte, com o Povo?*” (Dom Pedro Casaldáliga)

Há um lugar na barricada

Quando o povo bater à porta,
não te encontre com as mãos
vazias.

Confere as coisas embaladas: não
se permitem dúvidas nas bagagens
de guerra.

Se entre os companheiros ainda
há quem pergunte a razão
dos poetas,

encontra, primeiro, teu lugar na
barricada, depois, entre os
combatentes,
aponta
o rosto enérgico de tua poesia.





Os materiais

Eu quis a palavra reta
feito faca.

Eu fiz do verso o corte
branco
do metal.

O lento sal dos anos
não lhe roube o fio.

O inimigo não possa
empunhá-lo durante a luta.

Se o carrasco, algum dia,
levar aos lábios meu poema,

o vidro claro do verso
lhe corte a boca.

E a palavra não se renda
à tortura.

E quando eu disser: pedra,
não se entenda pão.

Quando eu disser: noite,
se encontre nela todo poder de
treva.

Quando eu disser: eis o inimigo,
mate-o antes do amanhecer.

Tecendo o canto

*“... Hemos sembrado la tierra con
muertos que sin duda florecerán...”*
Alberto Szpunberg

Recolho no ar teu verso claro
à maneira dos cantadores
do meu país.

Hoje, silenciosa, a terra trabalha
seus mortos como quem nutre
sementes de luz.

Possa algum perseguido,
encerrado nos calabouços
da América

alcançar meu verso humilde
e comporemos o vasto coro
dos oprimidos.

Não importa que hoje nos tremam
os lábios
e a voz caminhe incerta
pela garganta,

se amanhã o canto
romperá na boca
de milhões.

Recolho entre as mãos teu verso
como o fuzil do companheiro
tombado.

Não importa que o corpo
de cada morto plantado
tarde a florescer.



SOLANO TRINDADE (Brasil, 1908-1974)



Ele foi operário, funcionário público, jornalista, poeta, cineasta, pintor, homem de teatro e um dos maiores animadores culturais brasileiros do seu tempo. Esse preto (e pobre) escritor recifense está hoje esquecido nos círculos culturais, apesar de tudo o que fez pela cultura brasileira, pelo resgate da arte popular e pela independência da cultura afro. Esquecido justamente porque fez dos seus versos, como de toda sua arte, “uma arma, um toque de clarim, que desperta as energias, levanta os corações, combate por um mundo melhor”, nas palavras do sociólogo francês Roger Bastides. Este artista simples e contundente, genial e pobre, crítico e

negro ainda não foi digerido por nossa intelligentsia. Considerado o criador da poesia assumidamente negra no Brasil, Solano Trindade nasceu imerso na cultura popular pernambucana, fortemente marcada pelas raízes negras. Em 1934, organiza o I e II Congressos Afro-Brasileiros no Recife e em Salvador. Funda ainda o Centro Cultural Afro-Brasileiro e a Frente Negra Pernambucana. Na década de 40, Solano funda o comitê Democrático Afro-Brasileiro, o Teatro Folclórico Brasileiro, lança, no auditório da UNE, a Orquestra Afro-Brasileira e cria o Teatro Experimental do Negro (TEN). Durante a estréia no Rio, em maio de 1945, o TEN sofreu violentos ataques dos conservadores. Em editorial, o jornal O Globo chegou a afirmar que se tratava de “um grupo palmarista tentando criar um problema artificial no País”, referindo-se ao racismo. *“A minha poesia continuará com o estilo do nosso populário, buscando no negro o ritmo, no povo em geral as reivindicações sociais e políticas e nas mulheres, em particular, o amor. Deixem-me amar a tudo e a todos”.*

Poema autobiográfico

Quando eu nasci,
Meu pai batia sola,
Minha mana pisava milho no pilão,
Para o angu das manhãs...
Portanto eu venho da massa,
Eu sou um trabalhador...

Ouvi o ritmo das máquinas,
E o borbulhar das caldeiras...
Obedeci ao chamado das sirenes...
Morei num mucambo do “Bode”,
E hoje moro num barraco na Saúde...

Não mudei nada...





OLORUM ÈKÈ *

Olorum Ekê

Olorum Ekê

Eu sou poeta do povo

Olorum Ekê

A minha bandeira

É de cor de sangue

Olorum Ekê

Olorum Ekê

Da cor da revolução

Olorum Ekê

Meus avós foram escravos

Olorum Ekê

Olorum Ekê

Eu ainda escravo sou

Olorum Ekê

Olorum Ekê

Os meus filhos não serão

Olorum Ekê

Olorum Ekê

* Olorum Ekê: “povo do Santo forte”,
termo Iorubá.

Nem só de poesia vive o poeta

Nem só de poesia vive o poeta

há o “fim do mês”

o agasalho

a farmácia

a pinga

o tempo ruim, com chuva

alguém nos olhando
policialmente

De vez em quando

um pouco de poesia

uma conta atrasada

um cobrador exigente

um trabalho mal pago

uma fome

um discurso à moda Ruy

E às vezes uma mulher fazendo
carinho

Hoje a lua não é mais dos poetas

Hoje a lua é dos astronautas.

Sou Negro

Sou negro

meus avós foram queimados

pelo sol da África

minh'alma recebeu o batismo dos
tambores

atabaques, gongôs e agogôs

Contaram-me que meus avós

vieram de Loanda

como mercadoria de baixo preço

plantaram cana pro senhor de
engenho novo

e fundaram o primeiro Maracatu

Depois meu avô brigou como um
danado

nas terras de Zumbi

Era valente como quê

Na capoeira ou na faca
escreveu não leu

o pau comeu

Não foi um pai João

humilde e manso

Mesmo vovó

não foi de brincadeira

Na guerra dos Malês

ela se destacou

Na minh'alma ficou

o samba

o batuque

o bamboleio

e o desejo de libertação





THIAGO DE MELLO (Brasil, 1926)



Amadeu Thiago de Mello é um dos maiores poetas brasileiros vivos e uma das grandes vozes poéticas da América Latina. Dono de um estilo forte, simples e lírico, Thiago tem obras traduzidas para mais de trinta idiomas. Durante a ditadura brasileira, exilou-se no Chile e se tornou bom amigo de Pablo Neruda. Thiago é também responsável pela introdução de alguns poetas latinos no Brasil, através de suas traduções: Pablo Neruda, Cesar Vallejo, Nicolás Guillén e Ernesto Cardenal. Nos anos 1965 e

1966 dirigiu, para a Editora Civilização Brasileira, a coleção “Nossa América”, onde foram publicados livros de Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos, Augusto Céspedes, Onetti e tantos outros. Thiago morou em muitos países, divulgando seu canto de luta e esperança. Hoje vive dentro da floresta amazônica, na cidade de Barreirinha. *“Quando a ditadura militar, com o seu terror cultural e a indignidade da tortura, feriu a própria dignidade da condição humana, os meus versos se ergueram em defesa do homem. Nunca fui panfletário (nada tenho contra o panfleto bem sucedido) nem populista. (...) Escrevo sobre o silêncio sonoro da floresta ou sobre a menina que dorme com fome. (...) Sobre a dor dos deserdados e a esperança de quem tem fé.”*

O punhal do orvalho

Não sei mais ser sozinho e, todavia,
como de pão de solidão careço.
É dentro dela que consigo ver,
como no escuro um vôo de andorinha,
o que ainda é mesmo amor na vida minha.
É dentro do seu âmago molhado,
onde o silêncio é punhal de orvalho,
que vejo o rosto que eu não quero ver.
Na solidão me aprendo.
E me despeço
do que já fiz, para começar de novo
o que fazer quis tanto, e que não soube.



Aprendizagem no vento

O vendaval findou.
Agora é só o vento
soprando a sua ferocidade
mais fria do que a pele
enrijecida e azulada
dos operários fuzilados.

O vendaval findou.
Agora é só o vento cotidiano,
implacavelmente morno, hálito podre.
É com ele que se tem de aprender
a lição do revés, vida vivida.

Dos tantos que saíram,
poucos, muito poucos, se reencontrarão
um dia, tomara, naquilo que foram
ou que não puderam ser.
Por enquanto, a cordilheira transposta,
o que se alteia
é o desvario da boca,
é cada vez mais o muro
entre a boca e a mão.

Aos que sonhavam mesmo, vendo o claro,
e que puderam permanecer
no coração ardente da sombra,
cabe o labor maior da aprendizagem.
É aprender com tudo o que foi feito
e também com tudo que deixou de ser feito,
como rasgar o caminho da esperança
que lateja, que lateja,
na frágua da paciência operária.

O vendaval findou. Telhados ocios
não poderão servir de abrigo a pássaros.



Não somos melhores

A vida repartida dia a dia
com quem vinha querendo que a vida
pudesse um dia ser vida,
posso dizer que alguma coisa aprendi
(primeiro com amargura,
depois com essa dolorida lucidez
que nos ensina a ver nossa feiúra.)

Aprendi, por exemplo,
que não somos os melhores.
Custou, mas aprendi.
Tempo largo levei para enxergar
que era de puro desamor a chama
que crescia no olhar do companheiro.
Não somos nem melhores nem piores.
Somos iguais. Melhor é a nossa causa.

Todos os que chegamos dessas águas
barrentas e burguesas, para dar
(pouco sabemos dar) uma demão
na roda e transformar a vida injusta
dos que conhecem mesmo a banda podre,
mostramos a nós mesmos, mais que aos outros,
a face verdadeira que levamos.

É repetir: melhor é a nossa causa.
Mas no viver da vida, a vida mesma,
quando é impossível disfarçar,
quando não se pode ser nada mais
do que o homem que a gente é mesmo,
na prática cotidiana da chamada vida,
que é a verdadeira prática do homem,
fomos sempre e somente como os outros,
e muitas vezes como os piores dos outros,
os que estão do outro lado,
os que não querem, nem podem, nem pretendem
mudar o que precisa ser mudado
para que a vida possa um dia
ser mesmo vida, e para todos.



Para os que virão

Como sei pouco, e sou pouco,
faço o pouco que me cabe
me dando inteiro.
Sabendo que não vou ver
o homem que quero ser.

Já sofri o suficiente
para não enganar a ninguém:
principalmente aos que sofrem
na própria vida, a garra
da opressão, e nem sabem.

Não tenho o sol escondido
no meu bolso de palavras.
Sou simplesmente um homem
para quem já a primeira
e desolada pessoa
do singular – foi deixando,
devagar, sofridamente
de ser, para transformar-se
- muito mais sofridamente -
na primeira e profunda pessoa
do plural.

Não importa que doa: é tempo
de avançar de mão dada
com quem vai no mesmo rumo,
mesmo que longe ainda esteja
de aprender a conjugar
o verbo amar.

É tempo sobretudo
de deixar de ser apenas
a solitária vanguarda
de nós mesmos.
Se trata de ir ao encontro.
(Dura no peito, arde a límpida
verdade dos nossos erros.)

Se trata de abrir o rumo.

Os que virão, serão povo,
e saber serão, lutando.

Não aprendo a lição

A lição de conviver,
senão de sobreviver
no mundo feroz dos homens,
me ensina que não convém
permitir que o tempo injusto
e a vida iníqua me impeçam
de dormir tranquilamente.
Pois sucede que não durmo.

Frente à verdade ferida
pelos guardiães da injustiça,
ao escárnio da opulência
e o poderio dourado
cujo esplendor se alimenta
da fome dos humilhados,
o melhor é acostumar-se,
o mundo foi sempre assim.
Contudo, não me acostumo.

A lição persiste sábia:
convém cabeça, cuidado,
que as engrenagens esmagam
o sonho que não se submete.
E que a razão prevaleça
vigilante e não conceda
espaços para a emoção.
Perante a vida ofendida
não vale a indignação.
Complexas são as causas
do desamparo do povo.
Mas não aprendo a lição.
Concedo que me comovo.



ADELA ZAMUDIO (Bolívia, 1854-1928)



Adela Zamudio cursou até o terceiro ano do primário (educação máxima das mulheres), mas seu desejo por conhecimento e liberdade a levou a instruir-se por conta própria. Por suas idéias avançadas, foi isolada socialmente e aprendeu desde cedo a lidar com a tristeza e solidão (“Soledad” era como assinava seus poemas). Adela, já como professora, luta contra o machismo que conduzia a educação das jovens bolivianas, propõe o matrimônio civil, o direito ao divórcio e à separação dos poderes da igreja e do Estado. Dirigiu a primeira escola

laica da Bolívia, denunciou fortemente o “primitivismo patriarcal” e a exploração dominante. Adela Zamudio contribuiu com todos seus esforços para a formação do pensamento feminista na Bolívia e América.

Nascer homem

Quanto trabalho ela tem
pra corrigir a torpeza
de seu esposo, mas na casa,
(permita-me o assombro)
tão incapaz quanto presunçoso
segue ele sendo a cabeça,
porque é homem.

Se alguns versos escreve
-“De alguém esses versos são
que ela só os subscreve”;
(permita-me o assombro)
Se esse alguém não é poeta
por que tal suposição?
-Porque é homem.

Uma mulher superior
em eleições não vota,
e vota o sacana pior;
(permita-me o assombro)
Com só saber assinar
pode um idiota votar,
porque é homem.

Ele se abate e bebe ou joga
em um revés da sorte;
ela sofre, luta e roga;
(permita-me o assombro).
Ela se chama “ser frágil”,
e ele se apelida “ser forte”
porque é homem.

Ela deve perdoar
se seu esposo lhe é infiel;
mas, ele pode se vingar;
(permita-me o assombro)
em um caso semelhante
até pode ele matar,
porque é homem.

Oh, mortal!
Oh mortal privilegiado,
que como perfeito e correto
goza seguro renome!
Para você que basta?
Nascer homem.





JUAN WALLPARRIMACHI MAITA (Bolívia, 1793-1814)



Juan Wallparrimachi tornou-se uma lenda pela luta que protagonizou por seu povo. Neto de um judeu português, filho de índia cusquenha e pai espanhol, se tornou órfão de pai e mãe pouco depois de nascer. Foi criado por índios e depois recolhido pelos guerrilheiros Manuel Ascencio Padilla y Juana Azurduy de Padilla, de quem recebeu o primeiro nome, Juan. Em certa ocasião, Manuel Asencio ensinava seus filhos a ler e escrever diante do olhar atento e silencioso do pequeno índio. De repente, ante o assombro de todos, o menino tomou um pedaço de carvão e escreveu seu nome na parede. A partir desse

momento, foi outro aluno e um filho a mais dos Padilla. Ao cabo de curto tempo, lia e escrevia perfeitamente não só em castelhano como também em quechua. Mas suas poesias só as escrevia em quechua, coerente com sua luta anticolonialista. Morreu aos 20 anos em uma das batalhas da Independência boliviana em 1814 (só conquistada em 1825, com Simón Bolívar, a quem o país deve seu nome). Entrou para a história como "soldado poeta" e pode ser considerado, com justiça, um dos primeros poetas de nossa América independente.

Minha mãe

Que nuvem
será aquela nuvem
que escura se aproxima?
Será talvez o pranto de minha mãe
que vem convertido em chuva.

A todos ilumina o sol
a todos, menos a mim. Não
falta alegria a ninguém;
mas, a mim, sobra sofrimento.

Porque não conheci minha mãe,
Choro mais que fonte; porque

ninguém me amparou, meu
próprio pranto bebi.

Também às águas me joguei
querendo que me arrastassem;
Mas as águas, em meus ouvidos,
disseram "Anda ainda a buscá-la!"

Se ela visse meu coração
mergulhado num lago de sangue.
Todo envolto por espinhos,
assim como ela, está chorando.

*(traduzido a partir de uma versão em
espanhol do original, quechua)*



PEDRO SHIMOSE (Bolívia, 1940)



Filho de imigrantes japoneses, além de poeta foi também compositor de música popular, jornalista e professor universitário. Ganhou o prêmio Casa das Américas, de Cuba, por seu livro “Quero escrever, mas me sai espuma”, em 1972, e o Prêmio Nacional de Cultura em 2002. É famoso por sua poesia engajada, abordando a identidade e a liberação nacional. Sua obra foi traduzida para diversas línguas e, Shimose, vive hoje na Espanha, país em que se exilou durante a ditadura.

Manifestação

Com a raiva entre os dentes,
saio com meu condor debaixo do braço,
cruzo a rua com uma pedra na mão,
caminho com um policial vigiando minha fome,
busco o ouvido e o olho da noite,
pego panfletos, corro pelas praças,
grito com uma brasa na língua,
pinto as paredes: "viva o Che"
me jogam água com mangueira
sou o fogo;
me dão relâmpago em fumaças,
sou a terra;
me abrem uma ferida onde for,
sou o povo;
me perseguem, me prendem, me torturam.
Canto minha liberdade, movo tijolos,
rompo madeiras e cristais, canto,
vou à greve com meu medo natural e um trago
de café quente;
vôo pela cidade, rasgo o ar,
quebro as vitrines,
golpeio as páginas do jornais,
derrubo portas, venço máscaras e cacetetes,
transpasso os umbrais da história,
sou!



INTI ILLIMANI (Chile, 1967)



Inti-Illimani é um nome composto do termo quechua "inti" (Sol) e da palavra aimara "Illimani" (águia dourada), nome da imponente montanha nos arredores de La Paz, Bolívia. Inti é o conjunto musical,

junto com Quilapayún, mais conhecido internacionalmente pertencente ao movimento da Nova Canção. Possui um trabalho instrumental que cruza a sonoridade andina popular e o clássico, com temas que abordam a vida dos trabalhadores, suas lutas, dores e esperanças. Nascem em um período em que as canções adquirem um importante papel de protagonismo na formação da consciência popular no Chile. Inti chega mesmo a elaborar canções para a campanha do presidente socialista eleito Allende. A via chilena de "tomada do poder" pela disputa institucional mostra seus limites com o golpe de 11 de setembro que instaura a ditadura no Chile. A partir do golpe de 1973, Inti Illimani vive exilado na Itália até 1988.

Canção do Poder Popular

Se nossa terra nos pede
temos que ser aqueles
que levantarão o Chile
todos carregando um pouco.

Nós vamos tomar as rédeas
de todos nossos assuntos
e que finalmente entendam
homem e mulher todos juntos.

Porque desta vez não se trata
de só trocar um presidente
será o povo construindo
um Chile bem diferente.

Venham todos somar
nós temos a porta aberta
e a Unidade Popular*
para todos que queiram.

Expulsaremos os yanquis
e sua linguagem sinistra.
Com a Unidade Popular
agora somos governo.

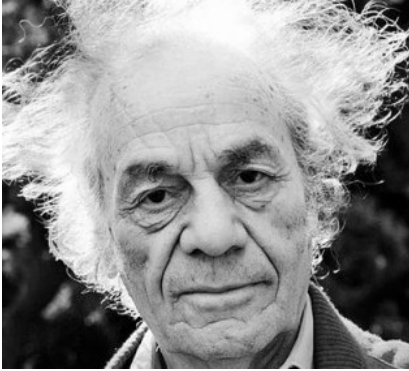
O país se verá grande
com sua terra liberada
porque temos a chave
agora a coisa marcha.

Ninguém pode nos tirar
o direito de sermos livres
e como seres humanos
poderemos viver no Chile.

** Coalizão eleitoral de partidos de esquerda que levou Allende à presidência.*



Nicanor Parra (Chile, 1914)



É um poeta, matemático e físico chileno cuja obra teve profunda influência na literatura hispano-americana. Considerado o criador da antipoesia, Parra é, nas palavras do crítico Harold Bloom, “inquestionavelmente, um dos melhores poetas do Ocidente”. De uma família de grandes artistas populares, irmão de Violeta Parra, foi indicado várias vezes ao Nobel. Trouxe a poesia pro chão, para a fala coloquial, pro campo do popular,

em suas próprias palavras: *“Durante meio século / a poesia foi / o paraíso do tonto solene. / Até que vim eu e me instalei com minha montanha russa. / Subam, se lhes agrada. / Claro que eu não me responsabilizo se descem / vertendo sangue pela boca e narizes.”* Sempre polêmico, Parra provocou descontentamentos à esquerda ao se reunir com a esposa do presidente Nixon na Casa Branca e dizer coisas como “eu relativizo tudo, até mesmo a revolução” e durante a ditadura Pinochet não se exilou e permaneceu na universidade do Chile. Muitos o acusam de abandonar as posições revolucionárias e/ou ter posturas oportunistas (a esposa de Neruda impediu Parra de entrar no enterro do grande poeta chileno). Mas, inquestionavelmente, sua poesia ainda carrega um teor subversivo e revolucionário.

Pai nosso

Pai nosso que estás no céu
cheio de toda classe de problemas
com o cenho franzido
como se fosses um homem vulgar
e corrente
não penses mais em nós.

Compreendemos que sofres
porque não podes arrumar as
coisas.
Sabemos que o Demônio não te
deixa tranqüilo
desconstruindo o que tu constróis.

Ele ri de ti
mas nós choramos contigo:
não te preocupes de seus risos
diabólicos.

Pai nosso que estás onde estás
rodeado de anjos desleais
sinceramente não sofras mais por
nós
tens que reconhecer
que os deuses não são infalíveis
e que nós perdoamos tudo.



Manifesto

Senhoras e senhores

Esta é nossa última palavra.

-Nossa primeira e última palavra-

Os poetas desceram do Olimpo.

Para os mais antigos

a poesia foi um objeto de luxo

Mas para nós

é um artigo de primeira

necessidade:

Não podemos viver sem poesia.

Diferente dos mais antigos

-e isto digo com todo o respeito-

Nós sustentamos

que o poeta não é um alquimista

o poeta é um homem como todos

um pedreiro que constrói seu

muro:

um construtor de portas e janelas.

Nós conversamos

na linguagem de todos os dias

Não cremos em signos cabalísticos.

E mais uma coisa:

o poeta está aqui

para que a árvore não cresça torta.

Esta é nossa mensagem.

Nós denunciemos o poeta

demiurgo

o poeta barata

o poeta rato de biblioteca.

Todos estes senhores

-e isto digo com muito respeito-

Devem ser processados e julgados

Por construir castelos no ar

Por desperdiçar o espaço e o
tempo

Redigindo sonetos à lua

Por agrupar palavras ao acaso
conforme a última moda de Paris.

Para nós não:

O pensamento não nasce na boca

Nasce no coração do coração.

Nós repudiamos

a poesia de lentes obscuras

a poesia de capa e espada

a poesia de chapéu enorme.

Propiciamos em troca

a poesia a olho nu

a poesia a peito descoberto

a poesia a cabeça desnuda.

Não cremos em ninfas nem tritões.

A poesia tem que ser isto:

Uma mulher rodeada de espigas

ou não ser absolutamente nada.

Agora, veja, no plano político

eles, nossos avôs imediatos,

Nossos bons avôs imediatos!

Se refrataram e dispersaram

ao passar pelo prisma de cristal.

Uns poucos se fizeram comunistas.

Eu não sei se o foram realmente.

Suponhamos que foram

comunistas,

o que sei é uma coisa:

que não foram poetas populares,

foram uns reverendos poetas

burgueses.

Tem que se dizer as coisas como
são:





Só um ou outro
soube chegar ao coração do povo.
Cada vez que puderam
se declararam de palavra e de
feitos
contra a poesia dirigida
contra a poesia do presente
contra a poesia proletária.

Aceitemos que foram comunistas
mas a poesia foi um desastre
surrealismo de segunda mão
decadentismo de terceira mão,
Tábuas velhas devolvidas pelo
mar.

Poesia adjetiva
poesia nasal e gutural
poesia arbitrária
poesia copiada dos livros
poesia baseada
na revolução da palavra
em circunstâncias de poder
fundar-se
na revolução das idéias.
Poesia de círculo vicioso
para meia dúzia de escolhidos:
“Liberdade absoluta de
expressão”.

Hoje nós fazemos cruzes
perguntando
para que escreviam essas coisas
Para assustar ao pequeno
burguês?
Tempo perdido miseravelmente!
O pequeno burguês não reage
Senão quando se trata do
estômago.

Que o vão assustar com poesias!

A situação é esta:
enquanto eles estavam
por uma poesia do crepúsculo
por uma poesia da noite
nós propúnhamos
a poesia do amanhecer.
Esta é nossa mensagem,
os resplendores da poesia
devem chegar a todos por igual
a poesia à altura de todos.

Nada mais, companheiros
nós condenamos
-e isto sim digo com respeito-
a poesia de pequeno deus
a poesia de vaca sagrada
a poesia de touro furioso.

Contra a poesia das nuvens
nós opomos
a poesia da terra firme
-cabeça fria, coração quente
somos terrafirmistas decididos-
contra a poesia de café
a poesia da natureza
contra a poesia de salão
a poesia da praça pública
a poesia de protesto social.

Os poetas desceram do Olimpo.



PABLO NERUDA (Chile, 1904-1973)



Pablo Neruda foi um poeta chileno, considerado um dos maiores em língua castelhana. Formou-se em Pedagogia na Universidade do Chile, por volta de 1921. Em 1927, inicia a carreira diplomática. Conhece o poeta Federico Garcia Lorca e Rafael Alberti. Com a guerra civil espanhola de 1936, é destituído do cargo de cônsul e escreve “Espanha no Coração” e algum tempo depois, elege-se senador. Recebeu em 1971 o Nobel de Literatura. Embora tenha entrado no Partido Comunista Chileno apenas em 15 de julho 1945, a aproximação de Neruda ao PC iniciou-se durante a Guerra Civil Espanhola, a partir de seu posicionamento

inicial, antifascista e republicano. A motivação inicial, ainda na Espanha, um misto de revolta pelo assassinato covarde do poeta Federico Garcia Lorca e de solidariedade com a luta do povo espanhol, em si justas, levaram-no a avaliar a participação do PC estalinizado como positiva. Neruda inicialmente não aceita os sinais de degeneração do Estado Operário Soviético sob o stalinismo. Posteriormente, em “Confesso que vivi” diz: *“A tragédia íntima para nós, comunistas, foi nos darmos conta de que, em diversos aspectos do problema Stálin, o inimigo tinha razão. (...) Apesar dessa responsabilidade pesar sobre todos nós, o fato de denunciar crimes nos devolvia à autocrítica e à análise – elementos essenciais de nossa doutrina – e nos dava as armas para impedir que coisas tão horríveis pudessem se repetir.”*

Se cada dia cai

Se cada dia cai, dentro de cada noite,
há um poço
onde a claridade está presa.

há que sentar-se na beira
do poço da sombra
e pescar luz caída
com paciência.





Não me peçam

Pedem alguns que este assunto humano
com nomes, sobrenomes e lamentos
não os aborde nas folhas de meus livros,
não lhes dê a escritura de meus versos.
Dizem que aqui morreu a poesia,
dizem alguns que não devo fazê-lo:
a verdade é que sinto não agradar-lhes,
os saúdo e lhes tiro meu chapéu
e os deixo viajando no Parnaso
como ratos alegres no queijo.
Eu pertenço à outra categoria
e só um homem sou de carne e osso,
por isso se espancam meu irmão
com o que tenho à mão o defendo
e cada uma de minhas linhas leva
um perigo de pólvora ou de ferro,
que cairá sobre os desumanos,
sobre os cruéis, sobre os soberbos.
Mas o castigo de minha paz furiosa,
não ameaça aos pobres nem aos bons.
Com minha luz busco os que caem,
alívio suas feridas e as fecho.
E estes são os ofícios do poeta,
do aviador e do que trabalha na pedreira:
Devemos fazer algo nesta terra
porque neste planeta nos pariram
e temos que arrumar as coisas dos homens
porque não somos pássaros nem cachorros.
E bem, se quando ataco o que odeio
ou quando canto a todos os que amo
a poesia quer abandonar
as esperanças de meu manifesto,
eu sigo com as tábuas de minha lei
acumulando estrelas e armamentos
e no duro dever americano,
não me importa uma rosa mais ou menos.
Tenho um pacto de amor com a formosura,
tenho um pacto de sangue com meu povo.



PEDRO LEMEBEL (Chile, 1952-2015)



Pedro Segundo Mardones Lemebel foi escritor, cronista, poeta e artista plástico e performático. Sua obra escrita aborda os temas da marginalidade chilena a partir de referências autobiográficas. Sua literatura é contestatória, de estilo irreverente, provocativo, abordando a temática homossexual, a pobreza, o classismo e a marginalidade, fundidas com um estilo tão único como sua personalidade. Enfrentou

o status quo numa época em que ser homossexual era repudiado e penalizado com a prisão pela lei. Sua obra foi divulgada por toda América, sendo um dos escritores chilenos com maior projeção internacional. Sua obra foi traduzida para vários idiomas como francês, italiano e inglês. Aproximou-se do partido comunista sem nunca se tornar um militante orgânico. Não é difícil de entender essa resistência, já que mesmo a esquerda reproduzia muito da homofobia e machismo. Em 1986, pede a palavra em uma reunião do partido vestido com salto alto e a foice e martelo pintados à face e lê seu poema "Manifesto" abaixo.

Manifesto (falo por minha diferença)

Não sou Pasolini pedindo explicações.
Não sou Ginsberg expulso de Cuba.
Não sou uma bicha disfarçada de poeta.
Não preciso de disfarces
aqui está minha cara
falo por minha diferença.
Defendo o que sou
e não sou tão esquisito.
Me feda a injustiça
e suspeito dessa dança¹
democrática.
Mas não me fale do proletariado
porque ser pobre e bicha é pior.
Há que ser ácido para suportar.





É ter que se afastar dos machinhos da esquina
é um pai que te odeia
porque o filho desmunheca
é ter uma mãe de mãos marcadas pelo cloro
envelhecidas de limpeza
te ninando como doente
por maus modos
por má sorte
como a ditadura
pior que a ditadura
porque a ditadura passa
e vem a democracia
e logo depois o socialismo.
E então?
Que farão com nós, companheiro?
Iirão nos amarrar as tranças em fardos
com destino a um sidário² cubano?
Iirão nos enfiar em algum trem para parte alguma
como no barco do general Ibáñez³
quando aprendemos a nadar
mas ninguém chegou até à costa.
Por isso Valparaíso apagou suas luzes vermelhas.
Por isso as casas de tolerância⁴
brindaram com uma lágrima negra
os viados comidos pelos caranguejos.
Este ano que a Comissão de Direitos Humanos
não lembra.
Por isso, companheiro, te pergunto
existe ainda o trem siberiano
da propaganda reacionária?
Esse trem que passa por suas pupilas
quando minha voz fala demasiado doce?
E você?
Que fará com essa lembrança de meninos
se tocando e outras coisas
nas férias de Cartagena?
O futuro será em preto e branco?
O tempo será noite e dia de trabalho
sem ambiguidades?
Não haverá uma bichona em alguma esquina



desequilibrando o futuro de seu novo homem?
Vão nos deixar bordar pássaros
nas bandeiras da pátria livre?
O fuzil eu deixo a você
que tem o sangue frio.
E não é medo.
O medo foi indo embora de mim
no bloquear de facadas
nos inferninhos sexuais onde andei.
E não se sinta agredido
se te falo dessas coisas
e te olho o volume.
Não sou hipócrita
acaso os peitos de uma mulher
não te fazem baixar a vista?
Você não acredita
que sozinhos na serra
algo se passaria entre nós?
Embora depois me odiasse
por corromper sua moral revolucionária.
Tem medo que se homossexualize a vida?
E não falo de te enfiar e tirar
e tirar e te enfiar somente
falo de ternura companheiro.
Você não sabe
como custa encontrar o amor
nestas condições.
Você não sabe
o que é carregar essa lepra.
As pessoas ficam à distância.
As pessoas compreendem e dizem:
é viado mas escreve bem
é viado mas é um bom amigo
super legal.
Eu não sou legal.
Eu aceito o mundo
sem lhe pedir que seja legal.
Mas ainda assim riem.
Tenho cicatrizes de risos nas costas.
Você acredita que eu penso com a bunda.



E que à primeira “pau-de-arara” da CNI⁵
eu ia soltar tudo.
Não sabe que a hombridade
nunca a aprendi nos quartéis.
Minha hombridade me ensinou a noite
atrás de um poste.
Essa hombridade de que você se gaba
te enfiou em um regimento
um milico assassino
desses que ainda estão no poder.
Minha hombridade não recebi do partido
porque me rechaçaram com risadinhas
muitas vezes.
Minha hombridade aprendi militando
na dureza desses anos
e riram da minha voz afeminada
gritando: vai cair, vai cair.
E embora você grite como homem
não conseguiu que caísse.
Minha hombridade foi a mordança.
Não fui ao estádio
e me peguei nas porradas pelo Colo Colo⁶.
O futebol é outra homossexualidade encoberta
como o boxe, a política e o vinho.
Minha hombridade foi morder as provocações
engolir a raiva para não matar todo mundo.
Minha hombridade é me aceitar diferente
ser covarde é muito mais duro.
Eu não dou a outra face
dou o cu companheiro
e esta é a minha vingança.
Minha hombridade espera paciente
que os machos fiquem velhos
porque a esta altura do campeonato
a esquerda entrelaça sua bunda murcha
no parlamento.
Minha hombridade foi difícil
por isso não subo nesse trem
sem saber aonde vai.
Eu não vou mudar pelo marxismo



que me rechaçou tantas vezes.
Não preciso mudar
sou mais subversivo que vocês.
Não vou mudar somente
porque os pobres porque os ricos...
a outro cachorro com esse osso.
Tampouco porque o capitalismo é injusto
em Nova Iorque as bichas se beijam na rua
mas esta parte deixo para você
que tanto te interessa.
Que a revolução não se apodreça completamente.
A vocês entrego esta mensagem
e não é por mim
eu estou velho
e sua utopia é para as gerações futuras.
Há tantas crianças que vão nascer com a asinha quebrada
e eu quero que voem companheiro.
Que sua revolução
dê a eles um pedaço de céu vermelho
para que possam voar.

[1]: no original “cueca”, dança nacional do Chile

[2] Apesar de Sidário ser um nome próprio muito comum no Chile, o autor o usa como substantivo para denominar clínicas para tratamento de soropositivos.

[3] Carlos Ibáñez del Campo reprimiu duramente os homossexuais sob seu governo... era comum soltar opositores de barco, com peso amarrado em seus pés, em alto mar.

[4] “Casas de caramba”, no original, onde se cantam tonadillas. O termo alude à cantora tonadillera do século XVIII Maria Antónia Fernández, cujo apelido era Caramba.

[7] CNI – Central Nacional de Informaciones de Chile – foi um organismo de inteligência do regime militar chileno. Criada em 1977, foi responsável por inúmeros casos de infiltração política, assassinatos, sequestros e tortura aos opositores do regime, além de estar relacionada ao roubo de banco e ao tráfico de drogas e armas. Foi dissolvida em 1990, pouco antes do retorno da democracia. Muitos de seus agentes então foram realocados em outros cargos públicos, inclusive de segurança.

[8] Time de futebol chileno.



QUILAPAYÚN (Chile, 1965)



Quilapayún é um termo de origem mapuche que pode ser traduzido como "três barbas". Seus integrantes (inicialmente três), em consonância com o nome, usavam barbas e ponchos negros, postura cênica influenciada por seu diretor artístico, ninguém menos que Víctor Jara. Tornou-se muito famoso no Chile e

fora dele, estabelecendo-se como grupo fundamental da Nova Canção, tendo seus discos editados em mais de 30 países e tocado nas salas mais importantes do mundo. O concerto de Quilapayún da cantata Santa Maria de Iquique, composta por Luis Advis, foi um marco na música chilena, revelando que era possível associar instrumentos populares, como o charango, com construções de composição mais complexas, orquestradas, numa fusão inédita. Entre os cinco melhores discos chilenos, essa cantata popular aborda a matança ocorrida na escola Santa Maria, em 1907 na cidade de Iquique, durante o governo de Pedro Montt. O grupo Quilapayún, com a instauração da ditadura, em 73, passa ao exílio na França de onde segue sua luta pela democratização até 1988.

Falo contigo, irmão

Falo contigo, irmão
que você não é meu inimigo
você é meu amigo e meu irmão

Se você é um proletário
homem que trabalha e sua
como vai ajudar
ao que te nega o salário?

A múmia reacionária
com muito confusionismo
te fala contra o comunismo
e se diz libertária.

Se fosse tão libertária
tão democrata e tão santa,
não disparava assim tanto
contra o revolucionário.

Te vão injetando veneno
com liguagens indecentes,
democratas nunca foram
e cristãos, menos ainda.

O cristão verdadeiro
o que quer a seus irmãos
nunca dará a mão
ao que é contra o operário.



VIOLETA PARRA (Chile, 1917-1967)



Cantora e compositora, poeta, ceramista, tecelã, pintora, pesquisadora e militante comunista, Violeta realizou seus estudos escolares até o segundo ano do secundário, abandonando-os, em 1934, para trabalhar e cantar com seus irmãos em bares e circos, desenvolvendo uma importante carreira como autodidata desde muito cedo. Em 1954, quando já tinha o seu próprio programa de rádio, começou um rigoroso estudo das manifestações artísticas populares. Em 1958 começa importante produção como artista plástica, chegando a expor no Louvre. Violeta Parra pode

ser considerada a mãe da canção comprometida, da *Nova Canção Chilena*, influenciando artistas e trabalhadores na América e no mundo.

Porque os Pobres Não Têm

Porque os pobres não têm
pra onde dirigir a vista,
a voltam para os céus
com a esperança infinita
de encontrar o que seu irmão
neste mundo lhe tira.

pombinha! que coisas têm a vida,
ai zambita!

Porque os pobres não têm
pra onde dirigir a voz,
a voltam para os céus
buscando uma confissão
já que seu irmão não escuta
a voz de seu coração.

Porque os pobres não têm
neste mundo esperanças,
se amparam na outra vida
como a uma justa balança,
por isso as procissões,

as velas, os louvores.

Desde tempos imemoriais
que se inventou o inferno
para assustar os pobres
com seus castigos eternos,
e o pobre, que é inocente,
com sua inocência crendo.

O céu tem as rendas,
a terra e o capital,
e os soldados do Papa
lhes enche bem o embornal,
e ao que trabalha lhe metem
a glória como um cabresto.

Para seguir a mentira,
o chama seu confessor,
lhe diz que deus não quer
nenhuma revolução,
nem papéis nem sindicatos,
que ofendem seu coração.





VICTOR JARA (Chile, 1932-1973)



Foi um professor, diretor de teatro, poeta, cantor, compositor, músico e ativista político chileno. Nascido numa família de camponeses, Jara se tornou um reconhecido diretor de teatro, dedicando-se ao desenvolvimento da arte no país, dirigindo uma vasta gama de obras locais, assim como clássicos da cena mundial. Simultaneamente, desenvolveu uma carreira no campo da música, desempenhando um papel central entre os artistas neo-folclóricos que estabeleceram o movimento da *Nueva Canción Chilena*, que gerou uma revolução na música popular de seu país durante o governo de Salvador Allende. No dia 11 de setembro de 1973, sabendo do golpe que derrubava Allende, Jara correu para a universidade onde trabalhava para se juntar aos 600 estudantes que ocupavam o prédio. Dali, mesmo sem muito armamento, resistiam aos militares. Os tanques cercaram a universidade. Um companheiro vendo Jara com seu violão lhe disse: “Chegou a hora de trocar o violão pelo fuzil!”. Victor Jara respondeu, de maneira simples, que não sabia atirar e continuaria a usar sua melhor arma... cantou sem parar, animando a resistência. Depois de uma luta desigual, foram obrigados a se render. Preso no Estádio Nacional do Chile, antes de ser torturado e assassinado, conseguiu escrever um último poema que foi passado de mão em mão e guardado e assim chegou a ser conhecido por todos. Os soldados, ao reconhecer Jara como “aquele maldito músico” esmagaram suas mãos a coronhadas antes de matá-lo com 44 tiros. O Estádio, 30 anos depois, foi rebatizado de Estádio Victor Jara.

Último poema de Victor Jara

Somos cinco mil
nesta pequena parte da cidade.

Somos cinco mil.
Quanto seremos no total,
nas cidades e em todo o país?

Somente aqui, dez mil mãos que
semeiam
e fazem andar as fábricas.

Quanta humanidade
com fome, frio, pânico, dor,
pressão moral, terror e loucura!





Seis de nós se perderam
no espaço das estrelas.

Um morto, um espancado como
jamais imaginei
que se pudesse espancar um ser
humano.

Os outros quatro quiseram livrar-se
de todos os temores
um saltando no vazio,
outro batendo a cabeça contra o
muro,
mas todos com o olhar fixo da
morte.
Que espanto causa o rosto do
fascismo!

Colocam em prática seus planos
com precisão maliciosa,
sem que nada lhes importe.
O sangue, para eles, são medalhas.
A matança é ato de heroísmo.

É este o mundo que criaste, meu
Deus?
Para isto os teus sete dias de
assombro e trabalho?

Nestas quatro muralhas só existe
um número
que não cresce,
que lentamente quererá mais
morte.

Mas prontamente me golpeia a
consciência
e vejo esta maré sem pulsar,

mas com o pulsar das máquinas
e os militares mostrando seu rosto
de parteira,
cheio de doçura.

E o México, Cuba e o mundo?
Que gritem esta ignomínia!
Somos dez mil mãos a menos
que não produzem.

Quantos somos em toda a pátria?

O sangue do companheiro
Presidente
golpeia mais forte que bombas e
metralhas.

Assim golpeará nosso punho
novamente.

Como me sai mal o canto
quando tenho que cantar o
espanto!

Espanto como o que vivo
como o que morro, espanto.

De ver-me entre tantos e tantos
momentos do infinito
em que o silêncio e o grito
são as metas deste canto.

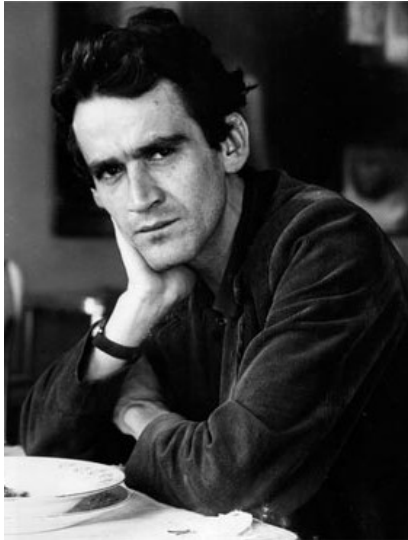
O que vejo nunca vi,
o que tenho sentido e o que sinto
fará brotar o momento..."

*(Victor Jara, Estádio de Chile, Setembro
1973).*





GONZALO ARANGO (Colômbia, 1931-1976)



Foi poeta, jornalista e filósofo. Durante o período repressivo, fundou um movimento chamado Nadaísmo, em 1958, expresando o sentimento de causa perdida que sua geração carregava, de não haver nenhum futuro, nada. “Nos propusemos fracassar e fracassamos no intento!”. Inspirado por idéias rebeldes, o Nadaísmo destruía toda fé e ídolo, provocando uma autêntica revolução literária na Colômbia. “Nadaísmo é a negação de tudo que está morto e a afirmação de tudo que está vivo!”. Por sua dedicação à poesia, nunca teve um trabalho fixo e chegou a morar em casas sem luz elétrica e se alimentava

precariamente, dizia que o trabalho atentava contra a poesia e a dignidade humana. Morreu, tragicamente, em um acidente de carro.

A universidade

A universidade burguesa só pode produzir cores de saco preto: privilégios de classe e seita; comando de direção alternada; fé no balanço e na cobiça; idealismos de clube rotatório e jardineiro, cultura subalterna aos interesses do poeta e do dinheiro.

A universidade burguesa é confessional, idólatra de letras de câmbio e línguas mortas. Diploma especializado na exploração dos povos.

É alavanca para acelerar a engrenagem da produção e carregar o balanço da ganância em benefício abusivo de uma casta de banqueiros e grupos financeiros.

A universidade burguesa é panacéia para o saque dos tesouros da alma e da



natureza.

Da universidade política não se pode esperar mais: é dogmática e demagógica, utópica e passional. Seu ídolo é o dogma; sua vítima, a liberdade de consciência; sua bíblia, o capital.

Da universidade científica só podemos esperar o tecnicídio e o terror, solidão de massas, Deificação do cérebro eletrônico, desumanização, sábios genocídios para saciar a sede de domínio do sistema onipotente, ávido de materialismo e voracidade vampiresca.

Domingos de cidade

Domingos de cidade, desolação urbana.

As pessoas encurraladas pelo cimento maldizem a liberdade e enlouquecem de claustrofobia.

Pela noite: massas cidadãs
enervadas, extenuadas de frustração
sob o efeito narcótico de
melancolias ou coléricos porres
pescados em estádios fanáticos, circos
sangrentos, desonestos cabarés
pornográficos, ou sob a sedante
morfina do idiotismo televisionado
da cultura de massa, dopados
pelos prazeres evasivos da
alienação civilizada; veneno destilado
pelo Estado em letais doses de
violência e publicidade criminal.
Horríveis massacres de dignidade vital
e genocídio de almas.
O ócio capitalista é assassino.



LUIS VIDALES (Colômbia, 1900-1990)



Luis Vidales sempre se orgulhou de ter nascido na data do assalto ao quartel de Moncada, realizado por Fidel Castro e que vai dar início à luta do povo cubano contra seu ditador. Participou do primeiro grupo comunista surgido na Colômbia, entre 1922 e 1924 e, em 1930, ingressa no recém fundado Partido Comunista, sendo um de seus primeiros secretários gerais. Militou impulsionando a revolução agrária, chegando a dirigir pessoalmente insurreições camponesas, o que lhe rendeu diversos processos e prisões. Com as perseguições dos governos conservadores (1948-1954), Vidales e sua família se exilam no Chile, onde permaneceu até 1960. Já de volta à Colômbia, em 1978 volta à luta política e revolucionária,

percorrendo cidades, escolas, sindicatos e bairros populares, lendo seus poemas políticos. Em 1979, é sequestrado pelas forças do terrível governo de Turbay Ayala, mas a solidariedade internacional, capitaneada por Jean-Paul Sartre, conseguiu que o poeta fosse libertado poucas horas depois.

Ao lutador

Alerta o olho e a consciência pura
resiste a morrer tua jovem morte.
Olha a verde idade do céu, adverte:
há pouco esteve ali a noite escura.

Somente a sorte de hoje é insegura
e se a muda, transformará tua sorte.
Ao novo céu, como à árvore forte,
a colheita de ontem o transfigura.

Só o futuro é sólido e eterno,
indestrutível, alerta, vigilante,
fundo aceso de teu ser interno.

E se é que em tua luta adormeces,
observa ele ali: o único habitante
se alimenta de tempo. E cresce. E
cresce.





JORGE DEBRAVO (Costa Rica, 1938-1967)



Jorge cresceu numa família camponesa muito pobre, em sua infância era comum estar descalço. Acordava às 3h da manhã para trabalhar a terra e nunca lhe compraram um livro. Por conta dessas condições e da distância da escola, só tarde foi ter acesso formal aos estudos. Mas devido a seu grande interesse, dominou a leitura e a escrita por vontade própria. Aprendeu a escrever com um palito em folhas de bananeira. Com o pouco dinheiro que conseguiu juntar comprou seu primeiro livro: um dicionário. Trabalhou na seguridade social, o que lhe permitiu conhecer de perto as misérias de seu povo, por isso sua poesia está embebida em

revolta e consciência de classe. Morreu em 1967, num acidente causado por um motorista bêbado, justo quando acabara de ingressar na universidade. O dia de seu nascimento é, hoje, o dia nacional da poesia na Costa Rica.

Invocação ao fuzil

Com toda a esperança eu te amo,
com todo meu entusiasmo te maldigo,
com todo o peso de meu amor te odeio,
com toda minha ternura te abomino.
Me confortas tanto quanto um abraço,
me dóis e me sangras como um tiro,
amigo destruidor como a morte,
dilacerante, amado, descontente,
carne de pedra, coração de tigre,
alma de pus, ossário apocalíptico,
água de amor, aborto demoníaco,
filho de Deus, repartidor de trigo,
carrasco da paz, criador da paz,
esperança do justo e do mendigo,
cão de caça, filho da traição,
pai da liberdade, meu irmão.



Não te ofereço a paz

Não te ofereço a paz, irmão homem,
porque a paz não é uma medalha:
a paz é uma terra escravizada
e temos que libertá-la.

Eu te peço o amor e a ternura,
o músculo, os gritos e as garras,
a agilidade do pé, o fogo do canto,
a fogueira do desejo e o olhar.

Munidos com luz, com alegria,
com sonhos, corpo e almas,
sairemos a tomar a paz a golpes
ainda que tenhamos que destroçá-
la.

Esta canção amarga

Sofro tanto que às vezes nem sequer
sei se sofro por mim ou pelo
operário.
O sofrimento nasce, simplesmente.
É como uma cega árvore.

Não o busco, ou chamo nem
guardo.
Nasce quando bem entende.
É como um jorro de álcool, como
uma
almofada de alfinetes.

É amargo e sangrento à meia-noite
e às vezes - sem permissão - nas
sarjetas.
Me dá nós à camisa até me asfixiar.
Me rega ácidos maus nas veias.

No entanto, irmãos, quando falta
é como se minha carne estivesse
vazia.

Como se não corresse o sumo de
meu sangue.

Como se em jorros, vermelha, se me
fugisse a vida.

Prodígio

Hoje encontrei um homem
caminhando.

Sem apoiar-se em ninguém,
caminhando.

Sem que houvesse caminho,
caminhando.

Como se não quisesse chegar tarde,
caminhando.

Seu olhar tinha forma de coração
E dentro de seus olhos se via
um mundo
caminhando.

Ainda que pareça absurdo e incrível
hoje eu encontrei a um homem
caminhando.

Sem olhar a distância, caminhando.
Sem pedir companheiro,
caminhando.

Sem apoiar-se em ninguém,
caminhando.

Sem que houvesse caminho,
caminhando.



CARLOS PUEBLA (Cuba, 1917-1989)



De família muito humilde, Carlos Puebla se viu obrigado a trabalhar desde muito jovem em diferentes ofícios: carpinteiro, mecânico, pedreiro, sapateiro. Mas sua paixão estava toda na música. Na década de 40, tenta ir para Havana, mas regressa a sua cidade natal devido à fome e falta de emprego. Finalmente, em 52, fixa-se na capital. Sua região natal, desde os tempos coloniais, se caracterizava pela rebeldia. Era um reduto de velhos socialistas. Essa revolta embebia a consciência de Puebla que se radicaliza a partir da revolução, em 59, tornando-se verdadeiro cronista, em suas canções, do

processo revolucionário. É considerado o cantor da revolução cubana e “pai e irmão” do movimento da Nova Trova Cubana, de onde surgiram grandes cantores engajados como Sílvio Rodríguez e Pablo Milanés.

Até sempre, Comandante

Aprendemos a te amar
desde a histórica altura
onde o sol de tua bravura
lhe pôs um cerco à morte.

Refrão:

Aqui, fica a clara,
a íntima transparência,
de tua querida presença
Comandante Che Guevara.

Tua mão gloriosa e forte
sobre a história dispara
quando toda Santa Clara*
se desperta para te ver.

* batalha decisiva para a revolução cubana comandada por Che.

Vem queimando a brisa
com sóis de primavera
para plantar a bandeira
com a luz te deu sorriso.

Teu amor revolucionário
te conduz a nova empresa**
onde esperam a firmeza
de teu braço libertário.

Seguiremos adiante
como junto a ti seguimos
e com Fidel te dizemos:
“Até sempre, Comandante!”

** Che parte para construir a guerrilha na Bolívia, onde é morto.





JOSÉ MARTÍ (Cuba, 1835-1895)



Um dia antes de morrer em combate, José Martí, aos 42 anos, escreveu: *“Estou todos os dias na iminência de dar a vida por meu país e por meu dever – pois essa é a minha decisão e estou disposto a realizá-la – de impedir a tempo, com a independência de Cuba, que os Estados Unidos estendam seu domínio pelas Antilhas e caíam, com essa força mais, sobre Nossa América”*. Com apenas 16 anos tornou-se preso político por seus escritos revolucionários e, pouco depois, com a deportação, teve início seu exílio. Num longo peregrinar por países da América Latina e Caribe aprendeu a conhecer e

a amar os povos da América e a lutar por sua integração. Neste período, quando o imperialismo norte-americano dá seus primeiros sinais, percebe a urgência de formar uma identidade latinoamericana e passa a usar o termo “Nuestra América”. Nos legou seu conceito universal de pátria: “Pátria é humanidade”. Sua proximidade das dores e virtudes dos negros na América e do esplendor destruído das culturas indígenas está na base do seu profundo americanismo literário. Sentia-se espiritualmente mestiço, irmão do escravo e do pária. Partindo dessa capacidade de identificação através do tempo e do espaço, chegou a ser o primeiro latinoamericano, filho de todos os povos do continente e das ilhas do Caribe, primogênito de Bolívar.

Como de um incensário partido

Como de um incensário partido se esvai o perfume
assim de minha dor se escapa o verso:
nutro-me dessa dor que me consome
de onde vim, aí vou: ao universo.

Sou círio ardente em meio a tormenta:
o fogo em que brilho me dilacera
e em lugar de me apagar me alimenta
o vendaval que ao covarde desespera.

Eu nunca durmo: ao despertar noto
em mim o cansaço de uma grã-jornada
onde caminho a noite quando, morto
o corpo, afundo a face à almofada.





Quem, quando luto e contra algum mal postro
minhas forças, me unge com a estrofe branda?
E do lume do amor me banha o rosto?
E abrir as asas e anunciar me manda?

Quem pensa em mim? Quem fala por meus lábios
coisas que em vão impedir eu bem tento?
De onde vêm esses conselhos sábios?
Pra onde vão sem rédeas os pensamentos?

Já não me queixo, não!, como fazia
de minha dor, silencioso e infecundo:
cumpro com meu dever de cada dia
e espero ferir e curar o mundo.

Já não me aflijo, não!, nem me desolo
de me verilhado em difícil luta.
Vai com a eternidade o que vai só,
a quem se ouve quando a ninguém se escuta.

Que fui, não sei: jamais teve lugar
sobre meu amor-ao-homem amor algum
e jogo ao chão e me ponho a pisar
qualquer outro amor, minguaado e importuno.

A liberdade adoro e o direito.
De ódios não sofro, nem de paixões más:
E na couraça que me veste o peito
uma águia de luz estende suas asas.

Vão é que por amor se chore ou interceda.
Ao limpo sol tenho as armas jurado
e sofrerei à sombra até que veja
meu punhal de aço em pleno sol cravado.

Como uma luz, a fêrvida palavra
aos meus trêmulos lábios me assoma:
não há medo cuja porta se abra
se antes o ódio e a paixão não se doma.





Que fui, não sei: porém sei que dei um beijo
a uma gigante e bondosa mão
e, desde então, por onde falo, deixo
impresso nos homens o amor de irmãos.

Já não me importa que a frase ardente
morra em silêncio ou em casa obscura:
amo e trabalho e, assim, noturnamente,
nutre, o rio, à selva em espessura.

Meus versos vão revoltos...

Meus versos vão revoltos e acesos
como meu coração: bom é que corra
manso o arroio que em fácil plano
entre gramas frescas desliza:
Ai!, mas a água que do monte vem
Arrebatada; que por fundas fendas
desce, destroçada; que em sedentos
pedregulhos tropeça, e entre rudes
truncos salta em quebrados borbotões,
como, assim despedaçada, poderá logo
como cão de salão, jorrar submissa
no jardim podado entre flores,
ou em aquário de ouro ondear alegre
para o querer de damas cheirosas?

Inundará o palácio perfumado,
como profanação: entrará como fera
pelos brilhantes gabinetes, onde
os bardos, lindos como abades, fiam
tenras quintilhas¹ e rimas doces
com agulha de prata em branca seda.
E sobre seus divãs espantadas
as senhoras, os pés de meia suave
recolherão, – enquanto a água turva,
falsa, como tudo o que expira,
beija humilde o chapín² abandonado,
e em bruscos saltos alterada morre!

1: forma poética de 5 versos

2: calçado exótico, típico da nobreza





NICOLÁS GUILLÉN (Cuba, 1902-1989)

Nicolás Guillén foi tipógrafo antes de se dedicar ao jornalismo e se fazer escritor e político. Suas idéias revolucionárias o mantiveram no exílio durante os últimos anos da ditadura de Batista, regressando a ilha logo após o triunfo rebelde de 59. Na Cuba socialista, Guillén se integrou ao Partido Comunista, tornando-se, anos depois, membro de seu Comitê Central. Sua poesia é considerada como a mais plena expressão das aspirações populares e revolucionárias de seu período histórico, sendo reconhecido pelo povo cubano como seu Poeta Nacional. Um dos introdutores da temática negra na poesia latinoamericana, Guillén tornou-se o principal representante da poesia mulata ou afrocubana em língua espanhola.



Está bem

Tudo bem que cantes quando
choras, negro irmão,
negro do Sul crucificado;
vai bem teus cantos espirituais¹
teus estandartes,
tuas marchas e as alegações
de teus advogados.
Está muito bem.

Tudo bem que patine atrás da
justiça,
- oh, aquele ingênuo patinador
tragando o ar até Washington desde
Chicago! -;²
tudo bem teus protestos nos diários,
bem teus punhos cerrados
e Lincoln em seu retrato.
Está muito bem.

Bem teus sermões nos templos
dinamitados,
bem tua insistência heróica
em estar junto aos brancos,

porque a lei – a lei? – proclama
a igualdade de todos os americanos.

Bem.
Está muito bem.
Certinho,
irmão negro do Sul crucificado.
Mas lembre-se de John Brown³.
Que não era negro e te defendeu
com um fuzil nas mãos.

Fuzil: arma de fogo portátil
(é o que diz o dicionário)
com que disparam os soldados.
Há que se acrescentar: Fuzil (em
inglês “gun”):
Arma também com que respondem
os escravos.
Mas se acontecer (isso acontece),
mas se acontecer, irmão,
que não tenhas fuzil, pois então,
nesse caso
digo, não sei,



busca algo
- uma marreta, um pau,
uma pedra – algo
que doa,
algo duro que fira,
que golpeie,
que tire sangue,
algo.

1: “spirituals” no original
2: possivelmente se refere a Luther King
3: abolicionista branco

Você pode?

Você pode me vender o ar que passa
entre teus dedos
e te golpeia a cara e te despenteia?
Talvez poderia me vender cinco
pesos de vento,
ou mais, quiçá me vender uma
tormenta?
Por acaso, o ar fino,
me venderia o ar
(não todo) que percorre
em teu jardim flores e mais flores,
em teu jardim para os pássaros,
dez pesos de ar fino?

O ar gira e passa
em uma mariposa.
Ninguém o tem, ninguém.

Você pode me vender céu,
o céu azul talvez,
ou cinza também quem sabe,
uma parte do teu céu,
esse que você comprou, como
imagina, com as árvores
de teu horto, como quem compra o
teto com a casa, você pode?
Pode me vender um dólar

de céu, dois quilômetros
de céu, um pedaço, o que você
puder,
de teu céu?

O céu está nas nuvens.
Altas, as nuvens passam.
Ninguém as têm, ninguém.

Você pode me vender chuva, a água
que te deu tuas lágrimas e te molha
a língua?

Pode me vender um dólar de água
da fonte, uma nuvem grávida,
crespa e suave como um cordeiro,
ou então água chovida na
montanha,
ou água das poças
abandonadas aos cachorros,
ou uma légua de mar, talvez um
lago,
cem dólares de lago?

A água cai, roda.
A água roda, passa.
Ninguém a tem, ninguém.
Pode me vender terra, a profunda
noite das raízes; dentes
de dinossauros e a cal
dispersa de longínquos esqueletos?
Pode me vender selvas já
sepultadas, aves mortas,
peixes de pedra, enxofre
dos vulcões, mil milhões de anos
em espiral subindo? Pode
me vender terra, pode
me vender a terra, pode?

A tua terra é minha.
Todos os pés a pisam.
Ninguém a tem, ninguém.





ROBERTO FERNÁNDEZ RETAMAR (Cuba, 1930)



Considerado o maior poeta cubano vivo, foi responsável pelo primeiro poema da revolução cubana, escrito e divulgado no dia 1º de janeiro de 1959. Desde então participou do governo socialista, seja como deputado da Assembléia Nacional do Poder Popular, como membro do Conselho de Estado ou presidente da Casa das Américas, importante instituto de promoção da cultura latinoamericana. Também é considerado um importante e polêmico crítico literário, rompendo com

a crítica colonizada, européia, na reflexão sobre a literatura hispanoamericana.

Felizes os normais

Felizes os normais, esses seres estranhos,
os que não tiveram mãe louca, um pai bêbado, um filho delinquente,
casa em lugar nenhum, uma doença desconhecida,
os que não foram reduzidos a cinzas por um amor devorador,
os que viveram os dezessete rostos do sorriso e um pouco mais,
os cheios de sapatos, os arcanjos com chapéus,
os satisfeitos, os gordos, os lindos,
os rintintim e seu séquito, os que “como não, por aqui”,
os que ganham, os que são queridos dos pés à cabeça,
os flautistas acompanhados por ratos,
os vendedores e seus compradores,
os cavalheiros ligeiramente sobre-humanos,
os homens vestidos de trovões e as mulheres de relâmpagos,
os delicados, os sensatos, os finos,
os amáveis, os doces, os comíveis e os bebíveis.
Felizes as aves, o estrume, as pedras.

Mas que dêem passagem aos que fazem os mundos e os sonhos,
as ilusões, as sinfonias, as palavras que nos destroem
e nos constroem, os mais loucos que suas mães, mais bêbados
que seus pais e mais delinqüentes que seus filhos
e mais devorados por amores calcinantes.
Que lhes deixem seu lugar no inferno, e basta.





Que queremos arder

Abel* derramou seu sangue no começo.
Não o seguiram mais que os humildes, os esquecidos.
E, logo depois de andar sobre o mar,
sobraram doze, e tudo começou de novo.
Chegaram com barbas ao romper do ano.
E tiveram discípulos sobre a vasta terra.

Isto sabia já o livro.

Mas os símbolos que eles construíram
não tinham livro: os que fizeram as coisas
não tinham nomes, ou ao menos, seus nomes
ninguém conhecia. As datas que preencheram
estavam vazias como uma casa vazia.

Agora sabemos o que significa Quartel Moncada, 26.
O que significam Camilo, Ché, Girón, Escambray, outubro.
Os livros os guardam e propõem.

O vento imenso que o afirma, varre as montanhas e
as planícies
onde os que não têm nomes
ou cujos nomes, no entanto, ninguém conhece,
preparam, na sombra, labaredas
para datas vazias que veremos arder.

*Abel Santamaria planejou o assalto ao Quartel Moncada, quando foi assassinado.

Nenhuma palavra te faz justiça

Estremecimento mais forte que a cópula,
companhia mais intensa que a solidão,
conversa mais rica que o silêncio,
realidade mais estranha que o sonho,
verdade do dia e da noite,
canção que não se detém, céu rubro de bandeiras,
razão de estar aqui:
já vês que nenhuma palavra te faz justiça,
Revolução.



ROQUE DALTON (El Salvador, 1935-1975)



Um dos maiores poetas das Américas do século XX, Dalton se engajou na luta pela libertação de El Salvador, vinculando-se ao partido comunista. Expulso do país por suas atividades subversivas, peregrinou por México, Checoslováquia e Cuba, onde recebeu instrução militar. Retorna a El Salvador como guerrilheiro do Exército Revolucionário do Povo, um dos cinco grupos que constituíam a Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional. Por causa de profundas divergências com sua direção (Roque propunha uma luta prolongada e não uma ação militar imediata), é injustamente acusado de “revisio-

nista” e, ainda, de infiltrado da CIA, e assassinado pelos próprios “companheiros”. Dalton mesclou, como nenhum outro, a reflexão sobre a luta revolucionária e o fazer poético. De personalidade marcante, fazia rir até às pedras, como dizia Eduardo Galeano. Brincalhão e irônico, usava do riso corrosivo para provocar a reflexão, o que gerava, frequentemente, descontentamentos dentro das organizações ortodoxas. Esse seu perfil irreverente está também em toda sua poesia. Sua ética e estética, vida e a obra, se fundem, não havendo muros entre sua boca e suas mãos.

À Poesia

Agradecido te saúdo poesia
porque hoje ao te encontrar
(na vida e nos livros)
já não és somente para o
deslumbramento
grande adereço da melancolia.

Hoje também podes melhorar-me
ajudar-me a servir
nesta longa e dura luta do povo.

Agora estás em teu lugar:
não és mais a alternativa esplêndida
que me apartava de meu próprio
lugar.

E segues sendo bela
companheira poesia
entre as belas armas reais que
brilham debaixo do sol
entre minhas mãos ou sobre meus
ombros.

Segues brilhando
junto ao meu coração que não te
traiu nunca
nas cidades e nos montes de meu
país
de meu país que se levanta
desde a pequenez e do olvido
para finalizar sua velha pre-história
de dor e sangue.



Elementos

A organização de vanguarda
nível de experiência e organização das massas
a análise do conjunto e dos detalhes
a conjuntura de auge
a audácia as armas a serenidade a tenacidade
a intransigência na estratégia
a flexibilidade na tática
a clareza nos princípios
a clandestinidade operativa
a localização do momento preciso
os motores do amor e do ódio
métodos meios e preparação adequados
técnica ciência e arte
o reconhecimento de toda a experiência anterior
mais e mais audácia
ofensiva constante
a concentração na direção principal
queimar as pontes e ao mesmo tempo
jogar todo o jogo em uma só carta
máxima segurança só depois de aceitar
as últimas conseqüências
alianças uniões apoios neutralizações
planejamento global do confronto
marco mundial
nível moral de nossas forças
mais audácia

A pequena burguesia (sobre uma de suas manifestações)

Os que
no melhor dos casos
querem fazer a revolução
para a História para a lógica
para a ciência e a natureza
para os livros do próximo ano ou para o futuro
para ganhar a discussão e inclusive
para sair, enfim, nos jornais
e não simplesmente
para eliminar a fome



dos que têm fome
para eliminar a exploração dos explorados.
É natural então
que na prática revolucionária
cedam somente ante ao juízo da História
da moral do humanismo da lógica e das ciências
dos livros e dos jornais
e se neguem a conceder a última palavra
aos esfomeados, aos explorados
que têm sua própria história de horror
sua própria lógica implacável
e terão seus próprios livros
sua própria ciência
natureza
e futuro.
autocrítica constante
e mais audácia.

Para um melhor amor

"O sexo é uma categoria política"

Kate Mills

Ninguém duvida que o sexo
é uma categoria no universo dos casais:
daí sua ternura e suas ramas selvagens.
Ninguém discute que o sexo
é uma categoria familiar:
daí os filhos,
as noites em comum
e os dias divididos
(ele, buscando o pão na rua,
nas oficinas e nas fábricas;
ela, na retaguarda dos ofícios domésticos,
na estratégia e tática da cozinha
que permitam sobreviver à batalha comum
talvez até o fim do mês.)
Ninguém discute que o sexo
é uma categoria econômica:
basta mencionar a prostituição,
as modas,



as seções do jornal que são para ela
ou são para ele.
Onde começa a confusão
é quando uma mulher diz
que o sexo é uma categoria política.
Porque quando uma mulher diz
que o sexo é uma categoria política
pode começar a deixar de ser mulher-em-si
para converter-se em mulher-para-si,
constituir a mulher em mulher
a partir de sua humanidade
e não de seu sexo,
pode começar a saber que o desodorante mágico com sabor de limão
e o sabão que acaricia voluptuosamente sua pele
são fabricados pela mesma empresa que fabrica o napalm
saber que o trabalho próprio do lar
é o trabalho próprio da classe social a que pertence esse lar,
que a diferença de sexos
brilha muito melhor na profunda noite amorosa
quando se conhece todos esses segredos
que nos mantinham mascarados e alheios.

As pretensões (mínimas e urgentes) de um leninista latinoamericano

Pretendemos
(mas com nossa ação
não com nossos narizes)
criar um partido revolucionário de combate
dirigir as mais amplas massas do povo
como vanguarda da classe operária
real ou em potência
(as palavras “real ou em potência” se referem aqui
à classe operária não à vanguarda)
ter uma estratégia tatificada
e uma tática filha de uma estratégia
desejamos
a honrosa inimizade dos oportunistas
esvaziar as armas da crítica
e carregá-las outra vez para disparar de novo



exercer
a crítica das armas¹
(depois de conseguir
construir
engraxar
manejar até a perfeição
e saber quando e contra quem usar
essas armas)
pretendemos dar três passos adiante²
para cada passo atrás
pretendemos nos curar de nossas enfermidades infantis³
mas sem envelhecer
pretendemos a saúde juvenil perene
não a normal senilidade
e desejamos
acima de todas as coisas
(por agora
mas também desde agora)
o poder político em nossa nação
o poder político
o poder
o poder.

1: Referência à famosa frase de Marx: “As armas da crítica não podem, de fato, substituir a crítica das armas; a força material tem de ser de posta por força material, mas a teoria também se converte em força material uma vez que se apossa dos homens.” (Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel)

2: Referência ao artigo de Lênin “Um passo adiante, dois passos atrás”.

3: Referência ao texto de Lênin “Esquerdismo: doença infantil do comunismo”

Teria dito Otto René Castillo* pensando em Lênin

Ninguém vai à montanha buscar a glória. Ninguém que não seja um imbecil, quero dizer. No fundo ninguém elabora sua poesia pela glória. Ninguém que seja um poeta, quero dizer. Admito que os que vão à montanha, em ocasiões se colocam o problema da morte eventual em forma quase sensualista. Mas os poetas costumam ser sensualistas e até obscenos, pode-se dizer. Ir à montanha hoje na América Central é aceitar o problema pessoal da vida e da morte



em uma proporção de sessenta por cento para a morte
e de quarenta por cento para a vida.
Assumir estas cifras
não é um desvio católico do marxismo. O inimigo
é mais forte que nunca porque nós
somos mais débeis e estamos mais divididos que nunca. Ir
à montanha é um ato político-militar
e não uma atitude poética tradicional. Se trata de por
uma pedra em nosso prato da balança
e não de uma efusão espiritual. Assim
cada um é livre para ir-se à montanha com
sua poesia, suas efusões espirituais, seus amuletos.
De fato, as unidades guerrilheiras transbordam de poesia,
efusões espirituais e amuletos, mas se servem mais
e melhor da boa pontaria, da resistência física e das facas de caça.
Estas são algumas verdades que honram muito ao poeta guerrilheiro.
Em geral, é certo que o sacrifício
que não tenha uma eficácia real na história é idiota.
Creio que esta é uma conclusão de espírito leninista.
Porém, quem pode saber antecipadamente o que terá
eficácia real na história? Tratar de obter essa eficácia
arriscando a vida é a maior grandeza do homem.
O camarada Lênin estaria de acordo. Ele, que sempre
nos buscou a mística chaga da dignidade e da honra.
Ele, que vive em suas palavras unicamente para aqueles que vão mais além
das palavras.

* Otto René Castillo foi um poeta guerrilheiro da Guatemala amigo de Roque Dalton. Otto foi assassinado nas montanhas, na guerrilha para libertar seu país.

Lógica revi

Uma crítica a União Soviética
só a pode fazer um anti-soviético.
Uma crítica a China
só a pode fazer um anti-chinês.
Uma crítica ao Partido Comunista
Salvadorenho
só a pode fazer um agente da CIA.
Uma auto-crítica equivale ao suicídio.

Arte poética

Poesia
Perdoa-me por haver te ajudado
a compreender
que não estás feita só de
palavras.





YOLOCAMBA I TA (El Salvador, 1975)



“Yolocamba I Ta”, que significa em língua Lenca “a alegria da sementeira”, foi criado em 1975 pelos irmãos Franklin Quezada e Roberto Quezada, depois de um massacre da polícia a uma marcha de estudantes em San Salvador. Suas canções se tornaram verdadeiros hinos para os mais

envolvidos com a causa guerrilheira no país e uma expressão cultural que rompia o medo e denunciava a opressão para todo o resto dos trabalhadores. Musicaram um poema do padre brasileiro Pedro Casaldáliga dedicado a Monsenhor Romero, grande liderança popular de El Salvador, assassinado pelo exército enquanto rezava a missa. Em 1980, com suas canções proibidas e perseguidos, migraram para o México, de onde regressaram em 1993. Receberam, em 2016, o Prêmio Nacional de Cultura de El Salvador.

Milonga do Fuzilado

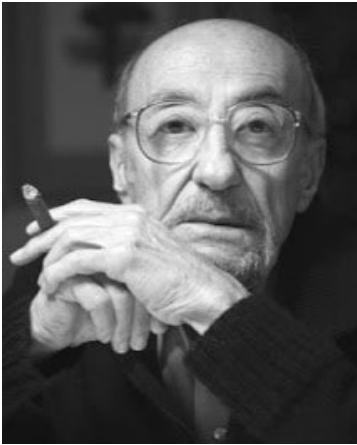
Não me perguntem quem sou
nem se me conheceram,
os sonhos que eu haveria tido
ainda que eu não esteja, cresceram.
Já não vivo, mas, naquilo
que andava sonhando, sigo.
E outros que seguem lutando
farão nascer novas coisas
no nome dessas rosas todas
todos me estarão nomeando.
Não lembrem de minha cara
que foi minha cara de guerra
já que havia em minha terra
necessidade de que odiasse.
Olhem o céu que já se aclara
e verão como era minha frente.
Me viu rir pouca gente,
mas minha risada ignorada

será ouvida na alvorada
do dia que se pressente.
Não me perguntem a idade,
tenho os anos de todos
eu escolhi de muitos modos
ser mais velho que minha idade,
que meus anos de verdade.
Meus anos de verdade
são os tiros que atirei
terei a idade verdadeira
da criança que libertei.
Não andem buscando meu túmulo
porque não o encontrarão.
Minhas mãos são as que vão
em outras mãos lutando.
Meu corpo, o que segue inteiro.
E saibam que só morro
se vocês forem se entregando,
porque o que morreu lutando
vive em cada companheiro.





JORGE ENRIQUE ADOUM (Equador, 1926-2009)



Ícone da literatura equatoriana, Adoum foi escritor, poeta, crítico, jornalista, diplomata e professor universitário. Sua poesia tem relação profunda com a vida e filosofia dos povos que habitaram as regiões andinas antes da chegada da cultura hispânica. Uma poesia dedicada à busca antropológica, algo inédito à sua época. Tornou-se famoso internacionalmente com sua novela “Entre Marx e uma mulher desnuda”. Estudou direito e filosofia no Chile, onde conheceu Neruda, de quem foi secretário por 2 anos. Este chegou a dizer que Adoum seria o melhor poeta da América Latina. Com o golpe

militar, instala-se em Paris, regressando ao Equador apenas em 1987. Foi membro do partido comunista equatoriano.

Não poderão nos prender

"Não poderás nos prender: faltará corda!"

De uma proclamação de Kanek

Rumiñahui - rosto de pedra e pátria -,
quando viu o conquistador em seu cavalo
errante, gritou desde a altura: O solo
é nosso, não se troca por espelhos
ou cruzeiros ou miçangas, não há cidade
nem mulher para o estranho nem dourada
joalheria para o rei. E o espanhol,
amarrando-lhe as mãos, queimando
seus pés que já havia traçado
o único caminho que conheço, dizia:
Aí vai o agitador, recebe ordens
contra nós. E Rumiñahui¹ respondia:
Minha tribo é grande, não podereis
nos amarrar. Faltará corda.
(O herói ainda está na montanha
confundido com a terra e com seu heróico



povoador. Cada dia estive ali
falando conosco, crescendo conosco,
nos ditando a grandes vozes o destino.)
E quando outra vez chega o estranho
e invade a bodega da pátria e seus assuntos,
e impõe pactos de guerreiro que não sou
e não quero, e decretos de terra conquistada
que negamos, me tremem na boca
as antigas palavras - sangue, som,
argila - : A pátria é nossa,
não está à venda seu vulcânico
arquipélago, não há nem mineral
nem homem que ajude à violência.
E o norteamericano me assinala,
me inclui em sua lista de áspera
vingança (como um aro me circundam
suas leis) e diz: Olhe, também
este recebe ordens contra nós.
E Rumiñahui, desde o cume, segue
repetindo: Não podereis nos prender.
Minha tribo cresceu a povo inumerável
e livre, e faltará corda, sempre
faltará, a vocês, muita corda.

1: Rumiñawi foi um general do império inca que liderou a resistência contra os espanhóis. Estava quase derrotado quando a erupção do vulcão Tungurahua pôs tudo a peder, já que os incas acreditavam que a catástrofe natural era um castigo divino. Ele foi preso, torturado e queimado em praça pública.

Supersubdesenvolvimento

Onde?
Em um cais do Sena.
Quando?
No último dia de outono.
Quem?
Um empregado da limpeza de rua.
Com o quê?
Um grande escada articulada e umas grandes tesouras.
Por quê?
Para cortar uma folha que ainda não havia caído.
Conclusão?
Também tenho visto em outras partes
mataram crianças com metralhadoras.



RAFAEL LARREA (Equador, 1942-1995)



Rafael Larrea Insuasti fundou, junto a outros jovens poetas de esquerda, o grupo Tzántico que propunha superar o abismo que separava a poesia equatoriana da vida do povo, sempre conectados ao "poder da irreverência". Larrea foi jornalista, ensaísta político, autor de canções populares e professor de música. Desde muito cedo foi militante do Partido Comunista Marxista Leninista do Equador, chegando a ser parte do Comitê Central. Encarregou-se por quase 20 anos da propaganda do partido, organizando o jornal Em Marcha, além de elaborar escritos teóricos e políticos importantes para ação do partido, da militância e da classe trabalhadora.

Não cabe se fazer de desentendido

Depois do que vivemos,
que coisa melhor que saber que não terminaram
com a gente?

Resistimos com grande ternura,
sentimos a fé do científico em sua obra,
a paixão sempre renovável
do revolucionário.

Bonito é contar
com uma mínima parte da verdade
e assim dizê-la.

De que serve se fazer de desentendido,
de que não compreende o que se passa,
o que vem ocorrendo neste mundo?

Para que serve,
agora, pretender que nós não nos
equivocamos nunca.

Eu, sim, disse, em alto e bom som,
deste golpe,
saímos golpeados todos.

Os que avançamos, agora, entendemos melhor.
E sabemos distinguir
os que retrocederam a tempo.



Os que se abriram, os que se venderam,
os covardes, os confundidos, os temerosos,
os acomodados.
Para que queres mentir pra mim com tua cara,
se viro a quadra
e dou de frente com teus olhos avermelhados,
incrédulos,
que são berço e lenço
de desgraças maiores que as minhas?
Avante, trabalhadores,
siga o mundo seu caminho.
Pelo grande, magnífico,
irrepetível espaço,
vá a vida
iluminada com sóis e estrelas.
Quem pode se surpreender com o insólito?
Guardadas estão
as distâncias,
os sentidos,
os valores,
e cada um dos passos
que o ser humano deu
desde o primeiro dia.
Nenhum desses heróicos esforços
está perdido.
Só se afogou, quem se soltou de sua barca.
Não voltamos tampouco a começar.
Só estamos em outro estado.
Para cada geração,
um enigma distinto. Avante!
Avante, gloriosos povos!

Me disse,
eu sozinha,
sou uma asa;
se você se unir a mim,
seríamos um grãozinho de areia.



ANA MARÍA RODAS (Guatemala, 1937)



Poeta, narradora e jornalista desde a adolescência. É considerada uma das grandes mulheres latinoamericanas da literatura. Em sua poesia sensual e franca, denuncia a opressão sexista e machista hipócrita. Com seu livro "Poemas da esquerda erótica" escandalizou a sociedade conservadora da Guatemala e levou para o plano humano mais íntimo a luta pela liberdade. Sua poesia foi subvalorizada e silenciada durante muito tempo pela crítica feita por homens e para homens. Mas, aos poucos, sua obra se consolidou dentro da literatura feminista

centroamericana e internacional, sendo traduzida para diversas línguas.

Assumamos a atitude de virgens

Assumamos a atitude de virgens

Assim
nos queremos
eles.

Forniquemos mentalmente
suave, muito suavemente,
com a pele de algum fantasma.

Vamos sorrir
femininas
inocentes.

E à noite, cravemos o punhal
e brinquemos no jardim
abandonemos
isto que fede à morte.

De acordo

sou ferosa, ciumenta
volúvel
e cheia de luxúria.

Que esperavam?

Que tivesse olhos
glândulas
cérebro, trinta e três anos
e que agisse
como o cipreste de um cemitério?



**A gramática mente
(como todo invento masculino)**

Feminino não é gênero, é um
adjetivo
que significa inferior, inconsciente,
utilizável,
acessível, fácil de manejar,
descartável. E sobretudo
violável. Isso primeiro, antes de
qualquer
outra significação preconcebida.

Lavemos o cabelo

Lavemos o cabelo
e desnudemos o corpo.

Eu tenho e você também
irmã
dois peitos
e duas pernas e uma vagina.

Não somos criatura
que subsiste com suspiros.

Já não sorrimos
já não mais falsas virgens

nem mártires que esperam na cama
o cuspe ocasional do macho.

Fazes bem, grande mestre.

Eu sou a guerrilheira em teu regime
o objeto
que se lança com armas de amor
entre teu exército de gorila egoísmo
e o poder que imaginas
ao fim de tua jornada.
Rastreia bem meus passos

em tua alma
e esmaga sem escrúpulos
qualquer broto de ternura
subversiva...
se não prendes o amor
tua ordenada ditadura
se vai à merda.

Já sei.

Nunca vou ser mais que uma
guerrilheira do amor.
Estou situada em algo assim
como à esquerda erótica.
Soltando bala atrás de bala
contra o sistema.
Perdendo força e tempo
em pregar um evangelho surrado.
Vou terminar como aquele outro
louco
que ficou
estirado na serra.
Mas como minha luta
não é política que sirva aos homens
jamais publicarão meu diário
nem construirão indústrias de
consumo popular
de cartazes
e penduricalhos com minhas
fotografias.

Digamos adeus.

Veja, não sintas pena,
minha angústia
é menos
dura.
Tu foges de si mesmo.
Eu só fujo de ti.





MANUEL JOSÉ L. ARCE LEAL (Guatemala, 1935-1985)



Arce Leal foi poeta e dramaturgo, considerado um dos escritores mais relevantes da Guatemala. Recebeu importantes prêmios centroamericanos e sua obra foi traduzida para vários idiomas. Na década de 80, teve que abandonar seu país devido às constantes ameaças do regime ditatorial de Romeo Lucas. Instala-se na França durante o período em que ocorreram os piores massacres em sua pátria. Como protesto escreveu duros poemas que foram por longo período censurados. Sua poesia e obras teatrais são profundamente marcadas pela luta coletiva, pela busca da libertação da classe trabalhadora.

A hora da sementeira

E não nos deixaram outro caminho.

E está bem que assim seja.

Recebemos o golpe no rosto,
o chute na cara.

E demos a outra face,
silenciosos e mansos,
resignados.

Então começaram os açoites,
começou a tortura.

Chegou a morte.

Chegou noventa mil vezes a morte.

A trabalhavam devagar,
rindo-se,
com alegria de nosso sofrimento.

Já não se trata somente de nós os homens.

O saqueio constante de nossas energias,
o roubo permanente do suor

em quadrilha, à mão armada, com a lei a seu lado.

Já não se trata somente da morte por fome.

Já não se trata somente de nós os homens.





Também as mulheres,
os filhos,
nossos pais e nossas mães.
Os violam, os torturam, os matam.
Também nossas casas,
as queimam.
E destroem as plantações.
E matam as galinhas, os porcos, os cães.
E envenenam os rios.

E não nos deixam outro caminho.
E está bem que assim seja.

Trabalhávamos.
Trabalhávamos além das forças.
Começávamos a trabalhar quando aprendíamos a caminhar
e não nos detínhamos senão no momento de nossa morte.
Morríamos de velhos aos trinta anos. Trabalhávamos.

O suor era um rio que se bifurcava:
de um lado se tornava miséria, fadiga e morte para nós:
do outro lado, riqueza, vício e poder para eles.
No entanto,
seguimos trabalhando e morrendo século após século.
Mas nem assim se abrandavam suas caras para nós.
Vieram com suas armas
e suas armas vieram a nos matar.

E não nos deixaram outro caminho.
E tivemos que empunhar as armas também.

A princípio eram as pedras,
os galhos das árvores.
Logo, os instrumentos da lavoura,
as enxadas, os facões, as foices,
nossas armas.
Nosso conhecimento da terra,
o passo incansável,
nossa capacidade de sofrimento,
o olho que conhece e reconhece cada folha,
o animal que avisa,



o silêncio que aperta as mandíbulas.
Essas foram primero nossas armas.

Não tínhamos armas.
Eles sim tinham:
as compravam com nosso trabalho
e logo as usavam contra nós.

Agora temos armas: as deles.
Quando vieram noturnos para nos matar,
os enfrentamos,
caímos como raios
e tomamos as armas,
agarramos as armas.

Cada fuzil custa muitas vidas.
Mas são maiores as mortes que nos custa
se segue nas mãos deles.

E não nos deixaram outro caminho.
E está bem que assim seja.
Porque desta vez
as coisas
vão mudar definitivamente.
Estão mudando.
Já mudaram.

Cada bala que disparamos leva
a verdade do amor por nossos filhos,
por nossas mulheres e nossos mais velhos
e pela terra mesma e por suas árvores.

E por isso há mulheres e crianças combatendo junto a nós.

Quando semeamos o milho,
sabemos que deverão se passar luas e sóis
até que a espiga sorria com seus grãos e se torne alimento.
E quando disparamos nossas armas
é como se semeássemos
e sabemos
que deverá vir uma colheita.
Talvez não a vejamos.



Talvez não comeremos de nossa sementeira.
Mas ficam plantadas as sementes.

As balas que eles atiram só levam morte.
Nossas balas germinam,
se tornam vida e liberdade,
são metal de esperança.

As coisas se transformaram.
E está bem que assim seja.

Temos limpado e azeitado a arma.
Colocamos as sementes no saco e empreendemos a marcha
sérios e silenciosos por entre a montanha.

É a hora da sementeira.

Equis-equis

Não, não é ele.

Sim, sim é ele.

Não, não é ele. Não é possível que isto possa ser ele.

Veja a cicatriz da vacina.

Não, não é ele.

Veja a coroa do siso que lhe pôs Miguel

há seis meses.

Não, não é ele.

Eu penso que sim é ele. Que esta vez sim é ele.

Não, não é ele.

Como poderia ser ele se não tem olhos.

Como poderia ser ele se não tem suas mão laboriosas.

Como poderia ser ele se lhe cortaram suas sementes de homem.

Como poderia ser ele sem seu violão nem sua canção,
sem aquele cenho duro diante do perigo, sem aquele sorriso
no trabalho.

Sem sua voz pronunciando o pensamento, sem sua tonta mania
de me presentear com flores.

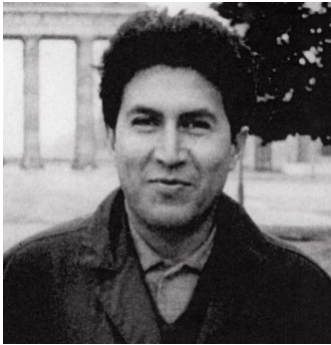
Como poderia ser ele.

Não é ele. Te digo que não é ele.

Não quero que seja ele.



OTTO RENÉ CASTILLO (Guatemala, 1936-1967)



Otto René Castillo começou sua militância ainda como estudante e, com só 18 anos, devido à perseguição do governo, vê-se obrigado a fugir para El Salvador. Ali conhece Roque Dalton, com quem teria uma forte e íntima amizade. Com a morte do ditador Castillo, retorna em 57 e, em 64, é expulso do país e começa um novo exílio, dessa vez percorrendo vários países, inclusive Cuba. Em 1966, ao se iniciar a Guerra Civil, Otto retorna clandestinamente à Guatemala para integrar-se

às Forças Armadas Rebeldes (FAR), ocupando-se do setor de Propaganda e Educação. Em 67, sua frente confronta-se com os inimigos e Otto - com apenas 31 anos - e sua companheira, Nora Páiz, são presos e barbaramente torturados: o ridicularizavam lendo trechos de seu poema "Vamos pátria a caminhar" (poema que à época era quase um hino dos lutadores) enquanto cortavam seu rosto com lâmina de barbear. Como mantiveram o silêncio, ambos foram queimados vivos. Com seu silêncio gritaram seu imenso compromisso com a humanidade, com seu sonho libertário! Sua poesia carrega a nostalgia, por conta de seus exílios, o amor por sua companheira, e a dor comum de seu povo, a terrível condição em que sobreviviam as comunidades indígenas, secularmente exploradas.

Intelectuais apolíticos

Um dia,
os intelectuais
apolíticos
de meu país
serão interrogados
pelo homem
simples
do nosso povo

Serão perguntados
sobre o que fizeram
quando
a pátria se apagava
lentamente,

como uma fogueira doce,
pequena e só.

Não serão interrogados
sobre os seus trajés,
nem acerca das suas longas
sestas
após o almoço,
tão pouco sobre os seus estéreis
combates com o nada,
nem sobre sua ontológica
maneira
de chegar às moedas.
Ninguém os interrogará





acerca da mitologia grega,
nem sobre o asco
que sentiram de si,
quando alguém, no seu fundo,
dispunha-se a morrer
covardemente.

Ninguém lhes perguntará
sobre suas justificativas
absurdas,
crescidas à sombra
de uma inegável mentira.

Nesse dia virão
os homens simples.
Os que nunca couberam
nos livros e versos
dos intelectuais apolíticos,
mas que vinham todos os dias
trazer-lhes o leite e o pão,
os ovos e as tortilhas,
os que costuravam a roupa,
os que manejavam os carros,
cuidavam dos seus cães e jardins,
e para eles trabalhavam,
e perguntarão,

“Que fizestes quando os pobres
sofriam e neles se queimavam,
gravemente, a ternura e a vida?”

Intelectuais apolíticos
do meu doce país,
não podereis responder nada.

Um abutre de silêncio vos devorará
as entranhas.

Vos roerá a alma
vossa própria miséria.

E calareis,
envergonhados de vós próprios.

Viúvo do mundo

Companheiros meus,
eu cumpro meu papel
lutando
com o melhor que tenho.
Que lástima que tenha
vida tão pequena
pra tragédia tão grande
e para tanto trabalho.

Não me pesa deixá-los.
Com vocês fica minha esperança.

Vocês sabem,
teria gostado de
chegar até o final
de todas essas intensas tarefas
com vocês,
em meio a júbilo
tão alto. Só imagino
e já não quero partir.
Mas eu sei, obscuramente
me diz o sangue
com sua tímida voz,
que muito em breve
ficarei viúvo do mundo.

Poética

Bela encontra a vida
quem a constrói bela.
Por isso amo em ti
o que tu amas em mim:
a luta pela construção
da beleza de nosso planeta.





JACQUES ROUMAIN (Haiti, 1907-1944)



Roumain, apesar de vir de uma família abastada, foi uma das mais fortes vozes expondo o sofrimento dos campesinos do Haiti. Com uma produção relativamente pequena, Jacques é um dos escritores haitianos mais influentes do século XX, encarnando o orgulho nacional e a luta contra a repressão governamental. É reconhecido como uma das vozes que contibuíram para revelar o Caribe e definir seus valores e expressões. Em 1927, uniu-se aos que lutavam contra a ocupação estadunidense, o que acarretou na sua prisão em 1928 e 1929. Nesse mesmo período publica seus poemas na “Revista Indígena” que articulava a autenticidade haitiana e a voz nacionalista

contra o domínio estadunidense. Viaja com o amigo antropólogo, Alfred Metraux, pelo Haiti rural, documentando suas tradições religiosas, que vai resultar no famoso livro “Vudú no Haiti”. Participou da criação do Partido Comunista Haitiano, pelo que foi novamente preso, desta vez por três anos. Ao ser liberto, exilou-se nos Estados Unidos e Europa, retornando em 41. Escreveu quase todos os gêneros literários e travou grande amizade com o poeta cubano, Nicolás Guillén. É de um verso seu (“condenados da terra”) que Frantz Fanon irá retirar o célebre título de seu livro contra o colonialismo. Aos 37 anos, morreu de causas ainda desconhecidas.

África...

(a partir de tradução para o espanhol de José M. Valverde)

Tenho guardado tua recordação.
África, estás em mim
como a farpa na ferida,
como um fetiche tutelar no meio da aldeia.
Faça de mim a pedra de sua funda,
de minha boca os lábios de sua chaga,
de meus joelhos as colunas quebradas
de tua humilhação



No entanto,
não quero ser mais do que de vossa raça,
operários camponeses de todos os países...
operário branco de Detroit, peão negro do Alabama.
Povo inumerável das galés capitalistas,
o destino nos ergue ombro a ombro
e renegando o antigo malefício
dos tabus do sangue
pisamos os escombros de nossas solidões.

Se a torrente é fronteira
arrancaremos das barrancas sua cabeleira impossível de conter
Se a serra é a fronteira
romperemos a mandíbula dos vulcões
que reforçam as Cordilheiras
e a planície será a esplanada da aurora
onde reuniremos nossas forças esquartejadas
pela astúcia de nossos patrões.
Como a contradição dos traços
se resolve na harmonia do rosto
proclamamos a unidade do sofrimento
e da rebelião
de todos os povos em toda a superfície da
terra
e no pilão dos tempos fraternais
misturamos a massa
no pó dos ídolos.



FÉLIX MORISSEAU-LEROY (Haiti, 1912-1998)



Félix foi o primeiro a escrever poesias e peças na língua crioula do Haiti. Após longa campanha através da literatura e da expansão do uso do Criolo em escolas, em 1961, conseguiu com que ela se tornasse língua oficial do país. Foi o patrono do movimento do Renascimento Criolo, traduzindo Antígona para essa língua, adaptando os personagens segundo a cultura haitiana. Foi expulso do país pelo regime autocrático de Papa Doc, indo para França, onde conheceu grandes expoentes do movimento negro internacional, como Aimé Césaire e Leopold Senghor. Ensinou durante anos em Gana e Senegal e terminou sua vida em Miami, onde há uma grande comunidade haitiana.

Assim ocorreu

Jesuscristo tinha que morrer.

Apesar de tudo tinha que morrer
ainda que Pilatos dissesse que não
Caifás insistia tanto
que chegou a condenar o Homem
que vinha dias sem comer
e estava tão fraco
que ao subir ao Monte das Oliveiras
com duas madeiras no ombro
ia de tombo em tombo.

Pilatos o olhava com compaixão
e também os soldados romanos olhavam
foi então que por ali passou um homem
Simão de Cirene¹
um negro forte, como Paul Robeson², passou por ali
olhou aquilo como só os negros sabem olhar.
Pilatos sentiu o que o negro tinha em seu coração
e aos soldados fez um sinal
todos se lançaram sobre Simão
e com força o espancaram.
Logo lhe disseram: toma a cruz e a carrega.



Simão tomou a cruz.
A tomou da mão do branco.
Se pôs a correr com ela.
Se pôs a cantar.
Se pôs a dançar.
Dançou cantou
e se foi correndo até lá em cima
deixando para trás todos.
Regressou cantou dançou
fez girar a cruz sobre sua cabeça
a jogou aos ares
a pegou
a cruz ficou dançando sozinha no ar.
A gente gritou milagre
e quando caiu a cruz
Simão a tomou
dançou muito com ela
antes de devolvê-la a Jesus.
Desde então
quando é muito pesada uma cruz
quando algo pesa demais
para as forças de um branco
chamam a um negro para que carregue.
Depois dançamos cantamos
tocamos o tambor
tocamos o bambu.
Nossa costa é muito grande.
Carregamos a cruz, carregamos o fuzil,
carregamos o canhão
ajudamos o branco
carregamos os crimes
carregamos os pecados
carregamos por todos.

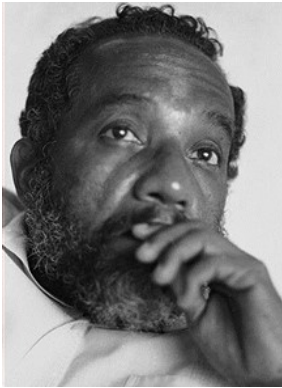
1: Simão de Cirene foi obrigado pelos soldados romanos a carregar a cruz de Jesus Cristo até ao Gólgota, o local onde Jesus foi crucificado.

2: Paul Leroy Bustill Robeson (EUA, 1898-1976) foi um renomado ator e ativista. Foi o primeiro ator negro a interpretar o Otelo, de Shakespeare, na Broadway. No auge de sua fama, lutou contra o fascismo e o racismo. Adepto dos ideais socialistas, foi perseguido pelo Macartismo e investigado pelo FBI.





RENÉ DEPRESTE (Haiti, 1926)



René é considerado uma das mais proeminentes figuras da literatura haitiana. Membro do Partido Comunista Haitiano, dirigiu movimentações revolucionárias dos estudantes em 1946 que, junto a diversas greves, levaram à deposição do presidente Élie Lescot. Por essas ações foi preso e exilado. Seguiu seus estudos de Literatura e Ciência Política em Sorbonne, na França, onde conheceu os poetas surrealistas e intelectuais do movimento negro. Foi ativo nos movimentos de descolonização na França, pelo que foi expulso. Percorreu, então, diversos países como Áustria, Chile, Argentina, Brasil. Viveu muitos anos em Cuba, onde ocupou diversos cargos do governo. Aos poucos desenvolve críticas ao governo castrista e acaba rompendo relações, abandonando também o comunismo, mas ainda se posicionando como intelectual de esquerda.

Hegel no Caribe

Papá Hegel é seiva soberana
na árvore da filosofia:
suas germanas palavras de filósofo
ainda viajam triunfantes
em torno dos seres, das aves
e das coisas belas da vida,
enquanto seu faro segue cego
ao naufrágio dos Negros do mar
Caribe.

Acaso, por isto o mar
é um poeta trágico?
Papá Hegel se sabe de memória,
como sua escrivanhinha, a dialética
do ser e parecer na sociedade
de plantação: amo e escravo
colono/indígena
santo cristão/loa vudu
francês/criolo
branco/negro/mulato
não obstante suas palavras formam

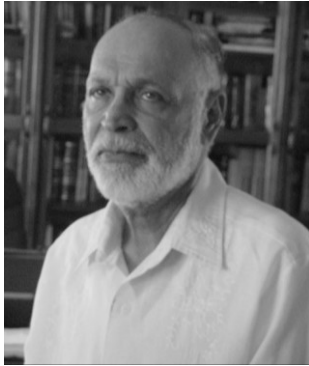
sombras em torno
dos problemas da máscara e da
verdade.

Acaso por isto minha vida
não é escada de cristal?
Papá Hegel tem fortes mãos
videntes
de carpinteiro para iluminar a
giorno*
leis e segredos da grande história
das humanidades, mas não tem
olhos de irmão
para as veias que correm,
enlouquecidas,
desoladas, pelo bosque da
desventura negra.
Acaso por isto, minha negra,
comemos e bailamos na cozinha
quando é noite de festa no
Ocidente?

*dia, em italiano



ROBERTO SOSA (Honduras, 1930-2011)



Roberto Sosa viveu sempre a desigualdade na própria carne. De uma família com poucos recursos, passou toda sua vida sobrevivendo de seu trabalho literário. Sempre esteve ao lado dos miseráveis de sua terra e sua literatura, coerentemente, expõe essa posição. É considerado o mais prestigiado poeta de Honduras e um dos mais relevantes da América Central, sendo o primeiro poeta das Américas a ganhar o prêmio Adonáis, da Espanha, em 1968.

Os pobres

Os pobres são muitos
e por isso
é impossível esquecê-los.

Seguramente
vêm
nos amanheceres
múltiplos edifícios
onde eles
gostariam de habitar com seus filhos.

Podem
levar nos ombros
o féretro de uma estrela.

Podem
destruir o ar como aves furiosas,
nublar o sol.

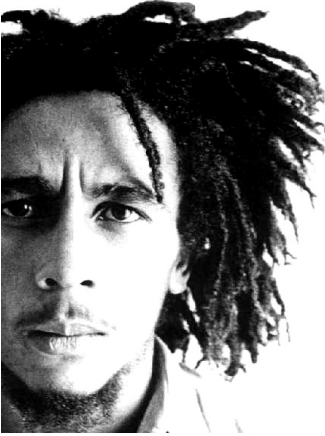
Mas desconhecendo seus tesouros
entram e saem por espelhos de sangue
caminham e morrem devagar.

Por isso
é impossível esquecê-los.





BOB MARLEY (Jamaica, 1945-1981)



Foi o maior músico de reggae de todos os tempos. Grande parte de suas composições versavam sobre os problemas dos pobres e oprimidos. O cantor jamaicano tornou-se símbolo de resistência e luta dos negros a partir de suas músicas com forte conteúdo político. Com o Reggae e o Rastafarianismo, Marley criou não apenas um estilo musical mas uma forma de ação política que, segundo ele próprio, deveria contribuir para mudar a mente dos oprimidos. A África e seus problemas, como a miséria, guerras e o domínio europeu também foram

centro de assunto das suas músicas, por se tratar da terra sagrada dos rastafári. Bob morreu de câncer aos 36 anos.

Levante, Resista

Levante, resista: lute pelos seus direitos!
Levante, resista: não desista da luta!

Vai procurar o seu aqui na terra
E agora que você enxerga a luz
Lute pelos seus direitos

Pastor, não me diga,
Que o paraíso está embaixo da terra
Você não sabe quanto
A vida realmente vale
Nem tudo que brilha é ouro
Só metade da história foi contada
E então agora que você enxergou a luz, eh!
Lute pelos seus direitos. Vamos lá!

Estamos cheios e cansados do seu
jogo de ismos -
Morrer e ir pro céu em nome de
jesus, senhor.
Nós sabemos e entendemos:
O deus poderoso é um homem vivo.
Vocês podem enganar algumas
pessoas algumas vezes,
Mas não podem enganar a todos o
tempo todo.

A maioria das pessoas pensa
Que o grande deus vai surgir dos céus
Levar tudo
E fazer todo mundo se sentir elevado
Mas se você sabe o quanto vale a vida

Então agora que você enxerga a luz
(O que você vai fazer?),
Vamos lutar por nossos direitos!
(Yeah, yeah, yeah!)

Então é melhor:
Levante, Resista!
Lute pelos seus direitos!





CLAUDE MCKAY (Jamaica, 1889-1948)



McKay, de antepassados dos povos Ashanti e Malgache, escreveu seu primeiro livro de poemas em dialeto patois em 1912. Logo emigrou para os Estados Unidos para estudar Agronomia, que abandonou, indo morar em Nova York. Foi um fervoroso militante socialista e promotor dos direitos do povo negro, convertendo-se num dos principais expoentes do Renascimento do Harlem, movimento cultural em que floresceram novas expressões culturais afro-americanas. Foi um dos fundadores da organização revolucionária semi-secreta, a Irmandade de Sangue Africana.

Pária

Por regiões escuras de onde meus pais saíram,
meu espírito, em cativo neste corpo, anseia.
Sentia palavras, mas nunca escutei, meus lábios se emoldurariam;
minha alma cantava canções de selvas esquecidas.
Gostaria de voltar à escuridão e à paz,
mas o grande mundo ocidental me mantém remunerado,
e nunca posso esperar uma libertação completa
enquanto a seus deuses distantes dobro meus joelhos.
Algo em mim se perdeu, perdido para sempre,
algo vital saiu de meu coração,
e tenho que caminhar o caminho da vida de um fantasma
entre os filhos da terra, uma coisa a parte;
porque eu nasci distante do meu clima nativo,
sob a ameaça do homem branco, fora do tempo.



ROSÁRIO CASTELLANOS (México, 1925-1974)



Rosário Castellanos foi uma poeta, narradora e autora mexicana. Junto com os outros membros da Geração de 1950 (os poetas que escreveram após a Segunda Guerra Mundial, influenciados por César Vallejo), ela foi uma das mais importantes vozes literárias do México do século XX. Ao longo de sua vida, ela escreveu sobre questões de opressão cultural e de gênero, e seu trabalho tem influenciado a teoria feminista e os estudos culturais. Embora ela tenha

morrido jovem, abriu a porta da literatura mexicana para as mulheres e deixou um legado que ainda ressoa hoje.

Economia doméstica

Aqui está a regra de ouro, o segredo da ordem:

ter um lugar para cada coisa

e ter

cada coisa em seu lugar. Assim arrumei minha casa.

Impecável prateleira a dos livros:

um compartimento para as novelas,

outro para o ensaio

e a poesia em tudo mais.

Se abres um armário sentes a alfazema

e não confundirás as toalhas de linho
com as que se usam cotidianamente.

E há também a louça de grande ocasião

e a outra que se usa, se quebra, se repõe
e nunca está completa.

A roupa em sua gaveta correspondente.

E os móveis guardando as distâncias

e a composição que os faz harmoniosos.

Naturalmente que a superfície

(do que seja) está polida e limpa.





E é também natural
que o pó não se esconda nos cantos.
Mas há algumas coisas
que provisoriamente coloquei aqui e ali
ou que deixei no lugar dos utensílios.
Algumas coisas. Por exemplo, um pranto
que não se chorou nunca;
uma nostalgia de que me distraí,
uma dor, uma dor da qual se apagou o nome,
um juramento não cumprido, uma ânsia.

Que se desvaneceu como o perfume
de um frasco mal fechado
e retalhos do tempo perdido em qualquer parte.
Isto me inquieta. Sempre digo: amanhã...
e logo esqueço. E mostro às visitas,
orgulhosa, uma sala na qual resplandesce
a regra de ouro que me deu minha mãe.

Meditação no umbral

Não, não é a solução
atirar-se debaixo de um trem como a Ana de Tolstoy
nem consumir o arsênico de Madame Bovary
nem aguardar na planície solitária de Ávila a visita
do anjo com a flecha
antes de amarrar o manto à cabeça
e começar a atuar.

Nem concluir as leis geométricas, contando
as vigas da cela de castigo
como o fez Sor Juana. Não é a solução
escrever, enquanto chegam as visitas,
na sala de estar da família Austen
nem fechar-se na mansarda
de alguma residência da Nova Inglaterra
e sonhar, com a Bíblia dos Dickinson,
debaixo de uma almofada de solteira.

Deve haver outro modo que não se chame
Safoni Mesalina nem María Egipcíaca
nem Madalena nem Clemencia Isaura.





Outro modo de ser humano e livre.
Outro modo de ser.

Kinsey Report

1

— Se sou casada? Sim. Isto quer dizer que se produziu uma ata em algum escritório e que se tornou amarela com o tempo e que houve cerimônia em uma igreja com padrinhos e tudo. E o banquete e a semana inteira em Acapulco.

Não, já não posso mais usar meu vestido de bodas. Ganhei peso com os filhos, com as preocupações. Você sabe, elas não faltam.

Com frequência, que posso predizer, meu marido faz uso de seus direitos ou, como ele gosta de chamar, paga o débito conjugal. E me dá as costas. E ronca. Eu resisto sempre. Por decoro. Mas, sempre também, cedo. Por obediência.

Não, não gosto de nada.
De qualquer modo não deveria gostar porque eu sou decente e ele é tão material!

Além do mais, me preocupa outra gravidez. E esse ofegar forte e o chiado das molas da cama podem despertar as crianças que não dormem depois até a madrugada.

2

Solteira, sim. Mas não virgem. Tive um primo aos treze anos.

Ele de quatorze e não sabíamos nada. Me assustei muito. Foi com um doutor



que me deu algo e não teve consequências.

Agora sou datilógrafa e algumas vezes saio a passear com amigos. Vou ao cinema e a jantares. E terminamos a noite em um motel. Minha mãe não sabe.

De início me dava vergonha, me humilhava que os homem me vissem desse modo. Depois, que me negassem o direito a me negar quando não tinha vontade porque me tinham taxado de puta.

E nem sequer cobro. E nem sequer posso ter caprichos na cama. São todos uns tais. Por que motivo faço isso? Porque me sinto sozinha. Ou me aborreço.

Oras, não vê você? Estou envelhecendo. Já perdi a esperança de casar e prefiro uma ou outra cicatriz a ter a memória como um cofre vazio.

3
Divorciada. Porque ele era tão mula como todos. Conheço muitos outros. Por isso é que comparo.

De quando em quando eu dou umazinha para não me tornar uma histérica.

Mas tenho que dar um bom exemplo às minhas filhas. Não quero que seu destino se pareça com o meu.

4
Tenho oferecido a deus esta abstinência, por caridade, não entremos em detalhes! Às vezes sonho. Às vezes desperto molhada e me dá um trabalho dizer ao confessor que, outra vez, caí porque a carne é fraca.



Já parei de ir ao cinema. A escuridão ajuda
e a aglomeração nos elevadores.

Acreditavam que me deixariam louca
mas me estava atendendo um médico. Massagens.

E me sinto melhor.

5
Aos indispensáveis (como eles se acreditam)
você pode jogar no lixo,
como fizemos nós.

Minha amiga e eu nos entendemos bem.
E a que manda é terna, como compensação;
assim como também a que obedece
é coquete e tem suas revanches.

Vamos a muitas festas, viajamos sempre
e no hotel pedimos
um só quarto e uma só cama.

Eles nos enganam mas nós também
enganamos eles e ficamos sozinhas.

Quando nos aborrecermos de estar sozinhas
alguma das duas vai agenciar um filho.

Não, não dessa maneira! No laboratório
se inseminação artificial.

6
Senhorita. Sim, insisto. Senhorita.
Sou jovem. Dizem que não feia. Caráter
suportável. E um dia
virá o Príncipe Azul, porque pedi
como um milagre a Santo Antônio. Então
vamos ser felizes. Apaixonados sempre.



Que importa a pobreza? E se é bêbado,
o arranco do vício. Se é mulherengo,
eu vou sempre me manter tão atraente,
tão atenta a seus gostos, tão boa dona de casa,
tão prolífica mãe
e tão extraordinária cozinheira,
que se tornará fiel como prêmio a meus méritos,
sendo que o maior é a paciência.

O mesmo que meus pais e os de meu marido,
celebraremos nossas bodas de ouro
com grande missa solene.

Não, não tenho namorado. Não, nenhum
ainda. Amanhã.

(Fonte: Mulheres pela democracia: Relatório Kinsey)

Poesia não é você

Porque se você existisse
Eu teria que existir também. Isso é mentira.

Não há nada mais que nós mesmos: o casal,
os sexos conciliados em um filho,
as duas cabeças juntas, mas não contemplando-se
(para não converter ninguém em um espelho)
Senão olhando para a frente, até o outro.

O outro: mediador, juiz, equilíbrio
entre opostos, testemunha,
nó em que se amarra o que se havia partido.

O outro, a mudez que pede voz
ao que tem a voz
e reclama o ouvido do que escuta.

O outro. Com o outro
a humanidade, o diálogo, a poesia, começam.





LEOPOLDO AYALA (México, 1939)



Integrante do Conselho Nacional de Greve em 1968, hoje toma parte no Comitê de 68. Seu poema “Eu acuso” fez história no movimento estudantil mexicano, referindo-se ao

Massacre de Tlatelolco, durante a tarde e noite de 2 de Outubro de 1968. Até hoje, o verdadeiro número de mortos permanece incerto: algumas fontes apontam para mais de mil mortos, mas a maioria delas aponta para um número entre 200 e 300. Um grande número de pessoas ficou ferido e foram feitas milhares de detenções. Toda a poesia de Leopoldo mostra um profundo senso contestatário, carregando ideais de liberação e luta social.

Eu acuso

Cada dia esforço mais a idade que aumentam meus ossos.

Cada dia meus dentes tomam por força a palidez que suporta
meu rosto
sem queixar-se.

Cada dia meu corpo ferra o lodaçal
o gosto de morrer em seu feitiço de cova
e é suor violento.

E é como se as mãos apesar da guerra delirante do tato
não temessem estar grávidas
- cheias de espinhos e feitas de alambrados -
de um produto masculino que cumprisse o extremo chorado pelos
olhos.

Esmaga a miséria
e a ofensa ensandecida ao pedaço que basta para viver.
Esmaga a ordem e a insígnia e a roseta pelada de remover
a pele.
Esmaga o cerco topado pelo chumbo..





Levo comigo a batalha de 629 jovens que haviam cessado de ressuscitar.
Meus pulsos se dobram morrendo na trincheira de seus gestos.
Levo comigo os corpos infantis rasgados contra as lajotas e que regressou o vento.
O sangue de seus corpos rasgados contra as lajotas, que ele que sabe do sabor do crime não se pode fundir na porosidade do asfalto.

Tlatelolco pisoteia a frente e degola a cabeça que estremecem os gritos.

E eu acuso.

Eu acuso aos ouvidos de gruta ressonante convertidos em pontes, feitos de um punho, surdos à vida que lançam os agonizantes.

Eu acuso às miras exatas, idiotas de nascimento crendo tomar partido de perdoar à natureza, vomitando vivamente sua profecia de antropofagia.

Eu acuso aos muros que erraram o futuro e foram a agonia, fazendo núpcias entre a luz pétrea da granada e as costas rodeadas de carne adolescente.

Eu acuso o cimento onde se cumpriram as portas da morte de boca pra baixo, e os sótãos sepulcrais de enterrados vivos. e bramidos de cervos.

Eu acuso à fossa comum e aos incineradores e à piedade sobre os olhos;
eu acuso a cova como um lobo sobre a esperança e sempre apenas em busca de sua imagem completa.





Ai, ouço
e alguma vez virá ao campo o odor do jaguar por seu mesmo
sangue,
o mesmo Deus com sua cara de ídolo e sua tela de luxúria e todas
suas verdades,
pelo dois de outubro que quis ser dois de novembro
mexicano.

Eu acuso o dois de outubro.

Eu acuso os louros do poeta
porque faz muito que a poesia carece de flores
e se forma no grito e na coagulação do sangue
que é a morte do sangue.

Eu acuso as páginas dos jornais,
vá um carcereiro para despedir a recordação enorme e terrível
e arrumar a época de novo.

Eu acuso as igrejas
porque te bendigo irmão e te maldigo na expressão do ouro,
e não te sobram cabelos porque sucede que a divindade se encerra
e Pedro nega;
e vê!
e não te glorifica o Agnus Dei da Páscoa.

Eu acuso os projetos sobre o escritório e sobre o ruído da cadeira
executiva
parafusada como emboscada e desesperança.
Eu acuso o edifício seco de pedra onde se renova a palavra
legal
e o último pensamento e o grito que disse: "o responsável sou
eu"
e a garganta e a língua e o casal que o inventa
e o fez possível.



Eu acuso a lista de desaparecidos, os projéteis, os
veículos,
os frigoríficos, os feridos com sua carga,
concentração 68;
e tudo o que vai de cheio ao golpe.

Eu acuso os cárceres e as celas duras como estampidos de
morteiro
para dar cabo dos perseguidos
e não agrandá-los e não escondê-los.

Eu acuso meu país por não lançar seus corpos
como facas afiadas
e acometer como mariposas feridas pelas ruas.

Eu acuso tudo o que virá se a mim só o ódio esculpe
perfurações
e as acende,
e porque roda castelos de foguetes da infâmia.
Eu acuso.

Eu acuso.
Eu acuso meu século onde se dança.
Eu acuso meu século onde se bebe.
Eu acuso meu século onde se faz o amor voraz em dez
minutos.
Eu acuso meu século onde se empilham os vivos
e se abrem as comportas que queimam as pálpebras
e se grita aos mortos
e se mata e se derruba o homem.

México, 1968



CARLOS MEJÍA GODOY (Nicarágua, 1943)



Carlos Mejía Godoy e seu irmão, Luis Enrique Godoy, são músicos, compositores e cantores. Foram o pivô do movimento da Canção Nova na América Central, na década de 70. São aclamados pelo povo nicaraguense e, recentemente, foram honrados com a maior distinção cultural de seu país, a Ordem de Rubén Darío. Carlos começou sua carreira na rádio, onde compunha canções diárias que

ridicularizavam, com maestria, os políticos. Muitas de suas músicas, performadas pela banda "los de Palacagüina", foram associadas ao movimento Sandinista, inclusive algumas davam instruções de como usar, montar e desmontar rifles capturados do ditador. Rompe com a Frente Sandinista quando percebe seu movimento de amoldamento à ordem e sai candidato, em 2006, a vice-presidente pelo Movimento de Renovação Sandinista (MRS).

Eu sou de um povo simples

Eu sou um povo pequeno, pequeno como um pardal
com meio século de sonhos, de vergonha e de valor.

Eu sou um povo simples, como a palavra João

Como o amor que te entrego, como o amor que me dão.

Eu sou de um povo nascido entre fuzil e cantar
que de tanto ter sofrido tem muito que ensinar.

Irmão de tantos povos de que querem nos separar
porque sabem que ainda que pequenos, juntos somos um vulcão.

Eu sou de um povo que é poeta e seus versos escrevo
nos muros e nas portas com sangue, raiva e amor.

Eu sou de um povo orgulhoso, com mil batalhas perdidas.

Sou de um povo nascido, entre fuzil e cantar
Que de tanto ter sofrido tem muito que ensinar.

Irmão de tantos povos de que querem nos separar
porque sabem que ainda que pequenos, juntos somos um vulcão.

Eu sou de um povo recente, mas antigo em sua dor
analfabeta minha gente, meio século em rebelião.

Eu sou o povo que um menino em Niquinohomo sonhou.

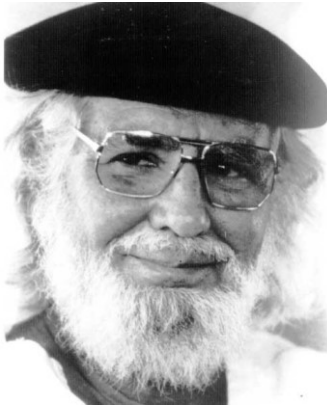
Sou do povo de Sandino e Benjamin Zeledon.

Eu sou de um povo simples, fraterno e amigo que semeia e
Defende... sua revolução...





ERNESTO CARDENAL (Nicarágua, 1925)



Ernesto Cardenal é, talvez, o poeta vivo mais importante da América Latina. Sempre envolvido com as lutas políticas de seu país, a Nicarágua, ordenou-se padre e depois foi afastado pela igreja católica por causa de seu envolvimento com os sandinistas. Com a chegada dos sandinistas no poder, Cardenal assume o cargo de ministro da cultura mas tempos depois renuncia e se afasta do 'partido' alegando seu esclerosamento e amoldamento à ordem. Passa a participar, desde então, do Movimento de Renovação

Sandinista do qual também faz parte Carlos Mejía Godoy, cantor revolucionário da Nicarágua. "Acredito que seria mais desejável um autêntico capitalismo do que essa falsa revolução." (Cardenal sobre o governo de Ortega da FSLN). Enquanto foi ministro da cultura, desenvolveu as Oficinas Populares de Poesia: eram células de criação e discussão coletiva da produção poética dos jovens radicalizados na luta: operários, artesãos, estudantes, vendedores de rua. O propósito era que a poesia fosse um veículo de expressão artística possível, revolucionária e popular, criando uma nova dinâmica entre progresso artístico e progresso social. Essa iniciativa foi pouco valorizada pela FSLN. Vive na comunidade de Solentiname, que ele criou no arquipélago do lago principal da Nicarágua.

Quando receba o nomeamento

Quando receba o nomeamento,
o prêmio, a promoção,
pense nos que morreram.

Quando estás na recepção,
na delegação, na comissão
pense nos que morreram.

Quando ganha a votação,
e o grupo te felicita,
pense nos que morreram.

Quando te aplaudem ao subir na
tribuna dos dirigentes,
pense nos que morreram.

Quando chegam para te encontrar
no Aeroporto da grande cidade,
pense nos que morreram.

Quando te aproximam o microfone,
e te foca a televisão,
pense nos que morreram.





Quando você é o que dá os
certificados,
as cédulas, a permissão,
pense nos que morreram.

Quando chega a você a velhinha
com seu problema do terreninho,
pense nos que morreram.

Os veja sem camisa, arrastados,
sangrando, com capuz,
arrebetados, rebatizados nas pias,

picados, o olho saltado,
degolados, cravejados,
lançados à beira da estrada,
em valas que eles cavaram,
em fossas comuns,
ou simplesmente sobre a terra
adubo de plantas do campo:

Você os representa .

Eles delegaram a você,
os que morreram.

As riquezas injustas (Lucas 16, 9)

E sobre as riquezas, pois sejam justas ou injustas,
os bens bem ou mal adquiridos:

Toda riqueza é injusta.

Todo bem,
mal adquirido.

Se não por ti, por outros.

Tu podes ter a escritura correta. Mas
comprastes a fazenda de seu legítimo dono?

E ele a comprou de seu dono? E o outro...? Etc, etc.

Poderias remontar a escritura até a escritura real
mas

foi do Rei alguma vez?

Não se tirou alguma vez de alguém?

E o dinheiro que recibes legitimamente agora
de teu cliente, do Banco, do Tesouro Nacional

ou do Tesouro dos EUA

não foi alguma vez mal adquirido? Mas

não creias tampouco que no Estado Comunista Perfeito
as palavras de Cristo já estarão antiquadas

E Lucas 16,9 já não terá validade

E já não serão INJUSTAS as riquezas

E já não terás a obrigação de repartir as riquezas.



Salmo Número 5

Escuta minhas palavras oh Senhor
Ouve meus gemidos
Escuta meu protesto
Porque não eres tu um Deus amigo dos ditadores
Nem partidário de sua política
Nem te influencia sua propaganda
Nem está em sociedade com o gangster.

Não existe sinceridade nos discursos deles
Nem em suas declarações à imprensa.

Falam de paz em seus discursos
Enquanto aumentam sua produção de guerra

Falam de paz em Conferências de Paz
E em segredo se preparam para a guerra.

Seus rádios mentirosos rugem toda a noite

Seus escritórios estão cheios de planos criminais
E expedientes sinistros
Mas tu me salvarás de seus planos.

Falam com a boca das metralhadoras
Suas línguas reluzentes
São as baionetas...

Os castigue oh Deus
Malogre sua política
Confunda seus memorandos
Impede seus programas.

Na hora da Sirene de Alarme
Tu estarás comigo
Tu serás meu refúgio no dia da Bomba.

Àquele que não crê na mentira dos anúncios comerciais deles
Nem em suas campanhas publicitárias, nem em suas campanhas políticas
Tu o bendizes
O rodeias com teu amor
Como com tanques blindados.





GIOCONDA BELLI (Nicarágua, 1948)



Gioconda Belli é uma das poetas nicaraguenses mais conhecidas dentro e fora de seu país. Ainda jovem se integrou às fileiras da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) na luta pela derrubada do governo ditatorial de Somoza. Foi correio clandestino, transportou armas, viajou pela Europa e América recolhendo recursos e divulgando a luta sandinista. E, claro, no meio de tudo isso, escrevia suas poesias. Com o triunfo da Revolução Nicaraguense, em 1979, ocupou vários cargos dentro do governo revolucionário. Com a posterior

burocratização do partido no poder, Gioconda se afasta da FSLN e passa a criticar duramente seu “endireitamento”. De início, a poesia de Belli, produzida no contexto da revolução nicaraguense, coloca grande ênfase na união dos nicaragüenses contra a tirania de Somoza, tratando o amor de um casal como metáfora da unidade sociopolítica e de gênero em oposição à tirania. Esse amor era “arma contra a opressão... o desejo dionisíaco que vence a morte, o desespero”. Belli apresentava, então, a mulher como a entidade destinada principalmente a dar amor, associada com o sentimental e com o passivo. Ela era a natureza e a paisagem nicaragüenses, a terra que esperava ser possuída pelo amante-guerrilheiro (ativo, forte e que domina o espaço público), dicotomia de gênero própria do universo patriarcal. Porém, Belli também já incluía em seus versos elementos inovadores da representação feminina, fissuras no discurso patriarcal que evidenciavam a negociação que a escritora fazia entre o tradicional e o novo. Com a vitória da revolução nicaraguense, essas fissuras vão aos poucos crescendo e uma nova identidade feminina vai se assumindo como voz dominante em sua poética, ainda que com recaídas próprias das tensões com o velho discurso. Belli realiza uma corajosa autocrítica do eu-feminino, reconhece o excessivo idealismo com que encarava as relações amorosas, passa a questionar abertamente a submissão da mulher e a defender que esta possa estabelecer seus próprios limites, suas próprias regras, o que realmente quer ou não quer no amor. Vista em sua totalidade, a poesia de Belli é um fantástico registro da trajetória do eu-feminino, com seus conflitos e contradições de identidade até uma consciência feminista. Um retrato bastante genuíno das latinoamericanas-lutadoras do século XX e começo do XXI, com seus acertos e também com sua incansável negociação com a opressão tradicional de nossa cultura machista e patriarcal.





Conselhos para a mulher forte

Se és uma mulher forte
te protejas das hordas que desejam
almoçar teu coração.

Elas usam todos os disfarces dos carnavais da terra:
se vestem como culpas, como oportunidades, como preços que se precisa
pagar.

Te cutucam a alma; metem o aço de seus olhares ou de seus prantos
até o mais profundo do magma de tua essência
não para alumbrar-se com teu fogo
senão para apagar a paixão
a erudição de tuas fantasias.

Se és uma mulher forte
tens que saber que o ar que te nutre
carrega também parasitas, varejeiras,
miúdos insetos que buscarão se alojar em teu sangue
e se nutrir do quanto é sólido e grande em ti.

Não percas a compaixão, mas teme tudo que te conduz
a negar-te a palavra, a esconder quem és,
tudo que te obrigue a abrandar-se
e te prometa um reino terrestre em troca
de um sorriso complacente.

Se és uma mulher forte
prepara-te para a batalha:
aprende a estar sozinha
a dormir na mais absoluta escuridão sem medo
que ninguém te lance cordas quando rugir a tormenta
a nadar contra a corrente.

Treine-se nos ofícios da reflexão e do intelecto.
Lê, faz o amor a ti mesma, constrói teu castelo
o rodeia de fossos profundos
mas lhe faça amplas portas e janelas.

É fundamental que cultives enormes amizades
que os que te rodeiam e queiram saibam o que és





que te faças um círculo de fogueiras e acendas no centro de tua habitação
uma estufa sempre ardente de onde se mantenha o fervor de teus sonhos.

Se és uma mulher forte
se proteja com palavras e árvores
e invoca a memória de mulheres antigas.

Saberás que és um campo magnético
até onde viajarão uivando os pregos enferrujados
e o óxido mortal de todos os naufrágios.
Ampara, mas te ampara primeiro.
Guarda as distâncias.
Te constrói. Te cuida.
Entesoura teu poder.
O defenda.
O faça por você.
Te peço em nome de todas nós

Não me arrependo de nada

Daqui, da mulher que sou,
às vezes me entrego a contemplar
aquelas que eu podia ter sido;
as mulheres primorosas,
modelo de virtudes,
trabalhadoras boas esposas
que minha mãe desejou para mim.

Não sei por quê
passei minha vida inteira me rebelando
contra elas
odeio suas ameaças em meu corpo
a culpa que suas vidas impecáveis
por um estranho feitiço,
me inspiram;

revolto-me contra seus bons ofícios,
os prantos noturnos sob o travesseiro,
às escondidas do marido
o pudor da nudez, por baixo da passada e engomada
roupa íntima.



Estas mulheres, no entanto,
olham-me do interior de seus espelhos,
levantam um dedo acusador
e, às vezes, cedo a seus olhares de reprimenda
e gostaria de ter a aceitação universal,
ser a “boa menina”, a “mulher decente”
a impecável Gioconda,
tirar dez em conduta
com o partido, o estado, as amizades,
minha família, meus filhos e todos os demais seres
que, abundantes, povoam este nosso mundo.

Nesta contradição invisível
entre o que deveria ter sido e o que é
travei numerosas batalhas mortais,
batalhas inúteis delas contra mim
– elas contra mim que sou eu mesma –

Com a “psique dolorida” despenteio-me
transgredindo ancestrais programações
desgarrando-me das mulheres internas
que, desde a infância, torcem o rosto para mim
pois não me encaixo no molde perfeito de seus sonhos,
pois me atrevo a ser esta louca falível, terna e vulnerável
que se apaixona feito puta triste
por causas justas, homens bonitos e palavras brincalhonas
pois, já adulta, atrevi-me a viver a infância proibida,
e fiz amor sobre escrivaninhas em horários comerciais
e rompi laços invioláveis e me atrevi a desfrutar
o corpo são e sinuoso com que os genes
de todos os meus ancestrais me dotaram.

Não culpo ninguém. Melhor, agradeço a eles pelos dons.
Não me arrependo de nada, como disse Edith Piaf.
Porém, nos poços escuros em que me afundo;
nas manhãs em que, ao entreabrir os olhos,
sinto as lágrimas fazerem força
apesar da felicidade
que finalmente conquistei



rompendo estratos e camadas de rocha terciária
e quaternária,
vejo minhas outras mulheres sentadas no vestíbulo
fitando-me com olhos doídos
e me culpe pela felicidade.

Irracionais boas meninas
rodeiam-me e desfilam suas canções infantis contra mim;
contra esta mulher
feita
plena
esta mulher de peitos em peito
e largos quadris
que, por minha mãe e contra ela,
eu gosto de ser.

Não se escolhe

Não se escolhe o país onde se nasce;
mas se ama o país onde se nasceu.

Não se escolhe o tempo para vir ao mundo;
mas se deve deixar pegada de seu tempo.

Ninguém pode fugir de sua responsabilidade.

Ninguém pode tapar os olhos, os ouvidos,
emudecer e cortar as mãos.

Todos temos um dever de amor a cumprir,
uma história por nascer
uma meta a alcançar.

Não escolhemos o momento para vir ao mundo.
Agora podemos fazer o mundo
em que nascerá e crescerá
a semente que trazemos conosco.



LEONEL RUGAMA (Nicarágua, 1949-1970)



“Que se renda tua mãe!” gritou um jovem insolente de apenas 20 anos em resposta a ordem de render-se proferida por um batalhão da guarda nacional da Nicarágua, armada de tanques e canhões. O garoto acompanhado de mais 2 companheiros (Róger Núñez Dávila, Mauricio Hernández Baldizón) resistiam durante muito tempo, o que fez com que uma multidão se aglomerasse ao redor da batalha desigual. Morreram todos, ali mesmo, assassinados pela ditadura nicaragüense. Era 1970, e o jovem insolente era Leonel Rugama, poeta e guerrilheiro. A foto acima foi tirada pouco antes de sua morte. Preparava-se para sair do país,

numa atividade da Frente Sandinista de Libertação Nacional da qual era militante. Rugama foi seminarista, mas abandonou tudo e foi para as montanhas, juntar-se à guerrilha, onde começou a escrever suas poesias. Sua poesia teve vida curta, mas marcou a história da Nicarágua e influenciou muitos poetas e lutadores na América Latina. Seu poema “A Terra é um satélite da Lua” é a poesia nicaragüense mais lida em todo o mundo.

A terra é um satélite da lua

A Apolo 2 custou mais que a Apolo 1
a Apolo 1 custou bastante.

A Apolo 3 custou mais que a Apolo 2
a Apolo 2 custou mais que a Apolo 1
a Apolo 1 custou bastante.

A Apolo 4 custou mais que a Apolo 3
a Apolo 3 custou mais que a Apolo 2
a Apolo 2 custou mais que a Apolo 1
a Apolo 1 custou bastante.

A Apolo custou um montão, mas ninguém percebeu
porque os astronautas eram protestantes
e lá da lua leram a Bíblia,
maravilhando e alegrando a todos os cristãos





e na sua volta o papa Paulo VI lhes deu a benção.

A Apolo 9 custou mais que todas juntas
junto com a Apolo 1 que custou bastante.

Os bisavós da gente de Acahualinca* tinham menos
fome que os avós.

Os bisavós morreram de fome.

Os avós da gente de Acahualinca tinham menos
fome que os pais.

Os avós morreram de fome.

Os pais da gente de Acahualinca tinham menos
fome que a gente dali.

Os pais morreram de fome.

A gente de Acahualinca tem menos fome que
os filhos da gente dali.

Os filhos da gente de Acahualinca não nascem por fome,
e têm fome de nascer, para morrer de fome.

Bem-aventurados os pobres
porque deles será a lua.

**Acahualinca: bairro muito pobre de Manágua; é também região turística por
possuir pegadas pré-históricas gravadas no barro.*

Biografia

Nunca apareceu seu nome
nas tábuas velhas da reserva escolar.
Ao abandonar definitivamente a aula
ninguém percebeu sua ausência.
As sirenes do mundo guardaram silêncio,
jamais detectaram o incêndio de seu sangue.
O grau de suas chamas





se fazia cada vez mais insuportável.
Até que abraçou com o ruído de seus passos
a sombra da montanha.
Aquela terra virgem o amamentou com seu mistério
cada brisa lavava seu ideal
e o deixava como criança branca desnuda,
trêmula, recém banhada.
Todo mundo careceu de ouvidos e o combate
onde começou a nascer
passou desapercebido.

Epitáfio

Aqui jazem

os restos mortais
de quem em vida
buscou sem alívio
uma
a
uma
tua cara
em todos
os ônibus urbanos.

Sandino

“Havia um nica¹ de Niquino²
que não era político
nem soldado”³
lutou em Las Segovias
e uma vez quando escreveu a
Froylán Turcios
lhe disse que se os ianques
por ironia do destino
matassem a todos seus
guerrilheiros
no coração deles
encontrariam o tesouro maior do
patriotismo

e que isso humilharia a galinha
que em forma de águia
ostenta o escudo dos norte-
americanos
e mais adiante lhe dizia
que de sua parte ao ver-se só (coisa
que não cria)
se colocaria ao centro de cem
quintais de dinamite
que trazia de suas pilhagens de
guerra
e que com sua própria mão daria
fogo
e que diriam todos a quatrocentos
quilômetros:

Sandino está morto.

1: maneira informal como chamam os nicaraguenses fora da Nicarágua...

2: cidade natal de Sandino.

3: Esse trecho está em aspas pois faz referência ao poema “Hora Zero” de Ernesto Cardenal.





RICARDO MORALES AVILÉS (Nicarágua, 1939-1973)



Ricardo encarnou o paradigma sandinista de intelectual revolucionário. Foi, junto com Carlos Fonseca, um lúcido intérprete da revolução nicaragüense, sendo não só um grande dirigente da Frente Sandinista de Libertação Nacional, como importante intelectual, mestre e estrategista. No seio de sua família sempre houve estímulo aos estudos. Consegue uma bolsa para estudar Psicologia e Pedagogia no México, onde desenvolve também suas inclinações para docência e para a escritura. Aproxima-se do pensamento de Sandino e de Marx. Regressa em 66 à Nicarágua disposto a assumir tarefas

políticas e militares, atuando clandestinamente. Em 68 o prendem, interrogam e torturam. É o início de uma nova etapa de sua vida que confirma sua coragem e convicção nos ideais pelos quais lutava. Converte o cárcere em espaço de formação e escritura. Escreve reflexões sobre a conjuntura e poemas de luta e amor-camaradagem para sua companheira Doris Tijerino. Depois de três anos preso, é libertado e torna-se membro da direção da FSLN, guiando a construção de um exército popular. Em setembro de 73, foi detido a poucos metros de um aparelho e executado pelo exército de Somoza.

Doria Maria, camarada

Venho, camarada, com as mãos cheias
de pó desta terra, sobre os ombros
carregando as dores deste povo.

Venho até ti
com a alma suando todo o ódio
porque alguém inventou a escravidão,
pegou sua arma
e alguém mais teve fome e frio
e começaram a morrer nossos irmãos,
nossos pais e nossos filhos.

Venho cantando
e há dores trançadas com a pele de meu corpo.





Tu me compreendes, camarada,
porque também te pesam estes crepúsculos
que nos caem por cima.

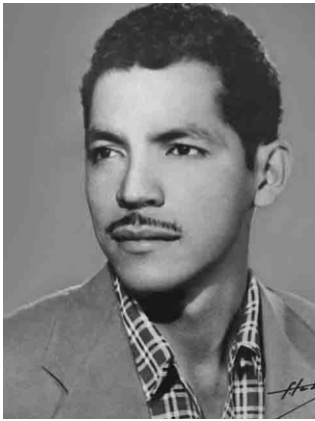
Venho jubiloso para juntar a tua cruzada
a audácia de meu braço forte.
A luta está difícil. E é preciso seguir
adiante a ladeira. Ladeira acima.
Tudo que anda direito
Tem em seu ser um sorriso e uma onça de chumbo.
Não há outra maneira de contar a a história.

O fuzil para todos,
Lágrimas, flores e recordações para todos.
É preciso seguir então,
A história tem um só sentido.
E há sempre e cada vez novas espadas
E uma velha maneira de levantar a cara.

É preciso mudar tantas coisas, camarada.
Primeiro o poder, a propriedade, nós mesmos,
E depois... ar fresco e milho para todos,
ar e flores para todos,
ternura para esquentar os pés desnudos,
uma canção, uma camisa,
luz para o caminho,
mãos para a produção e para o amor,
sinos, palavras
para o riso das crianças.
É preciso mudar tantas coisas. Por isto
Venho te pedir que nos dê uma mão.
Tanto como de ti se acumula em nosso esforço.
Mas aconteceu isto. A seguir o traço de teus
pés de terra nova, a iluminar-me com
o ardor da invenção de tua palavra.



RIGOBERTO LÓPEZ PÉREZ (Nicarágua, 1929-1956)



Rigoberto era aficcionado pelo mundo das letras o que o levou a estudar obras revolucionárias e conhecer batalhas como as travadas pelos cubanos em 1953, quando começaram sua luta libertadora que leva à revolução em 59. Nicarágua vivia tempos obscuros. A pobreza reinava e Anastasio Somoza García governava com punhos de ferro há 20 anos, enriquecendo às custas da nação. Nicarágua era o país das Américas com mais pessoas assassinadas pelas constantes ocupações estadounidenses. Essa situação desperta a consciência de Rigoberto, que troca os versos por uma arma e decide fazer justiça com suas próprias mãos em nome de todo um país oprimido. Espera a oportunidade certa e, no dia 21 de setembro, durante uma festa na Casa do Obreiro, dispara 5 tiros contra o peito do tirano. Recebe em resposta 54 balas. Antes, passou a tarde com sua mãe, entregou cartas a amigos e deixa uma para a mãe como testamento. Somoza morre oito dias depois no Panamá. O exemplo de Rigoberto se torna uma chama libertária, reconhecido pelo povo como um filho de Sandino. Seu gesto significou o princípio do fim da tirania na Nicarágua.

Confissão de um soldado

Uma bala me alcançou
Caí ao solo com uma oração,
Estou só e abandonado
No solo faço esta confissão.

É Nicarágua minha patria querida
É Nicarágua minha grande nação
É por ela que sangra minha ferida,
Que sangra a ferida de meu
coração.

Por ti seguirei lutando
A defendendo de cidade em cidade

Até ver em teu céu brilhando,
Brilhando o sol da liberdade.

As forças me faltam, me sinto
morrer.

Adeus oh patria minha,
Abaixo de teu céu eu quero sentir
Que teu sol esquentava minha tumba
fria.

Já que Deus dispôs
Que até aqui te tenha servido,
Outro homem ocupará meu posto
Até deixar o inimigo vencido.





TOMÁS BORGE MARTÍNEZ (Nicarágua, 1930-2012)



Tomás Borge foi um revolucionário, político, diplomata, escritor, poeta, comandante da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) e ministro do interior durante o primeiro mandato de Daniel Ortega no governo revolucionário vitorioso. Publicou vários livros, dentre os quais se destaca "A paciente impaciência" (Prêmio Casa de

las Américas 1989) e "Um grão de milho", uma das melhores e mais profundas entrevistas com Fidel Castro. Desde muito jovem se incorporou à luta revolucionária e antiimperialista e manteve seu ímpeto literário por algum tempo escondido. Foi fundador, junto a Carlos Fonseca, da FSLN e um dos Comandantes da revolução que em julho de 79 derrubou a ditadura de Somoza e impulsionou importantes transformações sociais na Nicarágua, apesar da posterior degeneração e amoldamento à ordem da Frente, seguidora, originalmente, da ideias libertárias de Sandino. Caiu preso por suas atividades revolucionárias e foi um dos libertos pela tomada do Palácio do Congresso Nacional em 22 de agosto de 1978. Morreu sendo embaixador da Nicarágua no Peru. Recebeu, postumamente, a máxima condecoração concedida pelo Exército da Nicarágua.

Minha vingança pessoal

Minha vingança pessoal será o direito de teus filhos à escola e às flores.
Minha vingança pessoal será entregar-te este canto florescido sem temores.

Minha vingança pessoal será te mostrar a bondade que há nos olhos de meu povo.
Implacável no combate sempre tem sido
E mais firme e generoso na vitória.





Minha vingança pessoal será te dizer
Bom dia, sem mendigos nas ruas
Quando ao invés de encarcerar-te proponha
Que sacuda a tristeza dos olhos.

Quando você – aplicador de tortura -
Já não possa levantar nem o olhar
Minha vingança pessoal será entregar-te
Estas mãos que uma vez você maltratou
Sem lograr que abandonassem a ternura.

E é que o povo foi o que mais odiou
Quando o canto foi linguagem de violência
Mas o povo hoje debaixo de sua pele
rubro-negra tem de pé o coração.

E é que o povo foi o que mais te odiou
Quando o canto foi linguagem de violência
Mas o povo hoje – debaixo de sua pele
rubro-negra tem de pé o coração.

Pode-se confiar nos traidores

Estou convencido
de que a lealdade existe
e em algumas consciências
é de mármore e de mel.

Se deve confiar nelas...

Também se pode confiar
nos traidores.

Não mudam nunca.



BERTALICIA PERALTA (Panamá, 1939)



Estudou pedagogia, jornalismo e relações públicas. Foi jornalista cultural e se inclinava para a crítica literária, música e teatro. Se especializou em poesia e contos e têm sua obra traduzida em vários países, recebendo diversas premiações internacionais. Sempre denuncia as injustiças e assume posturas anti-oligárquicas e anti-imperialistas, sendo recorrentes em seus poemas temas como miséria, classes sociais, discriminação social, racial, sexual, exploração. Bertalicia foi uma das pioneiras vozes feministas na América central.

A única mulher que pode ser

A única mulher que pode ser
é a que sabe que o sol para sua vida começa agora

a que não derrama lágrimas senão dardos para
semear alambrados de seu território

a que não roga
a que opina e levanta sua cabeça e agita seu corpo
e é terna sem vergonha e dura sem ódios

a que desaprende o alfabeto da submissão
e caminha erguida

a que não teme a solidão porque sempre esteve sozinha
a que deixa passar os gritos grotescos da violência

e a executa com graça
a que se libera no amor pleno
a que ama

a única mulher que pode ser a única
é a que dolorida e limpa decide por si mesma
sair de sua pré-história.





Fábula Sobre Usos e Serviços que as Mãos podem suprir

Se para trabalhar te bastam as
mãos
para comer te bastam as mãos
para lutar te bastam as mãos
para amar te bastam as mãos
para morrer te bastarão as mãos

pra que queres mais?

Fábula do Homem Novo

Não como o homem que pensa
Prevert*
que nada pode contra este mundo
em que somente o homem
enche os estômagos
não
como esse
que a duras penas
imagina
cabeças de bezerro
ou qualquer coisa
desde que seja
comestível

não
como esse
que move suavemente
as mandíbulas
porque - claro - entre elas

aperta apenas vento
não
como esse
de olhos
de mãos
de patas de cordeiro

não
como esse
que nada tem a perder
pois nada tem

senão
como este novo
que vai tomar o que é seu
o que sempre lhe pertenceu
e lhe foi usurpado
todos os frutos as carnes as águas
as flores
- que também
se pode
comer
as flores -

e sabe
que de agora em diante
destruirá
quem queira arrancar-lhe
seu destino

(Dialoga com o poema "Antes do meio
dia", de Jacques Prevert, que narra um
homem esfomeado)



DIANA MORÁN (Panamá, 1929-1987)



Diana cresceu e se formou nos bairros populares do Panamá. Desde cedo, envolve-se com as lutas estudantis dos secundaristas e dos universitários. Por ser uma destacada dirigente da Associação de Professores da República do Panamá, foi obrigada a exilar-se quando do golpe de Estado, em 1968, indo para Venezuela e depois México. Antiimperialista, anticolonialista e partidária de um sistema social sem exploradores, Diana pertenceu ao Comitê de Defesa da Revolução Cubana, grupo amplo em que participavam intelectuais, militantes de esquerda e

gente dos bairros populares. Diana militou no Partido do Povo, depois se aproximou da Vanguarda de Ação Nacional (VAN), e da Frente de Resistência Popular (FRP), que surge em 69 como resposta armada à repressão. O nascimento do Movimento de Libertação Nacional 29 de Novembro MLN-29 contou com a participação de Diana, onde permaneceu atuando até sua morte. *"A luta da mulher por sua liberdade não pode se dar (como o pretende o feminismo institucionalizado pelo capitalismo) separada da luta que travam os homens contra um sistema onde ambos são explorados. A participação unida e combatente contra o sistema é onde a mulher, sem evitar suas demandas particulares pode se liberar"*.

Estação da aurora X

No meio do caminho tinha uma pedra

Aí

na encruzilhada do ar

onde o passo

tinha que decidir manhãs

estava aí

como uma lágrima de rocha

transparente

como argamassa de braços e

peitos carbonizados

como menir* de namorados

interrogando luas

aí

tinha uma pedra no meio do caminho

Que bom foi encontrá-la

** menir: um monumento pré-histórico de pedra, cravado verticalmente no solo, usado como marco astronômico ou representando outros espíritos (totem).*





logo na intempérie
de uma luz estrangeira
tiritando nos dias
com os sapatos órfãos
e os pés se perguntando
que
onde
quando
até onde
Tinha uma pedra
que bom
tropeçar com ela
na sucessão festiva e ordinária
dos recortes jornalísticos
e ficar
como uma avó
que se olha e se chora de menina
porque algum pirralho
lhe tirou as marcas
e a flor e as árvores do bosque
Nunca me esquecerei deste acontecimento
Que bom
foi encontrá-la
golpear-se com ela
até cair de cabeça
nas profundidades da
decisão
e vir à tona
com a boca sangrando e cartazes
de amor
para dar os combates pela vida
Nunca me esquecerei de que no
meio do caminho
tinha uma pedra
Que bom foi
encontrá-la
tropeçar
cair
e levantá-la

no estouro das
manifestações
que exigem o lugar
a cara
a camisa
os quinze ou vinte anos dos filhos
e pô-la a caminhar
na direção dos nortes previstos
No meio do caminho tinha uma
pedra



CARMEN SOLER (Paraguai, 1924-1985)



Carmen foi professora, poeta e militante do Partido Comunista Paraguai. Foi várias vezes presa e exilada por lutar contra a ditadura de Alfredo Stroessner. Em seus poemas estão suas definições estéticas, seu compromisso, a nostalgia por sua pátria. Os poemas de 55, 60 e 68 contêm seu testemunho desde o calabouço. Carmen Soler raramente vai ser encontrada nos textos de história ou de crítica literária. Por vários motivos: em primeiro lugar, pelo feito de ter lutado toda sua vida contra uma das ditaduras mais profundas e cruéis de nossa

América, a do general Stroessner (1954-1989), com posições ideológicas revolucionárias. Sofreu, assim, cárcere, tortura, desterro. Naturalmente, a difusão de suas criações poéticas, fortemente ligadas às suas experiências de vida e a sua militância, foram bloqueadas pelo aparato repressivo do ditador fascista. Carmen também expressou-se nas artes plásticas, principalmente em pinturas.

Entre os muros fechados

Um pouco antes caminhavas
levando o ar azul contra a cara,
cumprindo tuas tarefas,
sentindo-se viver calidamente.

Depois, bem pouco depois,
torturadores, armas, golpes, sangue.
Uma porta de ferro e te tiraram a luz,
a dignidade do vento.

Passar esse momento é o difícil,
e tens pouco tempo,
o medo acossa.

Bem, aconteceu, estou aqui,
é preciso enfrentar isso como outros sempre
enfrentaram.





E assim volta a luz ao calabouço.
A humilhação termina,
a sensação tremenda de impotência acaba.
Ali, entre esses muros,
sobre esse piso sujo de salivas,
ratos, baratas e excrementos,
ali vês abrir-se
como uma flor bonita tua tarefa:
ganhar a grande batalha do silêncio!

Que arma poderosa teu silêncio!
Com teu silêncio afora seguem trabalhando
e tu com eles prossegue na tarefa.
Tua dignidade volta a te vestir como um traje;
termina a vergonha de ter sentido medo.
E te olhas de novo.
E levantas o rosto.

Então sabes
que tua pequena luta não é pequena,
que é uma parte da grande tormenta!
E sentes
que são os muros, as armas, impotentes.
Os torturadores
brutais com seu medo,
totalmente impotentes!

Que força tão tremenda
nossa força!

E assim é como descobres
essa bela maneira de renascer ali,
no calabouço.

Teus companheiros seguem trabalhando.
Você está realizando tua tarefa.
Uma semente mais está plantada
e seguem tremulando as bandeiras.



ELVIO ROMERO (Paraguai, 1926-2004)



Importante poeta paraguaio, Elvio, ainda jovem, abandona os estudos pra ajudar seu pai. A leitura de um caderno de sua mãe com poemas recortados e colados de diversos autores lhe permitiu a descoberta da poesia. Desde jovem se incorpora à vida literária de Assunção, participando de tertúlias literárias com ilustres expoentes das letras paraguaias. Por questões políticas, em 1947, teve que abandonar sua terra, contando só com 21 anos, fixando-se em Buenos Aires, onde desenvolveu sua atividade poética, denunciando as atrocidades contra seu povo. Viajou o mundo todo dando conferências, tornando-se a voz poética

paraguaia mais conhecida do mundo hispânico. Volta a sua terra com o fim da ditadura de Stroessner, obtendo em 1991 o Primeiro Prêmio Nacional de Literatura da História Paraguiaia.

Por quê?

Por que não devemos querer nós todos
o que nunca quisemos; por exemplo, uma casa
sobre o remanso de um rio,
com vitórias régias em seu costado,
com suas janelas em regozijo.

Por que não devemos escutar nós todos
o que a noite escuta; por exemplo, uma sombra
que nos sirva de abrigo,
que ali morra misteriosamente
assumindo a cor de seus domínios.

Por que não devemos pisar nós todos
o que jamais pisamos; por exemplo, uma vereda
com cheirosos cachos,
com uma fogueira que ali se acenda,
com grandes chuvas que nunca vimos.



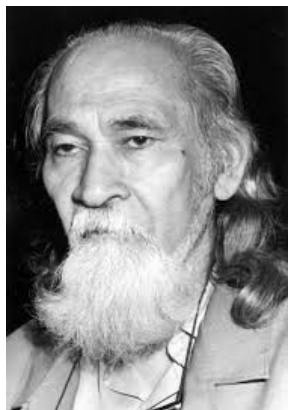
Por que não devemos sonhar nós todos
com um eco que soe; por exemplo, um murmúrio
que trema no som ido,
e que responda às perguntas
que junto ao fogo reunimos.

E por que não buscar sempre
o que é parada em um caminho,
o que há de outono em um verão,
o que há de ardente no mais frio,
o que é rubor em uns lábios,
o que é Lembrança no Olvido,
o que é pergunta na resposta,
o que é ofegar em um suspiro,
o que é vital dessa alegria,
dessa tristeza em que se vive.





FÉLIX GIMÉNEZ GÓMEZ (Paraguai, 1924-2011)



Félix Giménez Gómez, mais conhecido como **Félix de Guaranía** foi um poeta bilíngue (espanhol, guarani), pesquisador, escritor e militante comunista. Reconhecido como um dos mais importantes estudiosos da língua guarani, Félix tem ascendência indígena. Escreveu mais de 85 livros, entre poemários, peças, traduções de obras clássicas do espanhol para o guarani, biografias e dicionários bilíngues. Viveu duas ditaduras, tendo sido exilado por 26 anos durante a ditadura de Stroessner. Mesmo exilado, manteve ativa sua militância socialista e a luta a favor da cultura

indígena. Ainda jovem, em 1941, foi preso pela primeira vez por causa de um discurso em seu colégio. Poucos anos depois, teve que abandonar a faculdade de medicina ao ser enviado a um campo de concentração de prisioneiros políticos motivado pelo conteúdo de sua peça “Mboriahu rekove” (“vida de pobre”), apresentada apesar de sua proibição. Em 1946, novamente é obrigado a parar seu curso de Direito pela prisão durante a guerra civil paraguaia. Em 1960, ao cursar Letras, foi mais uma vez vítima de perseguição política pela ditadura de Stroessner, sendo expulso do Paraguai. Retorna a seu país apenas em 1989, com a queda do ditador. O guarani encontrou em dom Félix o meio para crescer e mostrar-se como uma língua à altura da grande literatura, não só por sua produção autoral em guarani, como pela tradução de clássicos universais, mantendo viva a língua, a cultura e a dignidade de um povo dizimado pelos colonizadores espanhóis.

Índio, prepara o arco.

Chegará teu dia
e terá tua terra,
na terra minha,
na terra nossa.

Vibrarão tuas selvas,
cantarão teus rios
e se irá à lua
teu grande martírio.

E outra vez tuas mãos
fenderão a terra.
e outra vez teus gritos
encherão a serra.

E outra vez tua pátria
- a doce Guaranía –
será tua, índio,
livre e soberana.
Eu levo teu sangue,





irmãozinho índio.
Minha carne é tua carne
de erva e tanino.
meus versos resumam
tua tristeza indígena,
tua verde esperança,
tua ansiedade antiga.

Irmãozinho índio;
prepara as flechas
e aperta em tuas mãos
tuas ânsias desfeitas.

Que afio minha pena!
Que grita meu povo
- nosso povo triste –
seu frustrado anseio!

Guarani, teu sangue
de erva e tanino,
tuas ânsias antigas,
a voz de teu rio.

Se fizeram guaranias
e se fizeram os fios
de nossos violões
e de nossas facas.

Indiozinho irmão,
a aurora chegará!
Levanta tua frente, aponta tua
flecha
e lança aos ares
teu grito de guerra!

Aos “ñande’ÿva”¹
que pisaram tua terra
com todas as forças
gritemos: Fora!

E empunhando o machado
- o fiel companheiro –
Aos “ÿvyjára”²
ganhemos a terra!

1: ñande’ÿva: forasteiros

2: ÿvyjára: próprios da terra

Meus cantos

Meus cantos, vão meus cantos
cantos de sangue e estrela;
pena, combate, esperança,
de violão desenvolto.

Meus cantos, vão meus cantos
cantos de sulco e trincheira;
endurecida linguagem
de fábrica e sementeira.

A música de meus cantos
é música verdadeira;
voz das massas, povo em armas,
atrás das barricadas abertas.

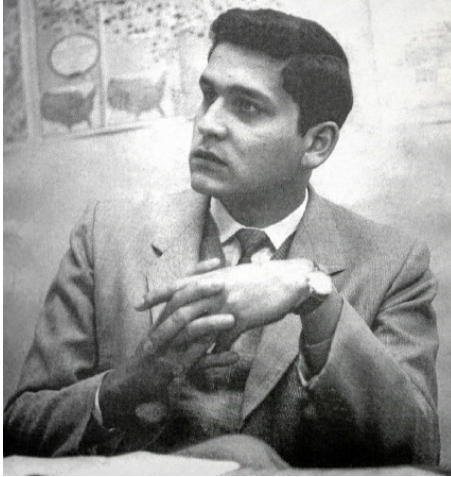
Cada palavra um impacto
- ânsia da ralé oprimida -
contra a peste e a fome,
a exploração e a guerra.

São cantos teus, irmão,
estes de sangue e estrela!
Teu canto anti-imperialista,
que é bala de pena obreira!





JAVIER HERAUD (Peru, 1942-1963)



Javier viveu em um Peru marcado pelo domínio estrangeiro sobre as comunidades quéchuas, pelas mais perversas práticas de servidão agrícola, e pela profunda injustiça. Os trabalhadores das minas e dos campos começavam a reagir, faziam suas primeiras marchas, atacadas pela repressão. As grandes empresas norteamericanas ditavam suas ordens e o governo peruano cumpria matando e lotando prisões. Foi na universidade que Javier tomou contato com novas concepções

sociais e políticas que o levaram a se filiar, inicialmente, ao Movimento Social Progressista (MSP), de tendência social democrata, a que vai renunciar tempos depois. Já como professor de literatura em um importante colégio de Lima, a convite do Fórum Mundial da Juventude, viaja à União Soviética, e aproveita para conhecer Ásia e França. Recebe uma bolsa para estudar cinema em Cuba e sua passagem pela ilha mudaria sua vida definitivamente. Muitos peruanos dissidentes de suas organizações se dirigiam a Cuba influenciados pelo recente sucesso de sua revolução. Javier, assim como muitos outros, optam por preparar-se militarmente para liberar seu país. Depois do treinamento, segue para o Peru para dar apoio armado a Hugo Blanco, que à frente das massas camponesas do Valle de La Convención, lutava pela implantação da Reforma Agrária na província de Cusco. É brutalmente assassinado em Puerto Maldonado, em meio ao rio, em meio à natureza, como anunciara, de forma premonitória, em seus poemas. Depois de sua morte o Exército de Libertação Nacional do Peru (ELN), em que militava, retomou a luta, em 1965, sob o comando de Héctor Béjar, e em sua memória a Organização passou a chamar-se Guerrilha Javier Heraud.



Arte poética

Em verdade, em verdade falando,
a poesia é um trabalho difícil
que se perde ou se ganha
ao compasso dos anos outonais.

(Quando se é jovem
e as flores que caem não se recolhem
se escreve e escreve entre as noites,
e às vezes se enchem centenas e centenas
de papéis inúteis.

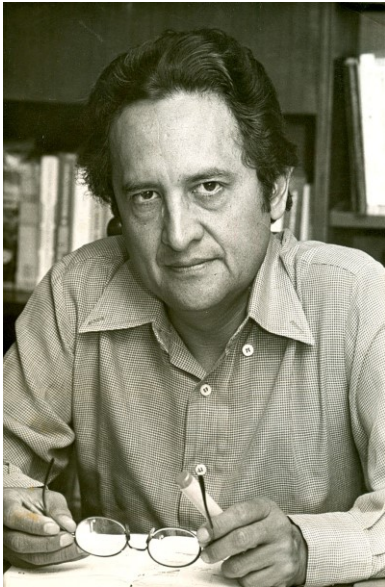
Alguém pode alardear e dizer
“eu escrevo e não corrijo,
os poemas saem de minha mão
como a primavera que derrubaram
os velhos ciprestes de minha rua”)
Mas conforme passa o tempo
e os anos se filtram entre as têmeoras,
a poesia vai se fazendo
trabalho de ceramista,
argila que se cozinha entre as mãos,
argila que moldam fogos rápidos.

E a poesia é
um relâmpago maravilhoso,
uma chuva de palavras silenciosas,
um bosque de latidos e esperanças,
o canto dos povos oprimidos,
o novo canto dos povos libertados.

E a poesia é então,
o amor, a morte,
a redenção do homem.



MANUEL SCORZA (Peru, 1928-1983)



Scorza foi novelista, poeta, político e editor. De pai camponês e mãe índia, é considerado um dos mais importantes narradores do Indigenismo e Neo-indigenismo peruano. Com apenas 20 anos teve que sair do país urgentemente, exilando-se na França por causa do golpe do general Odría. Volta ao Peru durante o governo de Manuel Prado e, em 1956, começa a dirigir a edição dos "populivros", empreendimento que vai até 1965 e que permitiu popularizar autores como Mariátegui, Vallejo e Maria Arguedas, não só no Peru como em toda América Latina. Apesar de destacada obra poética, é na narrativa que Scorza encontrou espaço ideal para tocar com profundidade os problemas sociais de seu país: contradição

entre os camponeses e a exploração mineira das grandes companhias estrangeiras. Em 1968, em plena luta camponesa e em virtude de sua ativa participação no movimento político indigenista, teve que abandonar novamente o país. As "*Baladas*" (ou "*Cantares*") compõe-se de cinco novelas onde são descritas as lutas do campesinato peruano dos Andes Centrais. Todas as cinco guerras silenciosas apresentam-se com conteúdo de fantasia poética e uma denúncia política e social. Elas foram traduzidas para mais de 40 países e estão entre os mais reconhecidos trabalhos da literatura peruana. Scorza morre num acidente de avião em 1983.

Epístola aos poetas que virão

Talvez amanhã os poetas perguntem
por que não celebramos a graciosidade das garotas;
Quiçá amanhã os poetas perguntem
por que nossos poemas
eram largas avenidas por onde vinha a cólera ardente.





Eu respondo: por todas as partes se ouvia pranto,
por todas as partes nos cercava um muro de ondas negras.
Seria a poesia
um solitário filete de orvalho?

Tinha que ser um relâmpago perpétuo.

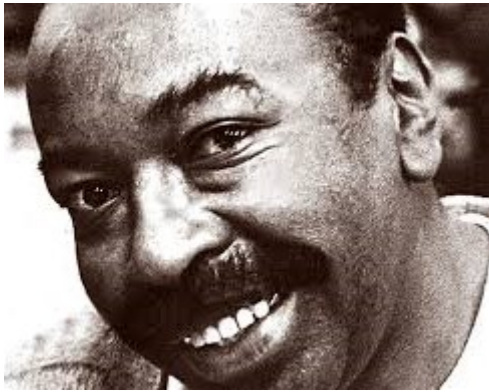
Eu vos digo:
enquanto alguém padeça,
a rosa não poderá ser bela;
Enquanto alguém olhe o pão com inveja,
o trigo não poderá dormir;
Enquanto os mendigos chorem de frio na noite,
meu coração não sorrirá.

Mate a tristeza, poeta.
Matemos a tristeza com um pau.
Há coisas mais altas
que chorar o amor de tardes perdidas:
o rumor de um povo que desperta,
isso é mais belo que o orvalho.
O metal resplandescendente de sua cólera,
isso é mais belo que a lua.
Um homem verdadeiramente livre,
Isso é mais belo que o diamante.

Porque o homem despertou,
e o fogo fugiu de sua prisão de cinzas
para queimar o mundo onde esteve a tristeza.



NICOMEDES SANTA CRUZ (Peru, 1925-1992)



Nicomedes Santa Cruz Gamarra foi poeta, cantor, pesquisador da cultura popular e jornalista, além de apresentador de rádio e televisão. É o representante máximo da negritude no Peru por ser o primeiro poeta a tratar do tema do negro, ressaltando a importância do afro-peruano no desenvolvimento histórico do país. Interessante notar que ele cumpre um papel no Peru muito

similar ao que cumpriu o artista negro Solano Trindade no Brasil: ambos trabalhando com a poesia negra, valorizando as raízes africanas, desenvolvendo trabalhos de teatro-dança, resgatando e divulgando a cultura negra. Combina as lutas do negro e do oprimido em geral, lutando contra o colonialismo e o imperialismo.

Ritmos Negros do Peru

Ritmos da escravatura
contra amarguras e penas.
Ao compasso das correntes
ritmos negros do Peru.

Da África chegou minha avó
vestida com “caracoles”¹,
a trouxeram os espanhóis
em uma caravela.

A marcaram com candeia,
a carimba² foi sua cruz.

E na América do Sul
ao golpe de suas dores
deram os negros tambores
ritmos da escravatura

Por uma moeda só
a revenderam em Lima
e na Fazenda “La Molina”

1 “caracoles”: pode ser tanto o babado de alguma vestimenta como o cabelo encaracolado.

2 “carimba”: os negros eram marcados com um ferro chamado de “carimba”; “carimba!” também é uma interjeição de desgosto.





serviu à gente espanhola.
Com outros negros de Angola
ganharam por sua labuta
pernilongos para suas veias
para dormir duro solo
e nadinha de consolo
contra amarguras e penas...

Na plantação de cana
nasceu o triste refúgio,
na venda de rum
o negro cantou a “zaña”³.
O facão e a foice
curtiram suas mãos morenas;
e os índios com suas quenás
e o negro com tamborete
cantaram sua triste sorte
ao compasso das correntes.

Morreram os negros velhos
mas entre a cana seca
se escuta seu “zambacueca”⁴
e o “panalivio”⁵ ao longe.
E se escutam os festejos
que cantaram em sua juventude.
De Cañete a Tombuctú,
de Chancay a Mozambique
levam seus claros repiques
ritmos negros do Peru.

3 “zaña”: O canto dos negros escravos do povoado de Zaña da província de Chiclayo cantavam nos galpões em que viviam depois da colheita agrícola para descansar e dormir. Seu canto foi proibido por senhores patrões por sua mensagem anticlerical e contestatória da escravidão, no século XVII.

4 “zambacueca”: estilo musical e bailado de pares soltos, em que se representa a sedução amorosa de uma mulher por parte do homem. Faz alusão à aproximação similar entre galos e galinhas. Deriva da mestiçagem da música e dança trazidos por ciganos, escravos e negros de Angola entre os séculos XVI e XVII.

5 “panalivio”: é o nome que se dá a uma canção-lamento criada pelos escravos da Costa peruana no século XVII para expressar os maus-tratos que sofriam.





América Latina

Meu Camarada

Meu amigo

Meu irmão

Parceiro Camará

Companheiro

Minhas pernas

Meu filhinho

Campeão...

Aqui estão meus vizinhos.

Aqui estão meus irmãos.

As mesmas caras latinoamericanas
de qualquer ponto da América Latina:

Índio-branqueiros

Branqueio-índios

e Negro-índios

Louros brancos

Índios barbudos

e negros alizados

Todos se queixam:

-Ah, se em meu país
não houvesse tanta política...!

-Ah, se em meu país
não houvesse gente paleolítica...!

-Ah, se em meu país
não houvesse militarismo,

nem oligarquia

nem chauvinismo

nem burocracia

nem hipocrisia

nem clerezia

nem antropofagia...

-Ah, se em meu país...!



Alguém pergunta de onde sou
(Eu não respondo o seguinte):

Nasci perto de Cuzco
admiro a Puebla
me inspira o rum das Antilhas
canto com voz argentina
creio em Santa Rosa de Lima
e nos Orixás da Bahia
Eu não colori meu Continente
nem pintei de verde o Brasil
amarelo Peru
vermelha Bolívia

Eu não tracei linhas territoriais
separando irmão de irmão.

Pouso a testa sobre Río Grande
me afirmo pétreo sobre o Cabo de Hornos
afundo meu braço esquerdo no Pacífico
e submerjo meu direito no Atlântico.

Pelas costas do oriente e ocidente
duzentas milhas entro à cada Oceano
submerjo mão e mão
e assim me aferro a nosso Continente
em um abraço Latinoamericano.



LOLA RODRÍGUEZ DE TIÓ (Porto Rico, 1843-1924)



Rodríguez de Tió foi escritora, importadora de livros, intelectual revolucionária contra o regime espanhol. Seu primeiro livro de poesias, *Mis Cantos*, vendeu a então incrível quantidade de 2 500 cópias. Em 1867 e novamente em 1889, Lola e o seu marido foram banidos de Porto Rico pelos governadores espanhóis nomeados por suas posições políticas. No primeiro exílio, Lola foi para a Venezuela, já no segundo, para Nova Iorque, onde ajudou José Martí e outros revolucionários cubanos. Mais tarde dirige-se a Cuba, onde residiu até o fim de sua vida. A sua casa em Cuba virou ponto de encontro para os políticos e

intelectuais, bem como exilados porto-riquenhos. Em 1868, inspirada na luta de Ramón Emeterio Betances pela independência de Porto Rico e pela tentativa de revolução chamada Grito de Lares, escreveu *La Borinqueña*, que serve de base para o seu atual hino nacional. Em 1901, Rodríguez de Tió fundou e foi eleita membro da Academia Cubana de Artes e Letras. Lola era bastante conhecida em Cuba por sua poesia patriótica sobre Porto Rico e Cuba. Em 1919, Rodríguez de Tió voltou a Porto Rico, onde foi homenageada com um grande banquete no Ateneo Puertorriquenho, depois ela recitou seus "Cantos a Puerto Rico". Acredita-se que o desenho e as cores da bandeira de Porto Rico, que foram aprovados em 1954, vieram da ideia de Lola de ter a mesma bandeira que Cuba com as cores invertidas. Lola foi pioneira na luta pelos direitos das mulheres.

La boriquenha – hino nacional (versão revolucionária)

Desperta boriquenho*
Que já foi dado o sinal!
Desperta deste sonho,
Que é hora de lutar!

A esse chamado patriótico
Não arde teu coração?
Vem, nos será simpático
O ruído do canhão.





Olha, já o cubano livre está;
Lhe dará o facão a liberdade.
Já o tambor guerreiro
Diz em seu som,
Que é a selva o lugar,
O lugar da reunião.

Belíssima Boriquen
A Cuba deve seguir.
Você tem bravos filhos
Que querem combater.
Por muito mais tempo impávidos
Não podemos estar,
Já não queremos tímidos,
Nos deixar subjugar.
Nós queremos ser livres já
E nosso facão afiado está.
Por que então,
Nós estaremos
Tão dormentes e surdos,
E surdos a esse sinal?

Não há que temer, Riquenhos,
Ao ruído do canhão;
Que salvar a pátria
É dever de coração.
Já não queremos déspotas!
Caia o tirano já!
As mulheres indomáveis
Também saberão lutar.
Nós queremos a liberdade,
E nosso facão nos dará.
Vamos, Boriquenhos, vamos já,
Que nos espera ansiosa,
Ansiosa a liberdade,
A liberdade, a liberdade, a liberdade,
A liberdade.

** Boriquen: como se chama Porto Rico; boriquenho, nascido em Porto Rico.*



JUAN ANTONIO CORRETJER (Porto Rico, 1908-1985)



Corretjer foi poeta, jornalista, escritor e lutou pela independência de Porto Rico. De uma família patriótica e independentista, desde criança podia ser visto à frente de manifestações de jovens gritando "Porto Rico Livre!". Teve que estudar em outra cidade, pois foi expulso de todas as escolas por seu posicionamento político. Nos círculos literários, teve contato inicial com o marxismo e ingressa no Partido Nacionalista, com o qual se decepciona e segue para Nova Iorque onde participa da Liga Anti-Imperialista das Américas, trabalha com a Frente Sandinista e busca apoio para a independência de Porto Rico. Em

1935, vai à Cuba e colabora com grupos revolucionários como auxiliar do Movimento 26 de Julho até o triunfo da revolução cubana e se torna amigo de Che Guevara. Foi preso inúmeras vezes e ingressa no Partido Comunista nos fins da década de 40 e logo é expulso por defender a via revolucionária armada. Incansável lutador, enfrentou fome, exílio, cárcere, mas jamais foi humilhado pelo imperialismo yanqui. Apesar de todas as lutas do povo portorriquenho, Porto Rico segue como um "Estado Livre Associado" aos EUA.

Calabouço

Eis aqui meu pé tão curto que não anda.
Eis aqui minha mão que não tem sombra.
Eis aqui meu lábio que não beija ou nomeia.
Eis aqui minha voz que sonha e que não manda.

(Bela flor que minha paixão agranda
Vou a ti, minha mão já te ensombra,
Meu lábio já te beija, já te assombra,
Minha voz na carícia te demanda.)

Eis aqui fronte sem sol, pálida,
E coração que late sem latido,
Solta veia sem pele, vida sem vida.

(Pensamento triunfal não detido,
O coração, entre a mão erguida,
Levantassobre o muro, florescido.)





Mas, apesar de tudo...

Quando eu cheguei

- cabeça miúda olhos no vazio mãoszinhas ternas

me encontrei em uma casa ampla

Onde a luz do sol entrava

e o vento removia os descuidos de minha irmã....

Era nesse lugar grande que tem o céu acima

e abaixo mariposas, flores e hortaliças.

Depois foram meus pés dois cabritos ariscos

e minhas mãos duas aves entre as aves e as frutas.

Mais tarde me vestiram a hombridade

e até um papel com meu nome florido

na parede atônita da alcova.

Então me separaram do rio, do meu cavalo,

De meu rifle e minhas canções.

Meu porvenir era uma mente ingênua

uns anos de ausência,

e uma transformação no regresso...

Epílogo: cerimonioso passeio até a igreja.

Mas, ah, comecei a fotografar horizontes

e a imprimir quimeras.

Sobre a mesa da dor do mundo

editei meu projeto de vida.

Vi o florido sentido da doce existência de família,

adornado com vasos de engano.

Um terno antes-de-ontem me enviava

a me repetir. Com os braços abertos,

lar – tranquilidade, esposa, filhos – esperava...

Mas apesar de tudo preferi isto...

Não haverá casamento com o povo.

Não atirárá, sobre os telhados, pedrinhas alegres, o sino

Não haverá vinho na mesa,

Não encarárá sorrisos no traje de domingo, na farrá.

Como roupa estendida um mundo caiu pela janela.

Mas tenho uma felicidade mais minha, mais de todos.

Porque é também de todos a desgraça.

Agora sou

um caixote em uma esquina

E muitas vozes juntas maldizendo a tirania.

Agora sou tão somente um bom rapaz...

Para todos, menos para a polícia...

AVISO:

A quem interesse o

fim dessa história

Que a busquem nos

jornais... qualquer dia.





MANUEL DEL CABRAL (República Dominicana, 1907-1999)



É precisamente na República Dominicana onde Colombo chegou no histórico 12 de outubro, há mais de 500 anos. Dia que mudou o rumo da história de nosso continente. Foi ali onde se implantou a civilização cristã pela primeira vez na América e onde se efetuaram os primeiros "intercâmbios" culturais de caráter permanente entre indígenas, espanhóis e escravos africanos, dando início a um processo de mestiçagem do qual todo o território antilhano é filho. É na busca por sua identidade independente que se inscreve o escritor Manuel del Cabral, considerado uma das vozes

mais importantes da literatura negra das Américas. Manuel Antonio Cabral Tavárez foi escritor, poeta e diplomata. A sua peregrinação pela Europa e América, como diplomata, foi fundamental para a constituição de sua poesia, permitindo que conhecesse diferentes culturas e diferentes vozes poéticas. Foi poeta de tons socialistas em boa parte de sua obra e aproveitou o tema das guerras civis para compor "Compadre Mon", um poema que é comparado com "Martín Fierro", do escritor argentino José Hernández. É visto como precursor da poesia erótica nas Américas, junto com Neruda.

Negro sem nada em sua casa

Eu te vi cavar minas de ouro

- negro sem terra -.

Eu te vi tirar grandes diamantes da terra

- negro sem terra-.

E como se arrancasses pedaços de teu corpo da terra,
te vi arrancar carvão da terra.

Cem vezes eu te vi depositar sementes na terra

- negro sem terra-.

E sempre teu suor que não termina
de cair na terra.





Teu suor tão antigo, mas sempre tão novo
teu suor na terra.

Água de tua dor que fertiliza
mais que água de nuvem.

Teu suor, teu suor. E tudo para aquele
que tem cem gravatas, quatro carros de luxo,
e não pisa na terra.

Só quando a terra não for tua,
será tua a terra.

Eles

Eles não têm leito,
mas suas mãos
são as que fizeram nossas casas.

Eles comem quando podem
mas graças a eles comemos quando queremos.

Eles são sapateiros mas estão descalços.

Eles nos vestem mas estão desnudos.

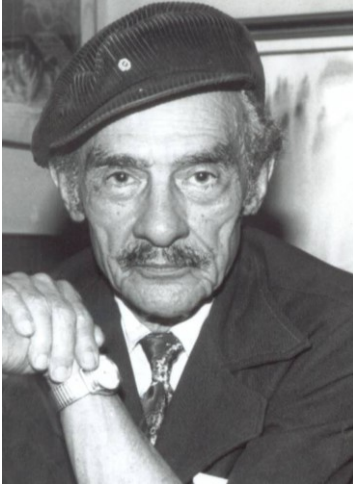
Eles são os donos do ar quando manejam asas,
mas são os mendigos do ar da terra.

Eles não falam,
têm palavras virgens... fazem novo o velho...

O amanhã sabe e os espera...



PEDRO MIR (República Dominicana, 1913-2000)



Pedro Mir é considerado, ao lado de Manuel del Cabral, escritor nacional de seu país. Pressionado pela ditadura de Rafael Leónidas, exila-se, em 1947, passando por México, Guatemala e Cuba, e voltando para seu país apenas com o fim do regime. Em 1952, publica seu “Contracanto a Walt Whitman”, um de seus mais famosos poemas, traduzido em diversas línguas e profusamente estudado. De volta a seu país, trabalha como professor de estética, dedicando-se à pesquisa histórica e artística. Seus poemas foram e são recitados por seu povo, atingindo esse raro feito de popularidade e profundidade.

Contracanto a Walt Whitman (trechos)

(...)

9
Por que
foi um grande poeta irrecusável
nada além de um tanque límpido
onde um povo descobre seu perfeito
semblante?
Que foi
senão um parque submerso
onde todos os homens se reconhecem
pela linguagem?
E que foi
nada mais que uma corda de infinito violão
onde pulsam os dedos dos povos
sua simples, sua própria, sua forte e
verdadeira canção inumerável?
Por isso você, numeroso Walt Whitman, que viu e
delirou
a palavra precisa para cantar teu povo,
que em meio à noite disse





eu
e o pescador se compreendeu em sua carpa
e o caçador se olhou na metade de seu disparo
e o lenhador se conheceu em seu machado
e o mendigo em seu semblante amarelo sobre a água
e a donzela em sua cidade futura
que cresce e que madura
debaixo da saia
e a meretriz em sua fonte de alegria
e o mineiro de sombra em meus passos debaixo da
pátria...
quando o alto pregador, baixando a cabeça,
entre duas grandes mãos dizia,
eu
o povo inteiro se escuta em ti mesmo
quando escutava a palavra
eu, Walt Whitman, um cosmos,
um filho de Manhattan...!
Porque você era o povo, você era eu,
e eu era a Democracia, o sobrenome do povo,
e eu era também Walt Whitman, um cosmos,
um filho de Manhattan!

(...)

13

Se queres encontrar o duro tom moderno
da palavra
eu
vá a Santo Domingo.
Passe pela Nicarágua. Pergunte em Honduras.
Escute o Peru, a Bolívia, a Argentina.
Onde queira falareis um som capital
um eu.
Um chefe luminoso
um eu, um cosmos,
Um homem providencial
um eu, um cosmos, um filho de sua
pátria.
E no meio da noite fragorosa da América
escutarás, de trás de madurezas e fragrâncias
mescladas com surdos gemidos, com blasfêmia e



gritos,
com soluços e punhos, com grandes lágrimas e grandes
arestas e maldições, um cosmos,
um filho de Manhattan.
Uma canção antiga convertida em razão de força
entre as engrenagens das fábricas, nas ruas
da cidade. Um eu, um cosmos nos
canteiros*,
E nos vagões e nos moinhos centrais.
Uma canção antiga convertida em razão de sangue e
de miséria
um eu, um Walt Whitman, um cosmos,
um filho de Manhattan...!

14

Que foi a aventura dos povos
senão uma transformação contínua, um movimento
eterno,
um fogo infinito que se acende e que se
apaga?
Que foi
senão um jorro que não se contém,
espelho ontem de outeiros e palmares,
hoje nuvem branca?
E que
senão uma labuta infatigável
em que hoje manda um punhado de gulosos
e amanhã os punhos deliciosos,
fragrantes e frenéticos do povo
inumerável?
Por isso tu, inumerável, Walt Whitman,
que no meio da noite disse
eu
e o ferreiro sonoro se descobriu na chama
e o forjador e o fogaero
e o cuidador do faro, celeste de olhares
e o fundidor e o lenhador
e a menina celeste colando a alvorada
e o pioneiro e o bombeiro
e o cocheiro e o aventureiro e o arrieiro...
Tu,
que no meio da noite disse



Eu, Walt Whitman, um cosmos,
um filho de Manhattan
e um povo inteiro se descobriu em tua língua
e se lançou de cheio a construir sua casa
hoje,
que já perdeu sua casa,
hoje,
que tem um punhado de gulosos sorridentes e
convencidos,
hoje
que se mudou o fogo infinito que se
acende e que se apaga
hoje...
hoje não te reconhece
desgarrado Walt Whitman,
porque teu signo está guardado nas caixas dos
Bancos,
porque tua voz está nas ilhas guardadas por
recifes
de baionetas e punhais,
porque tua voz inunda os decretos e os centros de
Beneficência
e os jogos de loteria,
porque hoje
quando um magnata rosado,
no meio da noite cósmica,
desenfreadamente diz
eu
detrás de sua garganta se escuta o ruído da
multidão
ensanguentada explorada refugiada
que enraivecida diz
você
e cospe sangue entre as engrenagens,
nas fronteiras e nos canteiros...
Oh, Walt Whitman de barba interminável!

15
E agora
já não é a palavra
eu
a palavra cumprida



a palavra de toque para começar o mundo.

E agora
agora é a palavra
nós.

E agora,
agora é chegada a hora do Contracanto.

Nós os ferroviários,
nós os estudantes,
nós os mineiros,
nós os camponeses
nós os pobres da terra,
os povoadores do mundo
os heróis do trabalho cotidiano
com nosso amor e com nossos punhos,
apaixonados de esperança.

Nós os brancos,
os negros e amarelos,
os índios, os acobreados,
os mouros e morenos
os vermelhos e azeitados
os ruivos e os platinados
unificados pelo trabalho
pela miséria, pelo silêncio,
pelo grito de um homem solitário
que em meio da noite,
com um perfeito chicote,
com um salário escuro,
com um punhal de ouro e um semblante de ferro,
desenfreadamente grita

eu
e sente o eco cristalino
de uma ducha de sangue
que decididamente se alimenta em
nós
e no meio das molas afastando-se
nós
e ao pé do horizonte das fábricas
nós
e na flor e nos quadros e nos túneis
nós
e na alta estrutura a caminho das órbitas
nós





a caminho dos mármore
nós
a caminho dos cárceres
nós...

16

E um dia,
no meio do assombro maior da história,
passando através de muros e muralhas
a risada da vitória.
acendendo candeias de júbilo nos olhos
e nos túneis e nos escombros,
Oh Walt Whitman de barba nossa e definitiva!
Nós para nós, sobre nós
e diante de nós...
Recolheremos punhos e semearmos de todos os povos
e na carreira de ombros e braços reunidos
os plantaremos repentinamente
nas ruas do Chile, do Equador, e Colômbia,
do Peru e Paraguai
de El Salvador e Brasil,
nos subúrbios de Buenos Aires e de Havana
e lá em Macorís del Mar, povo pequeno e meu
fundo rincão de águas perdido do Caribe,
onde o sangue tem
certos rumores de hélices quebrando-se no rio...
Oh Walt Whitman de aparência proletária!
Pelas ruas de Honduras e Uruguai.
pelos campos do Haiti e pelos caminhos da Venezuela.
Em plena Guatemala com sua jovem espiga.
Na Costa Rica e no Panamá
Na Bolívia, na Jamaica e onde se queira mais,
onde se queira que um homem de trabalho
traga o sorriso,
morda o olhar.
cuspa a garganta silenciosa
na face do fuzil e do jornal
OH, Walt Whitman!
polindo o coração de nossos dias diante de
nós,
nós e nós e nós.



17

Por que você escutaria um poeta?
Estou falando com um e com outros.
Com aqueles que vieram a separá-lo de seu povo,
a afastá-lo de seu sangue e de sua terra,
a inundar-lhe seu caminho.
Aqueles que o inscreveram no exército.
Os que violaram sua barba luminosa e lhe puseram um
fuzil
sobre seus ombros carregados de donzelas e pioneiros.
Os que não querem a Walt Whitman o democrata,
senão a um tal Whitman atômico e selvagem.
Os que querem colocar sapatos nele
para esmagar a cabeça dos povos.
Moer em sangue as têmporas das crianças.
Desintegrar em átomos as fibras do avô.
Os que tomam a língua de Walt Whitman
por signo de metralhadora,
por bandeira de fogo.
Não, Walt Whitman, aqui estão os poetas de hoje
de pé para te defender!
"- Poetas vindouros, levantem-se, porque vocês deverão
me defender!"
Aqui estamos, Walt Whitman, para te defender.
Aqui estamos
por ti
pedindo paz.
A paz necessária
para empurrar o mundo com teu canto.
Aqui estamos
salvando tuas colinas de Vermont.
tuas selvas do Maine, o sumo e a fragrância de tua
terra,
teus belos com esporas, tuas maçãs com sorrisos,
teus rudes rapazes a caminho do rio.
Os salvando, Walt Whitman, dos traficantes
que tomam tua linguagem pela linguagem da guerra.
Não, Walt Whitman, aqui estão os poetas de hoje,
os operários de hoje, os pioneiros de hoje, os
campesinos
de hoje,
firmes e de pé para te defender!



Oh, Walt Whitman de barba levantada!
Aqui estamos sem barba,
sem braços, sem ouvidos,
sem forças nos lábios,
olhando de canto,
vermelhos e perseguidos,
cheios de pupilas
que através das ilhas se dilatam,
cheios de coragem, de nós de soberba
que através dos povos se desatam,
com teu signo e teu idioma de Walt Whitman
aqui estamos
em pé
para te defender,
contínuo companheiro de Manhattan.





DANIEL VIGLIETTI (Uruguai, 1939-2017)



Viglietti teve uma sólida formação erudita e popular, característica marcante de sua música. Durante a década de 60 desenvolve uma intensa atividade como autor-compositor, cantor, docente e locutor de rádio, e se envolve na crescente mobilização popular no Uruguai. Participa no semanário "Marcha", produzindo e

dirigindo o Núcleo de Educação Musical (Nemus). Sua obra adquire um caráter radical de forte conteúdo social e de esquerda, com letras associadas às lutas populares, sendo, por isso, preso em 1972. A campanha pela sua libertação foi encabeçada por nomes como Jean Paul Sartre, François Mitterrand, Julio Cortázar e Oscar Niemeyer. Em 1973 começa seu exílio na Argentina, que depois continuará na França onde viveu por 11 anos. Seu exílio terminou com o seu regresso a Montevideo no dia 1 de setembro de 1984, onde foi recebido por milhares de pessoas em um recital. Musicou poemas de diversos poetas latinoamericanos, desenvolvendo especial parceria com Mario Benedetti.

A desaramar

Eu pergunto aos presentes
Se não se colocaram a pensar
que a terra é nossa
e não de quem tenha mais.

Eu pergunto se na terra,
nunca pensou você,
que se as mãos são nossas,
é nosso o que nos dêem.

A desaramar a desaramar
que a terra é minha tua e dele
de pedro maria de joão e josé

Se incomodo com meu canto
alguém que ande por aqui
certamente é um gringo
ou um dono do uruguai





IBERO GUTIÉRREZ (Uruguai, 1949-1972)



Ibero era artista autodidata (poeta, pintor e fotógrafo) e militante da Frente Ampla (partido de esquerda que se forjou durante a ditadura uruguaia). Ganhou um prêmio internacional aos 18 anos o que permitiu que ele conhecesse Cuba, Madrid e Paris, onde teve contato com as movimentações de Maio de 68. Ibero representou o espírito libertário de 68 no Uruguai. Foi preso várias vezes por causa de sua militância estudantil e em 1972, com 21 anos, foi sequestrado, torturado e assassinado por um “esquadrão da morte” (Comando Caça Tupamaros, algo como o Comando de Caça aos Comunistas no Brasil...

inclusive, algum tempo antes de seu assassinato, o delegado Fleury – um dos mais terríveis torturadores brasileiros – havia passado pelo Uruguai para dar “aulas” de repressão e tortura). Mario Benedetti foi quem primero difundiu seus poemas e dizia: “um dos poetas melhor dotados de uma geração que se formou entre dois fogos: a rebeldia e a repressão”. A companheira de Ibero nos ajuda a entender o espírito de sua vida: “Nos queríamos, sabíamos que nossa relação era importante, mas que não tinha sentido, que perdia todo sentido se não se estendia aos demais, se não existia na relação a causa da libertação de nosso povo. Assim vivíamos nos querendo, entre a militância e as lutas estudantis e as tarefas políticas. Ibero era um homem, um militante, um lutador. Não queria se ilhar, ficar só dentro de suas coisas, separar-se dos demais, do que compreendia que era bom para os outros. E essa foi, sempre, sua luta”.

Ouço Bob Dylan e ela

ouço Bob Dylan e ela
a uma distância de um respiro
dorme um minúsculo sonho
suspira a sesta
ao entrar em outro tempo

escrevo:
a paz virá
com a libertação



então ela
não dorme e se desperta
para sonhar melhor

Deitados nas muradas da Rambla

Deitados nas muradas da rambla*
debaixo da noite fria e do ruído das folhas
recebendo as estrelas de abismo para cima
o mundo perceptivo se transforma
e parecemos dois hippies os dois ali estirados

creio que conheço teu cabelo curto e fino
creio que conheço teu perfume na roupa
creio que conheço tua cara de pomba
creio que conheço tua boca pequena
creio que conheço tua pequena risada

através do olhar
contra as luzes do luxo consumido
fazemos um contraste de corpos naturais
manchados de pintura vermelha
vagamos às coisas fazendo companhia
fazendo
um mar obscuro para sermos selvagens
trasgredimos as normas automaticamente
para inaugurar a grande viagem
para poder voar com poças nas mãos
com um pouco de barro da terra do mundo
e chegar a olhar com todos os sentidos
para poder imaginar todas as coisas
e transformar uma vez mais nosso campo perceptivo
com o amor de a dois e das estrelas.

**O termo "rambla" se refere a todas as vias à beira-mar na costa do Uruguai.*

Estás caído (A Salerno)*

Estás caído
Debaixo de uns eucaliptos





Com as palmas das mãos
abertas
olhando para cima.
Estás estendido na relva
e um pouco de sombra
se acompanha
com um pouco de sol
ao meio, amornando a cara;
A tarde calorosa de outubro
se põe de pé e te descobre.
Um pouco mais além
-talvez não alcances ver-
um tronco retorcido, grosso
sugere um céu
com o subir frondoso
e o canto das aves.

Estás, pois, ali dormido
com as vintequatro primaveras
e a boca semiaberta
e o traje escuro
o cabelo confundido com o pasto;
Estás, sim
ali
e o eucalipto, como o mundo
numa muda expectativa
e o olhar incerto
compartilhando o sol e a sombra
de um vasto cenário
povoado de escolas e silêncios
(os silêncios das tardes calorosas
de outubro entre as granjas
e o incessante dizer das cigarras
mais o ar inundado de luz
e caminhos de terra, sem final
sempre percorridos, sem pressa).

** Jorge Salemo: poeta e lutador uruguaio assassinado em 8 de outubro de 1969.*



IDEA VILARIÑO (Uruguai, 1920-2009)



Idea Vilariño é uma das maiores expressões poéticas do Uruguai. Foi da famosa geração literária uruguaia de 45 ao lado de Mario Benedetti (de quem era grande amiga), Juan Carlos Onetti (que foi seu amante por alguns anos), Emir Rodriguez Monegal. Filha de um poeta anarquista, com irmãos chamados Alma, Númen, Poema e Azul, e com o próprio nome de Idéia (Idea), não é de surpreender o caminho libertário trilhado por Vilariño. Idea converteu-se em “mito literário” de sua geração, tão intensa quanto reservada, tão apaixonada quanto solitária, autora de versos amargos e desolados, dona duma personalidade e posição diante da vida e da literatura sui generis. Rejeitou todos os prêmios e nomeações que recebeu, não era afeita a publicidade e às luzes próprias dos círculos literários burgueses. Raramente concedeu entrevistas. Apesar disso, ganhou vários prêmios internacionais e sua poesia se encontra traduzida em diversas línguas. Idea assume firme compromisso com a causa do socialismo e da libertação nacional. A partir de 1948, escreve no semanário *Marcha*, que reunia o melhor da intelectualidade antiimperialista uruguaia. Rompe com a revista em 1955 porque um verso seu (“um lenço com sangue, sêmen, lágrimas”) é censurado pelo mais puro moralismo de esquerda! Retorna a *Marcha* em 1967, em razão do acirramento da luta política no Uruguai, e fica até o fechamento pela ditadura em 1973. Após a queda do regime, em 1985, funda, junto com Benedetti e outros remanescentes de *Marcha*, o semanário *Brecha*, com o qual rompe em 1993 por divergências sobre Cuba (Idea apoiava incondicionalmente a revolução). Além de sua poesia marcadamente engajada, Idea ficou muito conhecida por sua poesia de amor. Sua vida amorosa é profundamente marcada pelo turbulento envolvimento com o gigante da literatura uruguaia, Juan Carlos Onetti.

O amor

Um pássaro me canta
e eu lhe canto
me gorjea ao ouvido
e lhe gorjeo
me fere e eu o sangro
me destroça
o quebro





me desfaz
o rompo
me ajuda o
levanto
pleno todo de paz
todo de guerra
todo de ódio de amor
e solto
geme sua voz e gemo
ri e rio
e me olha e o olho
me diz e eu lhe digo
e me ama e o amo
– não se trata de amor
damos a vida-
e me pede e lhe peço
e me vence e o venço
e me acaba e o acabo.

Digo que não morreu

Digo que não morreu
eu não o creio
– não o deixaram ser visto pelo irmão
e tantas outras coisas –
e além disso
como ia morrer o Che
quando restava
tanta tarefa por fazer
quando tinha
que percorrer a América Latina
formoso como um raio
incendiando-a
como um raio de amor
destruindo e criando
destruindo e criando, como em Cuba. Como ia
morrer, o Che?
Como ia morrer? Mas essa foto atroz
aquela bota
como partia a alma aquela bota
a suja e norte-americana bota



mostrando a ferida com desprezo. Não tenho que acreditar.
Houve
tantas contradições
– não o deixaram ser visto pelo irmão –
e o deram por morto tantas vezes.
-Como ia morrer, o Che.
Ele muito menos
se ia deixar cercar nesse vale
ia sair em um descampado
ia se deixar
estar ali
a deixar
que lhe esfaquele as pernas a metralhadora. Eu não vou
acreditar
ainda que chore Cuba
ainda que haja luto
em toda a América Latina. Não tenho que acreditar. Um dia
um belo dia se dirá... está no Brasil
ou se levantará na Colômbia ou Venezuela
a ajudar
a ajudar-nos
e nesse dia
uma onda de amor americano
moverá o continente
levantará o Che da América. Não creio que morreu
não posso crê-lo
e não vou crê-lo
ainda que o afirme o próprio Fidel Castro. Mas amigos
irmãos
não esquecer
não esquecer nunca o rosto desprezado
o coração mais sujo que essa bota
nem a mão vendida
lembrar-se do rosto e da mão
lembrar-se do nome
até que chegue o dia
e quando chegue
quando soe a hora
lembrar-se do nome e do rosto
desse tenente Prado*.

* *Gary Prado Salmón: tenente que capturou Che*





MARIO BENEDETTI (Uruguai, 1920-2009)



Benedetti foi escritor, poeta, dramaturgo, jornalista e crítico. Sua prolífica produção literária conta com mais de 80 livros, alguns dos quais foram traduzidos para mais de 20 idiomas. Em 1945, integrou a equipe de redação do semanário *Marcha*, importante publicação de esquerda, onde permaneceu até 74, ano em que foi preso pelo governo de Juan María Bordaberry. A partir de 50, é membro do conselho de redação de *Número*, uma das revistas literárias mais destacadas da época. Junto a membros do Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros, fundou em 1971 o

Movimento de Independentes 26 de Março, uma agrupação que passou a formar parte da coalizção de esquerda Frente Ampla desde sua origem. Foi representante do 26 de Março na Mesa Executiva da Frente Ampla de 71 a 73, mas a ditadura derrubou essa alternativa. Exila-se, então, na Argentina, Peru, Cuba e Espanha. Em Cuba funda e dirige o Centro de Investigações literárias da Casa das Américas. Volta ao Uruguai em 1983, tornando-se membro editor da nova revista *Brecha*, que dá continuidade ao projeto de *Marcha*, interrompido em 1974. É considerado dos maiores poetas do Uruguai e de importância fundamental para a literatura engajada das Américas, tendo sido um dos primeiros a organizar uma antologia de poesia de luta, "*Poesia Trunca*", divulgando de forma inédita grandes vozes poéticas do continente. Sua literatura está marcada profundamente por seu engajamento político, por sua vontade de transformação e por seu amor, todos indissociáveis.

Um painosso latinoamericano

Pai nosso que estais nos céus
com as andorinhas e os mísseis
quero que volte antes que se esqueça
como se chega ao sul do Rio Grande
Pai nosso que estais no exílio
quase nunca te lembrás dos meus
de todo modo onde quer que estejas
santificado seja teu nome
não quem santificam em teu nome



fechando um olho para não ver as unhas
sujas da miséria
em agosto de mil novecentos e sessenta
já não serve te pedir
venha a nós o teu reino
porque teu reino também está aqui embaixo
metido nos rancores e no medo
nas vacilações e na sujeira
na desilusão e na modorra
nesta ânsia de te ver apesar de tudo
quando falaste do rico
da agulha e do camelo
e votamos todos em você
por unanimidade para a Glória
também alçou sua mão o índio silencioso
que te respeitava mas resistia
a pensar seja feita tua vontade
no entanto uma vez a cada tanto
tua vontade se mistura com a minha
a domina
a acende
a duplica
mais árduo é conhecer qual é minha vontade
quando creio de verdade no que digo crer
assim em tua onipresença como em minha solidão
assim na terra como no céu
sempre
estarei mais seguro da terra que piso
que do céu intratável que me ignora
mas quem sabe
não vou decidir
que teu poder se faça ou se desfaça
tua vontade igual se está fazendo no vento
nos Andes de neve
no pássaro que fecunda a pássara
nos chanceleres que murmuram yes sir
em cada mão que se converte em punho
claro não estou seguro se me agrada o estilo
que tua vontade escolhe para fazer-se
isso digo com irreverência e gratidão



dois emblemas que logo serão a mesma coisa
isso digo sobretudo pensando no pão nosso
de cada dia e de cada pedacinho de dia
ontem nos tomaste
nos dê hoje
ou ao menos o direito de nos darmos nosso pão
não somente o que era símbolo de Algo
mas o de miolo e casca
o pão nosso
já que nos sobra poucas esperanças e dúvidas
perdoa se podes nossas dúvidas
mas não nos perdoe a esperança
não nos perdoe nunca nossos créditos
o mais tardar amanhã
saldemos a cobrar os fajutos
tangíveis e sorridentes foragidos
aos que têm “garras para a harpa”
e um panamericano temor com que se enxugam
a última cuspida que escorre de seu rosto
pouco importa que nossos credores perdoem
assim como nós
uma vez
por erro
perdoamos nossos devedores
todavia
nos devem como um século
de insônias e porrete
como três mil kilometros de injúrias
como vinte medalhas a Somoza
como uma só Guatemala morta
não nos deixe cair na tentação
de esquecer ou vender este passado
ou arrendar um só hectar de seu esquecimento
agora que é a hora de saber quem somos
e vão cruzar o rio
o dólar e seu amor contra-reembolso
nos arranque da alma o último mendigo
e nos livre de todo mal de consciência
amém.



Dizer que não

Já sabemos
é difícil
dizer que não
dizer não quero

ver que o dinheiro forma um cerco
ao redor de tua esperança
sentir que outros
os piores
saqueiam teu sonho

já sabemos
é difícil
dizer que não
dizer não quero

no entanto
como desalenta
te ver baixar tua esperança
te saber distante de você mesmo

te ouvir
primeiro devagarzinho
dizer que sim
dizer sim quero
comunicá-lo logo ao mundo
com um orgulho alienado

e ver que um dia
pobre diabo
já pra sempre mendicante
pouco a pouco
abres a mão

e nunca mais
pode fechá-la.

Tática e estratégia

Minha tática é
te olhar
aprender como você é
te querer como você é

minha tática é
falar contigo
e te escutar
construir com palavras
uma ponte indestrutível

minha tática é
ficar em tua memória
não sei como nem sei
com que pretexto
mas ficar em você

minha tática é
ser franco
e saber que você é franca
e que não nos vendemos
simulados
para que entre os dois

não haja cortinas
nem abismos

minha estratégia é
por outro lado
mais profunda e mais
simples
minha estratégia é
que um dia qualquer
não sei como nem sei
com que pretexto
por fim me necessite.





Não te rendas

Não te rendas, ainda é tempo
de alcançar e começar de novo,
aceitar tuas sombras,
enterrar teus medos,
liberar o lastro,
retomar o vôo.

Não te rendas que a vida é isso,
continuar a viagem,
perseguir teus sonhos,
destravar o tempo,
correr os escombros,
e destapar o céu.

Não te rendas, por favor não cedas,
ainda que o frio queime,
ainda que o medo morda,
ainda que o sol se esconda,
e se cale o vento,
ainda há fogo em tua alma
ainda há vida em teus sonhos.

Porque a vida é tua e teu também o desejo
porque o tens desejado e porque te quero
porque existe o vinho e o amor, é certo.
Porque não há feridas que não cure o tempo.
Abrir as portas,
tirar as trancas,
abandonar as muralhas que te protegeram,
viver a vida e aceitar o desafio,
recuperar o riso,
ensaiar um canto,
baixar a guarda e estender as mãos
despregar as asas
e tentar de novo,
celebrar a vida e retomar os céus.

Não te rendas, por favor não cedas,
Ainda que o frio queime,
ainda que o medo morda,
ainda que o sol se ponha e se cale o vento,
ainda há fogo em tua alma,
ainda há vida em teus sonhos



Porque cada dia é um começo novo,
porque esta é a hora e o melhor momento.
Porque não estás sozinho, porque eu te amo.

Sou um caso perdido

Por fim um crítico sagaz revelou
(eu já sabia que iam descobrir)
que nos meus contos sou parcial
e tangencialmente apela
que assuma a neutralidade
como qualquer intelectual que se respeite

creio que tem razão
sou parcial
disto não tem dúvida
mais ainda eu diria que um parcial irrecuperável
caso perdido enfim
já que por mais esforço que faça
nunca poderei chegar a ser neutro

em vários países deste continente
especialistas destacados
fizeram o possível e o impossível
para curar-me da parcialidade
por exemplo na biblioteca nacional do meu país
ordenaram o expurgo parcial
dos meus livros parciais
na Argentina me deram quarenta e oito horas
(e senão me matavam) para que me fosse
com minha parcialidade nos ombros
por último no peru incomunicaram minha parcialidade
e a mim me deportaram

se tivesse sido neutro
não teria necessitado
essas terapias intensivas
porém que se vai fazer
sou parcial
incuravelmente parcial
e mesmo que possa soar um pouco estranho



totalmente
parcial

já sei
isso significa que não poderei aspirar
a tantíssimas honras e reputações
e preces e dignidades
que o mundo reserva para os intelectuais
que se respeitam
quer dizer para os neutros
com um agravante
como cada vez existem menos neutros
as distinções se dividem
entre pouquíssimos

depois de tudo e a partir
das minhas confessas limitações
devo reconhecer que por esses poucos neutros
tenho certa admiração
ou melhor lhes reservo certo assombro
já que na realidade é necessário um temperamento de aço
para se manter neutro diante de episódios como
girón
tlatelolco
trelew
pando
la moneda

é claro que uma pessoa
e talvez seja isto o que o crítico queria me dizer
poderia ser parcial na vida privada
e neutro nas belas-letas
digamos indignar-se contra Pinochet
durante a insônia
e escrever contos diurnos
sobre a atlântida

não é má ideia
e lógico
tem a vantagem
de que por um lado



a gente tem conflitos de consciência
e isso sempre representa
um bom nutrimento para a arte
e por outro não deixa espaço para sofrer ataques
da imprensa burguesa e/ou o neutro

não é má ideia
mas
já me vejo descobrindo ou imaginando
no continente submerso
a existência de oprimidos e opressores
parciais e neutros
torturados e verdugos
ou seja a mesma confusão
cuba sim ianques não
dos continentes não submergidos

de modo que
como parece que não tenho remédio
e estou definitivamente perdido
para a frutífera neutralidade
o mais provável é que continue escrevendo
contos não neutros
e poemas e ensaios e canções e novelas não neutras
mas aviso que será assim
mesmo que não tratem de torturas e prisões
ou outros tópicos que ao que parece
tornam-se insuportáveis para os neutros

será assim, mesmo que tratem de borboletas e nuvens
e duendes e peixinhos

Estes poetas são meus

"Estes poetas são meus" (Carlos Drummond de Andrade)

Roque leonel ibero rigoberto
ricardo paco otto-rené javier
quantas vezes e em quantas reuniões e assembléias
os terão (mal) tratado de pequeno-burgueses
terão ficado sozinhos com seu antigo costume



de raciocinar / ou a sós com o rigor científico
a sós com um impulso moral / a sós em uma
solidão não querida nem buscada
a sós com seus amores ao próximo à próxima
com a preocupação de que os segregavam
sozinhos para entender tudo e a todos

quantas vezes e em quantas esperanças ou rotas
terão andado tateando a relâmpagos
deixando repousar o tempo da poesia
eles infatigáveis rebentando-se
sabendo que não eram os pequenos burgueses
que os rudes companheiros diziam

que não eram os frouxos os livrescos
olhando-se no espelho até desentranhá-lo
como narcisos nunca / olhando-se autocríticos
jamais desalentados / tratando de encontrar
o resquício a brecha o abrigo o mérito
de ser como os outros ou algo assim

quantas vezes e em quantos cochilos insones
terão considerado a pena ou o atalho
de apagar a poesia / de apagar-se
como poetas / apagar o modesto delírio
e juntar as palavras voláteis
e transformá-las por outras as concretas
e revolucionar as vinte e quatro horas
e por-se no esquema e abandonar os tropos
e andar ao mesmo passo / nadar o mesmo rio
e fabricar assim a infundada esperança
de serem iguais aos outros / serem
igualmente julgados e medidos

quantas vezes e em quantas lagoas e memórias
terão querido ser / luz vermelha / terra verde
e compartilhar a luta em pedacinhos
aprender sangue a sangue o alfabeto
qual se não o soubessem / desde baixo
arder na bondade elementar



sentir a fúria como um calafrio
continuar o amor sem os alertas
companheríssimos nas difíceis
joviais nas fáceis
igualmente medidos e julgados

mas um dia uma noite uma qualquer coisa
arriscaram o corpo a miséria os versos
souberam de repente que a lei era velha
que os suaves poetas ainda que se esgoelem
ainda que vençam o vento e a lua
dispõem de uma só ocasião decisiva
a fim de que os rudes queridos companheiros
admitam que nem sempre / mas às vezes /
esses da palavra esses de calma em germe
podem ser valorosos como um sonho
leais como um rio
fortes como um imã
o grave é que sua única ocasião
é morrer
uma forma talvez de desmorrer-se
defendendo uma causa pela que outros
não precisariam morrer para serem aceitos
para serem abraçados e acreditados.

quantas vezes e em quantas substâncias e cegueiras
terão insistido na candura
e buscado argumentos com raiva / resistido
para apontar o inimigo / o chumbo
que vinha no ar aniquilando
matando desmentindo desabrigando ardendo
e terão desesperado a esperança
de encurralar a confiança ou de inspirá-la

e no entanto / logo / em um segundo
em uma eucaristia de tiros
na revelação das explosões
na tortura sem promessa e última
em um instante breve como um trago
sem argumentos / sem palavras / ternos



tristíssimos finalmente e desapegados
nesse instante que não tem fim
desfeitos e refeitos de coragem
explodidos de fé / mortos de pena
deixaram de aspirar quando o lampejo
quando o sabor final e o vislumbre
quando mudaram a ténue amargura
de pequeno burguês pela de mártir.

Por que cantamos

Se cada hora vem com sua morte
se o tempo é um covil de ladrões
os ares já não são tão bons ares
e a vida é nada mais que um alvo móvel

você perguntará por que cantamos

se nossos bravos ficam sem abraço
a pátria está morrendo de tristeza
e o coração do homem se fez cacos
antes mesmo de explodir a vergonha

você perguntará por que cantamos

se estamos longe como um horizonte
se lá ficaram as árvores e céu
se cada noite é sempre alguma ausência
e cada despertar um desencontro

você perguntará por que cantamos

cantamos porque o rio esta soando
e quando soa o rio / soa o rio
cantamos porque o cruel não tem nome
embora tenha nome seu destino

cantamos pela infância e porque tudo
e porque algum futuro e porque o povo
cantamos porque os sobreviventes
e nossos mortos querem que cantemos



cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente
e porque venceremos a derrota

cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque nesse talo e lá no fruto
cada pergunta tem a sua resposta

cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida
e porque não podemos nem queremos
deixar que a canção se torne cinzas.

Defesa da Alegria

Defender a alegria como uma trincheira
Defendê-la do escândalo e da rotina
da miséria e dos miseráveis
das ausências transitórias
e das definitivas

defender a alegria como um princípio
defendê-la do pasmo e dos pesadelos
dos neutros e dos nêutrons
das doces infâmias
e dos graves diagnósticos

defender a alegria como uma bandeira
defendê-la do raio e da melancolia
dos ingênuos e dos canalhas
da retórica e das paradas cardíacas
das endemias e das academias

defender a alegria como um destino
defendê-la do fogo e dos bombeiros
dos suicidas e dos homicidas





das férias e da agonia
da obrigação de estar alegre

defender a alegria como uma certeza
defendê-la do óxido e da ferrugem
da famosa pátina do tempo
do relento e do oportunismo
dos proxenetas da risada

defender a alegria como um direito
defendê-la de deus e do inverno
das maiúsculas e da morte
dos apelidos e das lástimas
do acaso
e também da alegria.

Te amo

Tuas mãos são minha carícia
meus acordes cotidianos
te quero porque tuas mãos
trabalham pela justiça

se te amo é porque és
meu amor minha cúmplice e tudo
e na rua ombro a ombro
somos muito mais que dois

teus olhos são minha conspiração
contra a má jornada
te quero por teu olhar
que olha e semeia futuro

tua boca que é tua e minha
tua boca não se equivoca
te quero porque tua boca
sabe gritar rebeldia

se te amo é porque és
meu amor minha cúmplice e tudo

e na rua ombro a ombro
somos muito mais que dois

e por teu rosto sincero
e teu passo vagabundo
e teu pranto pelo mundo
porque és povo te quero

e porque amor não é auréola
nem cândida moral
e porque somos casal
que sabe que não está a sós

te amo em meu paraíso
ou seja que em meu país
a gente viva feliz
ainda que não tenha permissão

se te amo é porque és
meu amor minha cúmplice e tudo
e na rua ombro a ombro
somos muito mais que dois.





Queimar as naus

O dia ou a noite em que por fim chegarmos
será preciso queimar as naus

mas antes teremos metido nelas
nossa arrogância masoquista
nossos escrúpulos molengas
nossos menosprezos por sutis que sejam
nossa capacidade de ser menosprezados
nossa falsa modéstia e o doce sermão
da autocomiseração

e não só isso
também estarão nas naus a queimar
hipopótamos de wall street
pinguins da otan
crocodilos do vaticano
cisnes do buckingham palace
morcegos do el pardo
e outros materiais inflamáveis

o dia ou a noite em que por fim chegarmos
será preciso sem dúvida queimar as naus
assim ninguém terá risco nem tentação de voltar

é bom que se saiba desde já
que não haverá possibilidade de remar noturnamente
até outra margem que não seja a nossa
já que será abolida para sempre
a liberdade de preferir o injusto
e nesse único aspecto
seremos mais sectários que deus pai

no entanto como ninguém poderá negar
que aquele mundo arduamente derrotado
teve alguma vez traços dignos de menção

para não dizer notáveis
haverá de todos modos um museu de nostalgias
onde se mostrará às novas gerações
como eram
parís o whisky claudia cardinale





ALÍ PRIMERA (Venezuela, 1941-1985)



Ely Rafael Primera Rossell foi cantor, músico, compositor, poeta, químico, ativista político e militante comunista. Sua aproximação da música começa com a observação de seu tio tocar o quatro venezuelano, instrumento tradicional de cordas, assim como seu padrasto. Cursa Química e durante sua permanência na universidade, engaja-se no Partido Comunista da Venezuela e começa sua carreira como cantor,

primeiro como hobby e, aos poucos, como atividade de tempo integral. Conseguiu uma bolsa para cursar Engenharia de Petróleo na Romênia, curso que abandona, pois não queria mais ajudar nos lucros das petroleiras transnacionais. Passa, então, a se dedicar exclusivamente à música e à luta política. Sempre censurado pelos meios de comunicação e gravadoras, monta seu próprio selo e difunde sua obra. Preferia que sua obra fosse identificada como "canção necessária" e não como "canção de protesto", pois protesto, para ele, careceria de conteúdo político-ideológico, sem pensar nas questões da organização do povo... para ele, sua arte era mais uma expressão do povo em busca de consciência e organização pra a tomada do poder.

Creio no canto

Creio no canto

Porque meu povo sobreviveu cantando, sempre.

Para que não nos encham de silêncios a esperança.

Porque sempre navegou as veias desta terra.

Creio no canto

Pela necessidade de multiplicar e fazer imenso o grito dos humildes.

Porque não será verdade se não são verdade os cantores.

Porque o canto não é um acessório senão braço irmão nas lutas dos povos.

Creio no canto

Porque não creio na degradação da poesia e ela "busca" o povo.

Porque os que dizem o contrário não são mais que cultos comediantes.

Porque seu elemento essencial tem raiz na sensibilidade do povo.



Creio no canto

Porque o homem é indivisível em suas partes revolucionária e humana.
Porque na luta devemos ir com boa gana e sem amarguras.
Porque tem a sonoridade do rio, do vento nas montanhas
e das entranhas abertas da terra seca.

Creio no canto

Porque nunca será um guerreiro preso dentro de si mesmo.
Porque ajuda a crescer o ventre desta terra que espera o Grande Parto.
Para que não nos tirem a memória.

Creio no canto todo luminoso e solidário.

E em nome do povo, de suas mãos cheias de calos.

Creio no canto

Esconder-se na flor

refrão:

Não me peçam poemas de amor
quando quero cantar a verdade
é a vida a que se tem que enfrentar
eu não posso escondê-la na flor

"Os homens que caminham
olhando o solo e temendo o sol
uma mão esticada
como mostrando a fome
e o frio que corta os farrapos
dos pobre do mundo
para banhar seu corpo
não podem ser um poema de amor"

(refrão)

"A criança que mama
nas tetas ressecadas
da mãe, do tempo,
com canções de luta

quero vê-la crescer,
com canções de luta
com canções de pão
e para que sofra menos
cantarei aos homens
com violão e fuzil."

(refrão)

"Eu me sinto feliz
com meu canto
porque são mãos de obreiro
e elas quero ser
e as plantas dos pés
daquele que se fez descalço
por tanto andar o mundo
se tornarão canção"

(refrão)



ARGIMIRO GABALDÓN (Venezuela, 1919-1964)



Foi poeta, pintor, professor, militante comunista e guerrilheiro-dirigente da Frente Guerrilheira de Libertação Nacional Simón Bolívar, organizada a partir de 62, pertencente às Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), cujo objetivo foi empreender a luta armada contra a ditadura desde a confluência montanhosa Humocaros. Desde muito jovem mostrou interesse pelos estudos e pela política e com apenas 19 anos se incorporou a uma célula clandestina do Partido Comunista da Venezuela. Ao concluir os estudos secundários, viaja ao Brasil e Argentina

para estudar arquitetura, que abandona para se dedicar à pintura e à literatura. Foi organizador de cooperativas agrícolas, de ligas camponesas e das primeiras células comunistas. Instalou uma gráfica clandestina onde se editava panfletos e jornais do partido contra a ditadura do General Marcos Pérez Jiménez. Também instalou uma rádio clandestina "Rádio Libertação", que funcionou de forma móvel com equipe de trabalho que contava com repórteres, roteristas, locutores e uma ampla rede de colaboradores. Foi esta iniciativa que serviu de exemplo a Che Guevara na criação da "Rádio Rebelde", na Serra Maestra. Morreu com um tiro acidental de um companheiro de guerrilha. *"Não sou um guerreiro, nunca havia pensado em ser, amo a vida tranquila, mas se meu povo e minha pátria necessitam de guerreiros, eu serei um deles. Este nosso povo pariu milhões de guerreiros quando necessitou."*



Não permita que tua dor se esconda

Não permita que tua dor se esconda
a obrigue a sair nua para o combate
que empunhe o fuzil e a granada
que anime a marcha
que ria e que cante na emboscada.
Tua pena e minha pena e a de todos
é uma só pena militante.
Armado é o fogo que arde na alvorada
a revolução que avança transbordante
até o milagre das correntes que se rompem.
E o grande sofrimento se tornará alegria
emergerá do fogo um mundo diferente
será o pranto detido
e deixará o sangue de correr assassinado
se espalhará a risada
e as crianças puras como pássaros
em vôo encherão os parques com seus gritos
e nós estaremos ali, certo que estaremos!
Como uma chama ardendo eternamente
Somos a vida e a alegria
em tremenda luta contra a tristeza e a morte.





VÍCTOR VALERA MORA (Venezuela, 1935-1984)



Valera Mora é considerado um dos grandes expoentes poéticos da Venezuela durante o período de esperanças na luta contra as opressões sociais e contra a ditadura. Formou-se em sociologia e trabalhou com a biblioteca ambulante de Ovalles e foi membro do Partido Comunista. Em 1957, foi preso por cinco anos durante a ditadura de Marcos Pérez Jiménez (1953-1958) por motivações políticas. Foi um dos fundadores do grupo "Pandilla de Lautréamont", poetas unidos pela amizade, boemia e pelo espírito iconoclasta. Revolução, amor e poesia constituem a tríade em que se desenvolveu a vida e a literatura de Valera.

Canção do soldado justo

Às montanhas vou, vou completo
e espero regressar de igual
maneira.

Se me cortam as pernas e as mãos
agarrarei o caminhar com os
desejos.

Se me arrancam os olhos e a língua
novo violão agitará bandeiras.

Se me tiram a terra onde piso,
eu venho desde um rio de
asperezas
que antes me levou e agora me
leva.

Se me tapam os ouvidos com que
ouço
a meus irmãos pálidos e
esfomeados,
falarei seriamente com o ar

para que se abra passo até os
miolos.

E se uma bala louca se apaixona
por minhas têmeoras violentas,
eu seguirei pensando com os ossos.

Vou me lançar sobre os cruéis
que fizeram da pátria um buraco
e se não pára o peito à camisa
e me matam de morte sem
esplendor,
me aguardem, vos peço
caminhando,
que eu voltarei com os povos
cantando e mais cantando e mais
cantando.



APÊNDICE

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (Brasil, 1902-1987)

O Medo

Em verdade temos medo.
Nascemos no escuro.
As existências são poucas;
Carteiro, ditador, soldado.
Nosso destino, incompleto.

E fomos educados para o medo.
Cheiramos flores de medo.
Vestimos panos de medo.
De medo, vermelhos rios
Vadeamos.

Somos apenas uns homens e a
natureza traiu-nos.
Há as árvores, as fábricas,
Doenças galopantes, fomes.

Refugiamo-nos no amor,
Este célebre sentimento,
E o amor faltou: chovia,
Ventava, fazia frio em São Paulo.

Fazia frio em São Paulo...
Nevava.
O medo, com sua capa,
Nos dissimula e nos berça.

Fiquei com medo de ti,
Meu companheiro moreno.
De nós, de vós, e de tudo.
Estou com medo da honra.

Assim nos criam burgueses.
Nosso caminho: traçado.

Por que morrer em conjunto?
E se todos nós vivêssemos?

Vem, harmonia do medo,
Vem ó terror das estradas,
Susto na noite, receio
De águas poluídas. Muletas

Do homem só.
Ajudai-nos, lentos poderes do
Láudano.
Até a canção medrosa se parte,
Se transe e cala-se.

Faremos casas de medo,
Duros tijolos de medo,
Medrosos caules, repuxos,
Ruas só de medo, e calma.

E com asas de prudência
Com resplendores covardes,
Atingiremos o cimo
De nossa cauta subida.

O medo com sua física,
Tanto produz: carcereiros,
Edifícios, escritores,
Este poema,
Outras vidas.

Tenhamos o maior pavor.
Os mais velhos compreendem.
O medo cristalizou-os.
Estátuas sábias, adeus.





Adeus: vamos para a frente,
Recuando de olhos acesos.
Nossos filhos tão felizes...
Fiéis herdeiros do medo,

Eles povoam a cidade.
Depois da cidade, o mundo.
Depois do mundo, as estrelas,
Dançando o baile do medo.

A flor e a náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.



Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Nosso Tempo

I
Esse é tempo de partido,
tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra.

Visito os fatos, não te encontro.
Onde te ocultas, precária síntese,
penhor de meu sono, luz



dormindo acesa na varanda?
Miúdas certezas de empréstimos, nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me
a cidade dos homens completos.

Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!
Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir.

II
Esse é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços,
obscenos gestos avulsos.

Mudou-se a rua da infância.
E o vestido vermelho
vermelho
cobre a nudez do amor,
ao relento, no vale.

Símbolos obscuros se multiplicam.
Guerra, verdade, flores?
Dos laboratórios platônicos mobilizados
vem um sopro que cresta as faces
e dissipa, na praia, as palavras.

A escuridão estende-se mas não elimina
o sucedâneo da estrela nas mãos.
Certas partes de nós como brilham! São unhas,
anéis, pérolas, cigarros, lanternas,
são partes mais íntimas,
e pulsação, o ofego,
e o ar da noite é o estritamente necessário



para continuar, e continuamos.

III

E continuamos. É tempo de muletas.
Tempo de mortos faladores
e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,
mas ainda é tempo de viver e contar.
Certas histórias não se perderam.
Conheço bem esta casa,
pela direita entra-se, pela esquerda sobe-se,
a sala grande conduz a quartos terríveis,
como o do enterro que não foi feito, do corpo esquecido na mesa,
conduz à copa de frutas ácidas,
ao claro jardim central, à água
que goteja e segreda
o incesto, a bênção, a partida,
conduz às celas fechadas, que contêm:
papéis?
crimes?
moedas?

Ó conta, velha preta, ó jornalista, poeta, pequeno historiador urbano,
ó surdo-mudo, depositário de meus desfalecimentos, abre-te e conta,
moça presa na memória, velho aleijado, baratas dos arquivos, portas
rangentes, solidão e asco,
pessoas e coisas enigmáticas, contai;
capa de poeira dos pianos desmantelados, contai;
velhos selos do imperador, aparelhos de porcelana partidos, contai;
ossos na rua, fragmentos de jornal, colchetes no chão da
costureira, luto no braço, pombas, cães errantes, animais caçados, contai.
Tudo tão difícil depois que vos calastes...
E muitos de vós nunca se abriram.

IV

É tempo de meio silêncio,
de boca gelada e murmúrio,
palavra indireta, aviso
na esquina. Tempo de cinco sentidos
num só. O espião janta conosco.



É tempo de cortinas pardas,
de céu neutro, política
na maçã, no santo, no gozo,
amor e desamor, cólera
branda, gim com água tônica,
olhos pintados,
dentes de vidro,
grotesca língua torcida.
A isso chamamos: balanço.

No beco,
apenas um muro,
sobre ele a polícia.
No céu da propaganda
aves anunciam
a glória.
No quarto,
irrisão e três colarinhos sujos.

V

Escuta a hora formidável do almoço
na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.
As bocas sugam um rio de carne, legumes e tortas vitaminosas.
Salta depressa do mar a bandeja de peixes argênteos!
Os subterrâneos da fome choram caldo de sopa,
olhos líquidos de cão através do vidro devoram teu osso.
Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel, é tempo de comida,
mais tarde será o de amor.

Lentamente os escritórios se recuperam, e os negócios, forma indecisa,
evoluem.

O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.
Multidões que o cruzam não vêem. É sem cor e sem cheiro.
Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,
vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,
toma conta de tua alma e dela extrai uma porcentagem.

Escuta a hora espandongada da volta.
Homem depois de homem, mulher, criança, homem,
roupa, cigarro, chapéu, roupa, roupa, roupa,





homem, homem, mulher, homem, mulher, roupa, homem,
imaginam esperar qualquer coisa,
e se quedam mudos, escoam-se passo a passo, sentam-se,
últimos servos do negócio, imaginam voltar para casa,
já noite, entre muros apagados, numa suposta cidade, imaginam.
Escuta a pequena hora noturna de compensação, leituras, apelo ao cassino,
passeio na praia,
o corpo ao lado do corpo, afinal distendido,
com as calças despido o incômodo pensamento de escravo,
escuta o corpo ranger, enlaçar, refluir,
errar em objetos remotos e, sob eles soterrados sem dor,
confiar-se ao que bem me importa
do sono.

Escuta o horrível emprego do dia
em todos os países de fala humana,
a falsificação das palavras pingando nos jornais,
o mundo irreal dos cartórios onde a propriedade é um bolo com flores,
os bancos triturando suavemente o pescoço do açúcar,
a constelação das formigas e usurários,
a má poesia, o mau romance,
os frágeis que se entregam à proteção do basilisco,
o homem feio, de mortal feiúra,
passeando de bote
num sinistro crepúsculo de sábado.

VI

Nos porões da família
orquídeas e opções
de compra e desquite.
A gravidez elétrica
já não traz delíquios.
Crianças alérgicas
trocam-se; reformam-se.
Há uma implacável
guerra às baratas.
Contam-se histórias
por correspondência.
A mesa reúne
um copo, uma faca,





e a cama devora
tua solidão.
Salva-se a honra
e a herança do gado.

VII

Ou não se salva, e é o mesmo. Há soluções, há bálsamos
para cada hora e dor. Há fortes bálsamos,
dores de classe, de sangrenta fúria
e plácido rosto. E há mínimos
bálsamos, recalçadas dores ignóbeis,
lesões que nenhum governo autoriza,
não obstante doem,
melancolias insubornáveis,
ira, reprovação, desgosto
desse chapéu velho, da rua lodosa, do Estado.
Há o pranto no teatro,
no palco ? no público ? nas poltronas ?
há sobretudo o pranto no teatro,
já tarde, já confuso,
ele embacia as luzes, se engolfa no linóleo,
vai minar nos armazéns, nos becos coloniais onde passeiam ratos noturnos,
vai molhar, na roça madura, o milho ondulante,
e secar ao sol, em poça amarga.
E dentro do pranto minha face trocista,
meu olho que ri e despreza,
minha repugnância total por vosso lirismo deteriorado,
que polui a essência mesma dos diamantes.

VIII

O poeta
declina de toda responsabilidade
na marcha do mundo capitalista
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas
prometa ajudar
a destruí-lo
como uma pedreira, uma floresta
um verme.



BERTOLT BRECHT (Alemanha, 1898-1956)

(Traduções de Paulo Cesar de Souza)

Aos que hesitam

Você diz:

Nossa causa vai mal.

A escuridão aumenta. As forças diminuem.

Agora, depois que trabalhamos por tanto tempo

Estamos em situação pior que no início.

Mas o inimigo está aí, mais forte do que nunca.

Sua força parece ter crescido. Ficou com aparência de invencível.

Mas nós cometemos erros, não há como negar.

Nosso número se reduz. Nossas palavras de ordem

Estão em desordem. O inimigo

Distorceu muitas de nossas palavras

Até ficarem irreconhecíveis.

Daquilo que dissemos, o que é agora falso:

Tudo ou alguma coisa?

Com quem contamos ainda? Somos o que restou, lançados fora

Da corrente viva? Ficaremos para trás

Por ninguém compreendidos e a ninguém compreendendo?

Precisamos ter sorte?

Isto você pergunta. Não espere

Nenhuma resposta senão a sua.

Toma o teu lugar na mesa

Toma o teu lugar na mesa, foste tu que a puseste.

A partir de hoje vestirá o vestido aquela que o coseu.

Hoje ao meio dia em ponto

Começa a idade de ouro.

Nós vamos inaugurar-la por sabermos que

Estais fartos de construir casas

Que jamais habitas. Queremos crer

Que doravante ireis comer o pão que cozestes.



Mãe, que o teu filho coma.
A guerra foi anulada. Pensamos que isso
Seria melhor para ti. Porque, dissemos com os nossos botões,
Adiar ainda mais a idade de ouro?
Nós não somos eternos

Perguntas de um trabalhador que lê

Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis:
Arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia várias vezes destruída
Quem a reconstruiu tantas vezes?

Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou
pronta?

A grande Roma está cheia de arcos do triunfo:
Quem os ergueu?
Sobre quem triunfaram os Césares?

A decantada Bizâncio
Tinha somente palácios para os seus habitantes?

Mesmo na lendária Atlântida
Os que se afogavam
gritaram por seus escravos
Na noite em que o mar a tragou?

O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?

César bateu os gauleses.
Não levava sequer um cozinheiro?



Filipe da Espanha chorou,
quando sua Armada naufragou.
Ninguém mais chorou?

Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?
Cada página uma vitória.
Quem cozinhou o banquete?

A cada dez anos um grande Homem.
Quem pagava a conta?

Tantas histórias.
Tantas questões.

Elogio do Aprendizado

Aprenda o mais simples!
Para aqueles cuja hora chegou
Nunca é tarde demais!
Aprenda o ABC; não basta, mas aprenda!
Não desanime! Comece! É preciso saber tudo!
Você tem que assumir o comando!
Aprenda, homem no asilo!
Aprenda, homem na prisão!
Aprenda, mulher na cozinha!
Aprenda, ancião!
Você tem que assumir o comando!
Frequente a escola, você que não tem casa!
Adquira conhecimento, você que sente frio!
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.
Você tem que assumir o comando.
Não se envergonhe de perguntar, camarada!
Não se deixe convencer!
Veja com seus próprios olhos!
O que não sabe por conta própria, não sabe.
Verifique a conta. É você que vai pagar.
Ponha o dedo sobre cada item
Pergunte: o que é isso?
Você tem que assumir o comando.



De que Serve a Bondade

(Tradução de Paulo Quintela)

1

De que serve a bondade

Quando os bondosos são logo abatidos, ou são abatidos

Aqueles para quem foram bondosos?

De que serve a liberdade

Quando os livres têm que viver entre os não-livres?

De que serve a razão

Quando só a sem-razão arranja a comida de que cada um precisa?

2

Em vez de serdes só bondosos, esforçai-vos

Por criar uma situação que torne possível a bondade, e melhor;

A faça supérflua!

Em vez de serdes só livres, esforçai-vos

Por criar uma situação que a todos liberte

E também o amor da liberdade

Faça supérfluo!

Em vez de serdes só razoáveis, esforçai-vos

Por criar uma situação que faça da sem-razão dos indivíduos

Um mau negócio!

Aos que virão depois de nós

I

Eu vivo em tempos sombrios.

Uma linguagem sem malícia é sinal de
estupidez,

uma testa sem rugas é sinal de indiferença.

Aquele que ainda ri é porque ainda não
recebeu a terrível notícia.

Que tempos são esses, quando

falar sobre flores é quase um crime.

Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?



Aquele que cruza tranqüilamente a rua
já está então inacessível aos amigos
que se encontram necessitados?

É verdade: eu ainda ganho o bastante para viver.
Mas acreditem: é por acaso. Nado do que eu faço
Dá-me o direito de comer quando eu tenho fome.
Por acaso estou sendo poupado.
(Se a minha sorte me deixa estou perdido!)

Dizem-me: come e bebe!
Fica feliz por teres o que tens!
Mas como é que posso comer e beber,
se a comida que eu como, eu tiro de quem tem fome?
se o copo de água que eu bebo, faz falta a
quem tem sede?
Mas apesar disso, eu continuo comendo e bebendo.

Eu queria ser um sábio.

Nos livros antigos está escrito o que é a sabedoria:
Manter-se afastado dos problemas do mundo
e sem medo passar o tempo que se tem para
viver na terra;
Seguir seu caminho sem violência,
pagar o mal com o bem,
não satisfazer os desejos, mas esquecê-los.
Sabedoria é isso!
Mas eu não consigo agir assim.
É verdade, eu vivo em tempos sombrios!

II
Eu vim para a cidade no tempo da desordem,
quando a fome reinava.
Eu vim para o convívio dos homens no tempo
da revolta
e me revoltei ao lado deles.
Assim se passou o tempo
que me foi dado viver sobre a terra.
Eu comi o meu pão no meio das batalhas,



deitei-me entre os assassinos para dormir,
Fiz amor sem muita atenção
e não tive paciência com a natureza.
Assim se passou o tempo
que me foi dado viver sobre a terra.

III

Vocês, que vão emergir das ondas
em que nós perecemos, pensem,
quando falarem das nossas fraquezas,
nos tempos sombrios
de que vocês tiveram a sorte de escapar.

Nós existíamos através da luta de classes,
mudando mais seguidamente de países que de
sapatos, desesperados!
quando só havia injustiça e não havia revolta.

Nós sabemos:
o ódio contra a baixeza
também endurece os rostos!
A cólera contra a injustiça
faz a voz ficar rouca!
Infelizmente, nós,
que queríamos preparar o caminho para a
amizade,
não pudemos ser, nós mesmos, bons amigos.
Mas vocês, quando chegar o tempo
em que o homem seja amigo do homem,
pensem em nós
com um pouco de compreensão.

Quem Se Defende

Quem se defende porque lhe tiram o ar
Ao lhe apertar a garganta, para este há um parágrafo
Que diz: ele agiu em legitima defesa. Mas
O mesmo parágrafo silencia
Quando vocês se defendem porque lhes tiram o pão.
E no entanto morre quem não come, e quem não come
o suficiente



Morre lentamente. Durante os anos todos em que morre
Não lhe é permitido se defender.

Mas quem é o partido?

Mas quem é o partido?

Ele fica sentado em uma casa com telefones?

Seus pensamentos são secretos, suas decisões
desconhecidas?

Quem é ele?

Nós somos ele.

Você, eu, vocês – nós todos.

Ele veste sua roupa, camarada, e pensa com a sua cabeça

Onde moro é a casa dele, e quando você é atacado
ele luta.

Mostre-nos o caminho que devemos seguir, e nós

O seguiremos como você, mas

Não siga sem nós o caminho correto

Ele é sem nós

O mais errado.

Não se afaste de nós!

Podemos errar, e você pode ter razão, portanto

Não se afaste de nós!

Que caminho curto é melhor que o longo, ninguém
nega

Mas quando alguém conhece

E não é capaz de mostrá-lo a nós, de que nos serve
sua sabedoria?

Seja sábio conosco!

Não se afaste de nós!



HANS MAGNUS ENZENSBERGER (Alemanha, 1929)

Segurança Nacional

(tradução de Kurt Scharf;
e Armindo Trevisan)

Tento levantar a tampa,
é lógico: a tampa
que fecha a minha caixa.
Não é um caixão, isso não,
é um pacote, uma cabina,
numa palavra: uma caixa.

Você sabem exatamente o que
quero dizer
dizendo caixa,
não banquem os bobos,
apenas falo em
uma caixa normal e corrente,
também não mais escura que a sua.

Portanto, quero sair, bato,
martelo contra a tampa

suspiro: Mais luz, respiro
com dificuldade, é lógico,
golpeio com força contra a fresta.
Está bem.

Mas por motivos de segurança está
fechada,
a minha caixa, ela não se abre,
a minha caixa de sapato tem uma
tampa,
mas é bastante pesada essa tampa,
por motivos de segurança,
porque se trata aqui
de um recipiente, de uma arca de
aliança,

de um cofre. Não consigo.

A libertação se consegue, é lógico,
apenas com forças unidas.
Mas por motivos de segurança
estou sozinho comigo na minha
caixa,
na minha própria caixa.

A cada um o seu! Para escapar,
com as forças unidas, da própria
caixa,
eu já deveria, é lógico,
haver escapado da própria caixa
e isso vale, é lógico,
para todos.

Portanto pressiono a tampa
com minha própria nuca. Agora!
O espaço de uma fresta! Ah! Ali
fora,
grandiosa, a ampla paisagem
coberta de latas, galões,
enfim, de caixas, e atrás delas
as ondas verdes que se balançam
afoitas,
lacradas por malas à prova de mar,
as nuvens numa altura inaudita
acima, e por toda parte, toda, o ar!

Deixem-me sair, grito, portanto,
afrouxando, contra toda evidência,
a língua saburrosa, coberto de suor.



Fazer o sinal-da-cruz, nem pensar!
Acenar, não dá, as mãos não estão
livres.
Cerrar o punho, impossível.

meu próprio pesar,
equanto com um plup abafado
a tampa se fecha de novo,
por motivos de segurança,
sobre mim.

Portanto, me pesa, eu chamo,
expresso meu pesar, ai de mim!,

Breve história da burguesia

(tradução de Kurt Scharf; Armindo Trevisan)

Este foi o momento, quando nós,
sem nos apercebermos, durante cinco minutos
estávamos imensamente ricos, generosamente
refrigerados com a eletricidade no verão,
ou caso fosse o inverno,
a lenha, trazida de longe via aérea, ardia
em lareiras estilo renascentista. Curioso:
havia tudo, vindo por avião,
de certa maneira automaticamente. Elegantes
éramos, ninguém nos aturava.
Jogávamos pelas janelas concertos de solistas,
chips, orquídeas embrulhadas em celofane. Nuvens
que diziam: “Eu”. Únicos!

Íamos a todas as partes em vôos de carreira. Mesmo os nossos suspiros
eram pagos com cartões de crédito. Xingávamos
como galhas, todos ao mesmo tempo. Cada um
guardava a sua própria desgraça debaixo do assento,
à mão. Que pena!
Era tão prático. A água
corria à toa das torneiras.
Lembram-se? Simplesmente atordoados
por nossos sentimentos minúsculos
comíamos pouco. Se soubéssemos
que tudo passaria
em cinco minutos, teríamos saboreado
bem mais, muito mais, o roast-beef Wellington.



Para o livro de literatura de segundo grau (tradução de Kurt Scharf; Armindo Trevisan)

Não leia odes, meu filho, lê os horários
(dos trens, dos ônibus, dos aviões):
são mais exatos. Abre os mapas náuticos
antes que seja tarde demais. Sê vigilante, não cantes.
Chegará o dia em que eles, de novo, pregarão listas
no portão e desenharão marcas no peito daqueles que dizem
não. Aprende a ir incógnito, aprende mais do que eu:
a mudar de bairro, de passaporte, de rosto.
Entende da pequena traição,
da salvação suja de todos os dias. Úteis
são as encíclicas para se fazer fogo,
e os manifestos: para a manteiga e sal
dos indefesos. É preciso raiva e paciência
para se soprar nos pulmões do poder
o fino pó mortal, moído
por aqueles, que aprenderam muito,
que são exatos por ti.

Defesa dos lobos contra os cordeiros (Tradução de Afrânio Novaes)

deve o abutre se alimentar de flores?
o que exigis do chagal?
que ele mude de pele? e do lobo? que
ele mesmo limpe os dentes?
o que não apreciáis
nos coronéis e nos papas?
o que vos deixa perplexos
na tela mentirosa?

quem irá então costurar para o general
a condecoração sanguinária em sua calça? quem
irá fatiar o capão diante do agiota?
quem irá ostentar orgulhoso a cruz-de-ferro
diante da barriga que ronca? quem
irá pegar a gorjeta, a soma,



a propina? há
muitos roubados, poucos ladrões; quem
então os aplaude? quem
lhes coloca a insígnia? quem
é ávido pela mentira?

vede no espelho: covardes,
que evitam a fadiga da verdade,
avessos ao aprender, o pensar
é deixado a critério dos lobos,
a coleira é vossa jóia mais cara,
nenhuma ilusão é tão estúpida, nenhum
consolo é tão barato, qualquer chantagem
ainda é para vós branda demais.

cordeiros, irmãs são
as gralhas comparadas a vós:
cegais uns aos outros.
a irmandade reina
entre os lobos:
eles vão em bandos.

louvados sejam os predadores: vós,
convidativos ao estupro,
vos atirais sobre o leito negligente
da obediência. mentis e ainda
soltais ganidos. quereis
ser estraçalhados. vós
não mudais o mundo.



**Canção daqueles a quem tudo diz
respeito e que já sabem de tudo**
(tradução de Cide Piquet)

Que algo precisa ser feito e
de certo agora mesmo
isso já sabemos
mas que ainda é cedo demais para
fazer alguma coisa
mas que já é tarde demais para

fazer alguma coisa
isso já sabemos

e que tudo está bem
e que vamos levando
e que tudo é inútil
isso já sabemos

e que somos culpados
e que não somos responsáveis por
sermos culpados
e que somos culpados por não
sermos responsáveis
e que isso nos basta
isso já sabemos

e que talvez fosse melhor calar a
boca
e que não vamos calar a boca
isso já sabemos
isso já sabemos

e que não podemos ajudar
ninguém
e que ninguém pode nos ajudar
isso já sabemos

e que somos dotados
e que temos a escolha entre nada

e mais nada
e que precisamos analisar esse
problema a fundo
e que tomamos o chá com dois
torrões de açúcar
isso já sabemos

e que somos contra a opressão
e que o cigarro vai subir de preço
isso já sabemos

e que toda vez sabemos no que
vai dar
e que toda vez acabamos por ter
razão
e que isso não dá em nada
isso já sabemos

e que tudo é verdade
isso já sabemos

e que foi tudo mentira
isso já sabemos

e que isso é tudo
isso já sabemos
e que sobreviver não é tudo senão
absolutamente nada
isso já sabemos
e que nós sobreviveremos
isso já sabemos
e que nada disso é novo
e que a vida é bela
isso já sabemos
isso já sabemos
isso já sabemos
e que já sabemos tudo isso
isso já sabemos





VINÍCIUS DE MORAES (Brasil, 1913-1980)

O operário em construção

E o Diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento de tempo todos os reinos do mundo. E disse-lhe o Diabo:

- Dar-te-ei todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem quero; portanto, se tu me adorares, tudo será teu.

E Jesus, respondendo, disse-lhe:

- Vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás.

Lucas, cap. V, vs. 5-8.

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava

Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facão -
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.



Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
- Exercer a profissão -
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.

E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
- "Convençam-no" do contrário -
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destinado
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspidado
Teve seu braço quebrado





Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
- Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer
Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas

E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

- Loucura! - gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
- Mentira! - disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.





CHARLES BUKOWSKI (EUA, 1920-1994)

(tradução de Jeff Vasques)

Os aliens

talvez você não acredite
mas há pessoas
que passam a vida
sem o menor
atrito ou
agonia
eles se vestem bem, comem
bem, dormem bem
estão satisfeitos com a vida
em família.
eles têm momentos de
melancolia
mas no geral
não são incomodados
e, frequentemente,
sentem-se
muito bem quando morrem
é uma morte fácil, geralmente,
dormem.
talvez você não acredite
porém essas pessoas existem.
mas eu não sou
uma delas
ah não, eu não sou
uma delas
eu nem chego perto
de ser
uma
delas

Notificação

Cidadãos do mundo
eu renuncio a vocês.

Eu renunciei
há muito tempo.
mas isto é uma notificação
formal
eu contra
você
uma ordem de
restrição.

Fodam-se
ressequem
desapareçam.

Não venham até
minha porta
com pizza
bucetas
ou ofertas de
paz.

É tarde demais.

A música
congelou no
ar
castrada pela
ausência de sua
presença.



VLADIMIR ILYICH ULYANOV (Rússia, 1870-1924) (tradução de Jeff Vasques)

Traduzido da versão em espanhol de Waldo Rojas (que partiu da versão em francês de Gregoire Alexinsky). O poema foi escrito durante a primavera de 1907, ano em que Lênin passou em Selvista, aldeia da Finlândia. Ali pode descansar um ano e meio da intensa atividade política quase sempre na clandestinidade. Durante sua estadia na aldeia manteve grandes discussões sobre literatura revolucionária e criação poética com Piotr Al. Para ilustrar essas discussões, Lênin escreveu em três dias este poema que seria publicado na revista de Ginebra Raduga (Arcoíris) dirigida por Piotr Al, mas a publicação se desfez antes de incluir em suas páginas este poema que seria assinada por "Um russo". Lênin aborda a revolução de 1905.

Tempestuoso ano aquele. Os Furacões sobrevoavam
o país inteiro. Se desatavam as nuvens carregadas,
sobre nós se precipitava a tempestade, e o granizo e o trovão.

Feridas

Se abriam nos campos e nas aldeias debaixo dos golpes do chicote
terrestre.

Estalavam os raios, os relâmpagos retumbavam violência.

O calor queimava sem piedade, os peitos estavam oprimidos

E o reflexo dos incêndios iluminava

as trevas mudas das noites sem estrelas

Transtornados os elementos e os homens,
os corações oprimidos por uma inquietude obscura,
ofegavam os peitos de angústia,
ressecadas as bocas se cerravam.

Mártires aos milhares morreram nas tempestades sangrentas,
mas não em vão sofreram eles o que sofreram, sua coroa de espinhos,
Pelo reino da mentira e das trevas, por entre escravos hipócritas,
eles passaram como as tochas do porvir.

Com traço de fogo, com um traço indelével,
eles gravaram diante de nós a via do martírio,
e na carta da vida, estamparam o selo do opróbio
sobre o jugo da escravidão e da vergonha das correntes...

O frio se intensificava. As folhas murchavam e caíam

E colhidas pelo vento se amontoavam em uma dança macabra.

Vem o Outono cinza e pútrido,

lacrimejante de chuva, sepultado de barro negro.





E para os homens a vida se fez detestável e opaca.
Vida e morte lhes foram igualmente insuportáveis,
Os rondavam sem trégua a cólera e angústia.
Frios e vazios e escuros seus corações como seus lares.
E de repente, a Primavera! Primavera em pleno Outono putrefeito,
A Primavera Vermelha descendo sobre nós, bela e luminosa,
Como um presente dos céus ao país triste e miserável,
Como uma mensageira da vida.

Uma aurora escarlate como uma manhã de maio
Se levantou no céu abafado e triste;
O sol vermelho, cintilante, com a espada de seus raios
Perfurou as nuvens e se dissipou a mortalha da bruma.

Como o fogo de um farol no abismo do mundo,
Como a chama do sacrifício no altar da natureza,
Aceso para a eternidade por uma mão desconhecida,
Conduziu até a luz os povos adormecidos.

Rosas vermelhas nasceram de sangue ardente,
flores de púrpura se abriram,
e sobre as tumbas esquecidas
trançaram coroas de glória.

Atrás do carro da liberdade,
e brandando a bandeira vermelha
fluiam multidões semelhantes a rios,
como o despertar das águas com a primavera.

Os estandartes vermelhos palpitavam sobre o cortejo,
se elevou o hino sagrado da liberdade
e o povo cantou com lágrimas de amor
uma marcha fúnebre para seus mártires.

Era um povo jubiloso,
seu coração transbordava de esperanças e de sonhos,
todos criam na liberdade que viria,
desde o sábio ancião até o adolescente.

Mas o despertar segue sempre ao sonho.





A realidade não tem piedade.
E à beatitude das fantasias e da embriaguez
segue a amarga decepção.

As forças das trevas se agarravam nas sombras,
arrastando e vaiando o povo. Esperavam.
E repentinamente fundiram seus dentes e suas navalhas,
nas costas e nos calcanhares dos valentes.
Os inimigos do povo, com suas bocas sujas,

Bebiam o sangue quente e puro
quando os inocentes amigos da liberdade
esgotados por penosas caminhadas,
foram pegos de surpresa, sonolentos e desarmados.

Se esfumaram os dias de luz,
os substitui uma série interminável e maldita de dias negros.
A luz da liberdade e os sol se extinguíram.
Um olhar de serpente espreita nas trevas.

Os assassinos sem escrúpulos, os progroms*, o lodo das denúncias,
são proclamados atos de patriotismo,
e o rebanho negro se regozija
com um cinismo sem freio,
(*progrom: assassinato e saqueio de judeus)

Salpicada com o sangue das vítimas da vingança,
mortas com um pérfido golpe
sem razão nem piedade,
vítimas conhecidas e desconhecidas.

No meio de vapores de álcool, maldizendo mostrando o punho,
com garrafas de vodka nas mãos, multidões de pilantras,

Correm, como um tropel de bestas,
Fazendo soar as moedas da traição,
E bailam uma dança de apaches.

Mas Emilinho*, o pobre idiota,
a quem as bombas tornaram mais tonto e assustadiço, treme como um
rato,





E em sua festança ajeita com aprumo a insígnia dos Cem Negros**.

**Yemelia:diminutivo de Yemelian (Emiliano), entre os russos é sinônimo de idiota*

*** Cem Negros:partido czarista, policial, anti-semita e reacionário, precursor russo do nazismo*

A risada lúgubre das corujas e das rapinas noturnas
Ressoam na escuridão das noites, anunciando a morte da liberdade e da
alegria,
E um Inverno cruel, com a neve tempestuosa,
Vem do reino dos gelos eternos.

Com suas neves espessas, semelhantes a uma mortalha branca,
O inverno voltou ao grande país.
Atando a Primavera com correntes de gelo,
O frio-verdugo lhe deu morte antes do tempo.
Como manchas de barro, por aqui e por ali, aparecem
As pequenas ilhas negras das aldeias miseráveis sepultadas abaixo das
neves.

A fome junto à miséria e ao frio pálido
Por toda parte se protegem nas moradas pestilentas.
Através da planura da neve sem fim,
Através das estepas, sem medida nem limite,
Onde o verão o vento ardente traz consigo um calor tórrido,
Nefastos temporais de neve vão e vêm como brancos pássaros de rapina.
A tempestade uiva como uma besta selvagem e de pele emaranhada,
Precipitando-se sobre tudo que conserve uma gota de vida,
E voa, com estrépito, como uma terrível serpente alada,
Para apagar da face da terra todo rastro de vida.

A tempestade dobra as árvores, quebra os bosques,
Amontoa a neve nas montanhas geladas.
Os animais se protegem em suas tocas.
Desapareceram as veredas e o viajante é engolido sem deixar rastros.

Magros lobos aparecem, famintos,
Erram sobre os passos da tempestade,
Ferozes, à presa se conduzem un aos outros,
Uivam à lua, e todo o vivo treme de espanto.
A coruja ri, o lechy* selvagem golpeia as mãos.
Ébrios, os demônios negros giram em torvelinho





E fazem estalar os ávidos lábios: sentem o cheiro de uma grande matança
E esperam o sinal sanguinolento.

(Lechy: espírito do bosque segundo os contos populares russos)

O gelo cobre tudo, morte em todas partes, tudo jaz rígido.
Toda vida parecia esfumada,
Uma fossa comum o mundo inteiro, uma fossa única.
Nem sequer as sombras da vida livre e luminosa.

Mas é ainda cedo para que a noite triunfe sobre o dia,
Para que a sepultura celebre sua festa de vitória sobre a vida
Ainda debaixo das cinzas se incuba a faísca.
A faísca que a vida reanimará com seu sopro.

A flor da liberdade quebrada e desonrada
foi pisoteada e morta está para sempre.
Os negros se regozijam ao ver aterrado o mundo da luz,
Mas na terra natal o fruto desta flor já espera no subsolo.

Nas entranhas da mãe o grão milagroso
Misterioso se conserva e invisível;
Há de ser alimentado pela terra, se reanimará na terra,
Para renascer para uma vida nova.

Levará o germe ardente da nova liberdade,
Fundirá a crosta do gelo, a fenderá,
Crescerá e -árvore gigante- iluminará o mundo com sua folhagem vermelha,
O mundo inteiro surgirá a sua luz, e debaixo de sua sombra
congregará a todos os povos.
As armas, irmãos! A felicidade está próxima! Coragem! Ao combate!
Adiante!
Desperta vossos espíritos! Expulsa de vossos corações o medo covarde e
servil!
Estreita vossas filas! Todos unidos contra os tiranos e os amos!
A sorte da vitória está em vossas poderosas mãos de trabalhadores!
Coragem! Este tempo de desgraças passará rápido!
Os levanta como um só contra os opressores da liberdade!
A Primavera chegará ... se aproxima ... já vem.
A vermelha liberdade, tão bela, tão desejada, caminha até nós!



Autocracia Nacionalismo Ortodoxia

Já demonstraram irrefutavelmente suas altas virtudes:
Em seu nome se nos golpeava, se nos golpeava, se nos golpeava,
Até o sangue mesmo se castigava aos mujiks*,
Se os quebravam os dentes,
Se sepultava aos homens nos presídios, encarcerados,
Se saqueava, se assassinava,
Para nosso bem, segundo a lei,
Para a glória do Czar e para a saúde do Império,
Os servidores do Czar davam de beber aos verdugos,
Com a vodka do Estado e o sangue do povo
Seus soldados regalavam a seus corvos de rapina.
*(*mujiks: campesinos russos)*

Se dava de beber aos executores das altas ordens,
Se alimentava a seus corvos de rapina
Com os cadáveres ainda tibios dos escravos rebeldes
E com os cadáveres dóceis dos escravos mais fiéis.

Com uma oração ardente, os servidores de Cristo
Regavam de água benta um bosque de horcas.

Hurra! Viva nosso Czar!
Com seu nó de marinheiro bem ensaboado e bem benzido!
Viva o escudeiro do Czar,
Com seu chicote, seu sabre e seu fuzil!

Soldados, afogai vossos remorsos
Em um pequeno copo de vodka!
Disparai, valentes, sobre as crianças e sobre as mulheres!
Matai o maior número possível de vossos irmãos para divertir ao papaizinho.

E se teu próprio pai cai sobre tuas balas,
Que se afogue em seu sangue, vertido pela mão de Caim!
Embrutecido pela vodka do Czar,
Mata a tua própria mãe, sem piedade!
O que temes tu?
Não é aos japoneses, a quem tens a sua frente.
Não temes senão a teus próximos, a teus próprios familiares,



E eles estão de todo desarmados.

Uma ordem se te dá, valete do Czar.
Sê como antes uma besta de carga, escravo eterno,
Enxuga tuas lágrimas com tua manga
E golpeia o solo com tua testa!
Oh, povo, fiel, feliz
Amado pelo Czar até a morte,
Suporta tudo e obedece até a morte ...
E fogo! Chicote! ... Golpeai...!
Deus: protege o povo,
Poderoso, majestoso!

Que nosso povo reine, fazendo suar de medo aos czares!

Com sua tropa sem glória Nosso Czar está desencadeado (desprotegido?),
Com sua matilha de servidores desprezados
Os lacaios sujos se festejam
Sem lavar o sangue de suas mãos.
Deus: protege o povo
Durante os dias sombrios!
E tu, povo, protege a Bandeira Vermelha!

Opressão sem limite!
Chicote da polícia!
Tribunais de sentenças súbitas
Como as salvas das metralhadoras!
Castigos e fuzilamentos,
Horrível bosque de forcas
Para castigar vossas rebeldias!

Lotadas estão as prisões,
Os deportados sofrem infinitudes,
As selvas desgarram a noite,
os abutres se saciam.
A dor e o duelo
Se estendem sobre o país natal.
Nem uma família alheia ao sofrimento!

Festeja com teus verdugos,
Déspota, teu banquete sangrento,





Roe, Vampiro, a carne do povo,
Com teus cães insaciáveis!

Semeia, Déspota, o fogo!
Monstro, bebe nosso sangue!
Levanta-te, Libertai!
Flameja, Bandeira Vermelha!

Vinga-os, castigai,
Torturai-nos uma última vez!
A hora do castigo está próxima!
Ja chega o tribunal. Saiba disso!

Pela liberdade
Iremos à morte, à morte,
Tomaremos o poder e a liberdade,
E a terra será do povo!

No combate desigual
Cairão vítimas sem nome!
Pelo trabalho livre,
Seus olhares flamejam ameaças.

Se lançam até o céu,
Eterno carrilhão do trabalho!
Golpeia, martelo, golpeia para sempre.
Pão! Pão! Pão!

No combate desigual
caíram vítimas sem nome pela libertação do trabalho.
Seus olhares flamejam ameaças...

Marchai, marchai, camponeses!
Vós não podeis viver sem a terra.
Os expulsaram os senhores,
os oprimirão ainda por muito tempo?
Marchai, marchai, estudantes!
Muitos de vós serão ceifados na luta.
Fitas vermelhas envolverão os ataúdes dos que caírem!

Marchai, marchai, famintos!





Marchai oprimidos!
Marchai humilhados!
Até a vida livre!

O jugo das bestas reinantes é nossa vergonha!
Expulsemos aos ratos de suas tocas!
Ao combate, proletário!
Abaixo todos os males!
Abaixo o czar e seu trono!

Já brilha a aurora da liberdade estrelada
e expande sua chama.
Os raios da felicidade e da verdade
aparecem ante os olhos do povo.
O sol da liberdade
nos iluminará através das nuvens.

O canalha do Czar,
“Debaixo das patas dos cavalos com eles!”,
Dirá a poderosa voz de toque ao rebanho
Glorificando a liberdade.
Destruiremos as abóbadas das prisões.
A justa cólera está rugindo,
A bandeira da libertação
Conduz a nossos combatentes.

Tortura, Okhrana*,
Chicote, cadafalso, abaixo!
Desacorrenta-te, combate de homens livres!
Morte aos tiranos!
(Okhrana:polícia secreta czarista)

Extirpemos pela raiz
o poder da autocracia.
Morrer pela liberdade é uma honra,
viver em correntes uma vergonha!
Deitemos por terra a escravidão,
a vergonha do servilismo.
Oh, liberdade, nos dê
a terra e a independência!